



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**



LETÍCIA DE MATOS DIAS

**PRÁTICAS CULTURAIS E IDENTIDADES COLETIVAS DA FOLIA DE REIS E DA
DANÇA DO CONGO EM SÃO JOSÉ DOS QUATRO MARCOS E VILA BELA DA
SANTÍSSIMA TRINDADE / MT**

CÁCERES - MT

2021

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

LETÍCIA DE MATOS DIAS

**PRÁTICAS CULTURAIS E IDENTIDADES COLETIVAS DA FOLIA DE REIS E DA
DANÇA DO CONGO EM SÃO JOSÉ DOS QUATRO MARCOS E VILA BELA DA
SANTÍSSIMA TRINDADE/MT**

Dissertação apresentada à Universidade do Estado de Mato Grosso como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Geografia, área de concentração “Dinâmica Espacial”, para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Edevaldo Aparecido Souza

CÁCERES/MT

2021

FICHA CATALOGRÁFICA

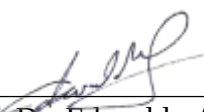
Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

D541p	DIAS, Letícia de Matos. Práticas Culturais e Identidades Coletivas da Folia de Reis e da Dança do Congo em São José dos Quatro Marcos e Vila Bela da Santíssima Trindade/MT / Letícia de Matos Dias - Cáceres, 2021. 160 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim) Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Acadêmico) Geografia, Faculdade de Ciências Humanas, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2021. Orientador: Edevaldo Aparecido Souza 1. Práticas Culturais. 2. Dança do Congo. 3. Folia de Reis. 4. São José dos Quatro Marcos. 5. Vila Bela da Santíssima Trindade. I. Letícia de Matos Dias. II. Práticas Culturais e Identidades Coletivas da Folia de Reis e da Dança do Congo em São José dos Quatro Marcos e Vila Bela da Santíssima Trindade/MT: . CDU 398
-------	---

**PRÁTICAS CULTURAIS E IDENTIDADES COLETIVAS DA FOLIA DE REISE
DA DANÇA DO CONGO EM SÃO JOSÉ DOS QUATRO MARCOS E VILA BELA
DA SANTÍSSIMA TRINDADE/MT**

Esta dissertação foi julgada e aprovada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

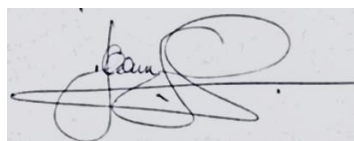
Cáceres, MT, 29 de julho de 2021.



Prof. Dr. Edevaldo Aparecido Souza
Orientador – Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT)



Prof. Dr. Aumeri Carlos Bampi
Avaliador Interno – Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)



Prof. Dr. José Carlos de Oliveira Soares
Avaliador Externo – Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)



Profª. Drª. Lorrane Gomes da Silva
Avaliadora Externa - Universidade do Estado de Goiás (UEG)



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CÁCERES – JANE VANINI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

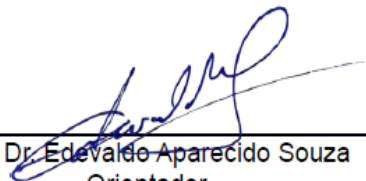


ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aos quatro dias do mês junho do ano de dois mil e vinte e um, a partir das oito horas, realizou-se via web conferência, a Banca de Defesa de Dissertação de Mestrado da aluna **Letícia de Matos Dias**, intitulada: **Identidades coletivas, relações e práticas da Folia de Reis e da Dança do Congo em São José dos Quatro Marcos e Vila Bela da Santíssima Trindade/MT**. A Banca Examinadora foi constituída pelo Prof. Dr. Edevaldo Aparecido Souza (Orientador), pelo Prof. Dr. Aumeri Carlos Bampi (Avaliador Interno), pelo Prof. Dr. José Carlos de Oliveira Soares (Avaliador Externo) e pela Profa. Dra. Lorrane Gomes da Silva (Avaliadora Externa). Após apresentação da mestranda e arguição dos membros da Banca o trabalho foi considerado **aprovado** pela Banca. Ao final foi lavrada a presente Ata, que segue assinada por mim, Prof. Dr. Edevaldo Aparecido Souza (Orientador).

Observações da Banca Examinadora:

A Letícia de Matos Dias deverá fazer as correções apresentadas como necessárias pela banca e, junto ao orientador, definir as que poderão acatar das observações postas como sugestões para o melhoramento do texto de dissertação.



Prof. Dr. Edevaldo Aparecido Souza
Orientador

Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)



Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO)
Av. Santos Dumont, s/n, CEP: 78.200-000 Cáceres - MT.
E-mail: ppggeo@unemat.br

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso

DEDICATÓRIA

A meus pais Marlene de Matos Dias e João Dias Pereira, que sempre participaram, desde o início dos meus estudos, de forma indireta, para que obtivesse sucesso em todas as etapas. Em especial, à Companhia de Reis do Barreirão e ao Grupo da Dança do Congo, que representam manifestações da cultura popular em Mato Grosso de forma única e admirável.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida que me concedeu e entendimento intelectual para que fosse possível concluir esta etapa tão importante em minha vida!

Ao meu orientador Prof. Dr. Edevaldo Aparecido Souza, pela amizade, paciência, atenção e disponibilidade para me auxiliar e orientar durante todo o processo de pesquisa!

Ao Prof. Dr. José Carlos de Oliveira Soares, pelas contribuições e constantes reflexões quanto à Teoria e Métodos em pesquisas geográficas.

Aos meus pais, Marlene de Matos Dias e João Dias Pereira pelo apoio constante para que pudesse ser possível a conclusão desta etapa!

À minha cunhada Keycinara Batista de Lima e meu irmão Adeilton de Matos Dias, que apesar da distância e diferenças em linhas de pesquisa, sempre estivemos nos apoiando no âmbito acadêmico.

Aos meus amigos foliões da Companhia do Barreirão, com quem tenho a sorte de conviver desde o início da minha vida acadêmica. Amizades, piadas, conversas, tristezas, socializações, festas, são tantas lembranças desse povo!

Aos colegas que conheci durante o período de Pós-Graduação pela PPGGEO-Unemat/2019. Pela parceria, risos, festas e socialização, compartilhamento de ideias e informações, angustias, prazos, conquistas...!!!

Ao grupo da Dança do Congo em Vila Bela da Santíssima Trindade/MT, pelo acolhimento, hospitalidade e disponibilidade em participar desta pesquisa!

Aos amigos maravilhosos que conheci durante o campo em Vila Bela da Santíssima Trindade! Lucimara Poquiviqui de Oliveira, Denildo da Silva Costa, Cleoney Geraldês de Paula, Divino Altair Villas Boas, Daniel Geraldês de Paula... e tantos outros não menos importantes, que acabaram se tornando pessoas fundamentais para a realização dos trabalhos no referido município!

Eterna gratidão a todas (os)!

Posso aprender com a minha experiência meditada e com a do outro. Vivência é intransferível, experiência é transferível. Eu não posso aprender com a vivência de outra pessoa, mas posso aprender com a experiência por ela relatada. E posso trazer esse ensinamento para a minha vivência, nada me impede de aprender com as experiências refletidas dos outros [...] o aprendizado se dá quando eu olho para dentro de mim e para fora de mim. Eu costumo dizer que só é um bom ensinante quem for um bom aprendiz (CORTELLA, 2018. p. 111-112).

SOBRE A AUTORA

Letícia de Matos Dias, filha de Marlene de Matos Dias e João Dias Pereira, residentes no município de São José dos Quatro Marcos-MT, nasceu em 11 de dezembro de 1990, na cidade de São José dos Quatro Marcos-MT, irmã de Adeilton de Matos Dias e cunhada de Keycinara Batista de Lima.

Graduada em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) durante os anos 2014-2018. Bolsista Pibic durante os 2º e 3º Semestres, período de desenvolvimento inicial em pesquisas e leituras científicas, experiências prático-teóricas, relacionadas ao desenvolvimento econômico regional e pecuarização da região sudoeste de Mato Grosso, sob orientação do Prof. Dr. Evaldo Ferreira. Atuei como educadora na Educação Básica no município de São José dos Quatro Marcos-MT, durante os anos de 2019 e 2020, no Ensino Fundamental II.

Tive uma educação cristã protestante, porém, desde criança tive contato com as manifestações culturais, na época em que residia em áreas rurais e os vizinhos eram devotos de Santos Reis. Após me mudar para a área urbana no ano de 2001, residi em frente ao local de realização da Festa de Reis no município de São José dos Quatro Marcos-MT. A convivência com tais representações populares foi constante e de forma leiga e curiosa por muitos anos, vindo, então, a despertar o senso crítico e científico sobre estas práticas culturais na época de Conclusão de Curso, na Graduação.

Nos anos que se sucederam, foram constantes períodos de imersão e convivência participativa entre as culturas populares, concretizando a minha própria identificação de pesquisadora como uma pessoa de costumes hibridizados e dinâmicos. Como defensora das culturas populares, igualdade e equidade entre os povos de nosso país e região, compreendo que muitas práticas culturais populares ainda necessitam de maior visibilidade, respeito e divulgação, pois fazem parte de nossas histórias e formação social durante os tempos.

Desse modo, concluí a Graduação em junho de 2018, com um trabalho dedicado ao Reisado no município de São José dos Quatro Marcos-MT, como forma de contribuição às posteriores análises locais relacionadas à Geografia Cultural, sendo aprovada no Processo Seletivo de Mestrado da PPGGEO (UNEMAT) no mesmo ano, tendo como proposta o aprofundamento de estudos pertinente às culturas tradicionais populares da nossa região.

Assim posto, apresento os resultados finais da minha pesquisa para apreciação e avaliação na banca de defesa da dissertação.

LISTA DE ABREVIATURAS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

OMS – Organização Mundial da Saúde

PPGGEO – Programa de Pós-Graduação em Geografia

UEG – Universidade Estadual de Goiás

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Sistematização de práticas e saberes do giro da Folia de Reis.....	44
Quadro 2	Sistematização de práticas durante o encontro de bandeiras.....	98

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Mapa com localização das áreas de estudo.....	19
Figura 2	Composição da Folia de Reis em São José dos Quatro Marcos no início do giro 2019/2020.....	34
Figura 3	Representações subjetivas dos palhaços.....	37
Figura 4	Representações metódicas da Folia de Reis.....	40
Figura 5	Passos iniciais da Meia-lua.....	41
Figura 6	Representação simbólica e subjetiva da Estrela.....	42
Figura 7	Representação simbólica dos arcos.....	47
Figura 8	Representatividade negra na Dança do Congo.....	57
Figura 9	Soldados enfileirados, Secretário de Guerra e Canjinjim no centro.....	59
Figura 10	Representações simbólicas de sujeitos do Congo.....	60
Figura 11	Representação e caracterização dos sujeitos.....	61
Figura 12	Representação do Embaixador e Secretário de Guerra do Congo.....	62
Figura 13	Simbologia e representação da coroação de Rei e Rainha.....	63
Figura 14	Objetos sagrados utilizados durante a coroação do Rei e Rainha.....	64
Figura 15	Sincretismo religioso entre autoridades eclesiais e a prática cultural da Dança do Congo.....	65
Figura 16	Originalidade e africanidade do Congo em Vila Bela da Santíssima Trindade/MT.....	67
Figura 17	Mosaico das representações da encenação do Congo.....	71
Figura 18	Projeto do Congódromo em Vila Bela da Santíssima Trindade/MT.....	74
Figura 19	Levantamento do mastro e sincretismo religioso.....	79
Figura 20	Mosaico dos cortejos da Alvorada pelas ruas de Vila Bela da Santíssima Trindade/MT.....	81
Figura 21	O Congo na residência do Embaixador Antônio Carneiro Geraldês.....	83
Figura 22	Sincretismo religioso na missa a São Benedito.....	85
Figura 23	Soldados do Congo em representação abstrata do lugar.....	88
Figura 24	Momentos de epifania na construção da identidade dos lugares.....	91
Figura 25	A identidade cultural como forma de apropriação do lugar.....	97
Figura 26	Átimo subjetivo de representação da Folia de Reis em visita ao Presépio....	99
Figura 27	Representação dos soldados dançantes do Congo durante encenação na porta da Igreja.....	123

RESUMO

DIAS, L. M. Práticas culturais e identidades coletivas da Folia de Reis e da Dança do Congo em São José dos Quatro Marcos e Vila Bela da Santíssima Trindade/MT. 2021. 160 folhas. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres/MT, 2021.

A presente pesquisa teve como objetivo principal entender como as práticas culturais da Folia de Reis em São José dos Quatro Marcos/MT e da Dança do Congo em Vila Bela da Santíssima Trindade/MT instituem identidades coletivas, bem como suas respectivas relações nas formas de organização do lugar. A pesquisa foi realizada com sujeitos integrantes destas práticas culturais. Para tanto, fez-se inicialmente um levantamento bibliográfico sobre os temas propostos, seguidos de descrição das práticas culturais e religiosas permeadas por arguições teóricas, algumas percepções sobre o contexto da pandemia da Covid-19 e suas influências nas festas religiosas. No que tange ao suporte teórico metodológico desta pesquisa, optou-se pelo método de observação participante, valorizando, inclusive, a informalidade na captação das informações durante a realização das atividades de campo, além de entrevistas semiestruturadas, caderno de campo, registros fotográficos, áudio e vídeo. Diante dos dados obtidos, foram descritas as práticas culturais religiosas da Folia de Reis e da Dança do Congo, tendo a vivência dos sujeitos como princípio norteador, em consonância com a observação participante, o que tornou possível perceber as especificidades dos contextos históricos, sociais, políticos e culturais. No tocante à singularidade dos lugares e espaços vividos com suas respectivas práticas e representações culturais, destacam-se as discrepâncias dos contextos políticos de formação dos municípios, sendo Vila Bela da Santíssima Trindade correlacionado ao período colonial e São José dos Quatro Marcos associado à Marcha para o Oeste. Assim, constata-se que a maior parte das culturas brasileiras, de modo geral, tem em seu quadro inicial, influências e elementos portugueses, africanos e indígenas com variantes, conforme as localizações, modo de colonização e ocupação dos lugares. Desse modo, em Vila Bela da Santíssima Trindade/MT a formação de identidade cultural remonta ao processo de resistência desde o período escravagista, enquanto em São José dos Quatro Marcos/MT nota-se a influência adquirida de praticantes de outros estados do país, a partir de visitas e migrantes na região. Outro ponto relevante e semelhante entre as duas práticas culturais é o sincretismo religioso, o que também determina até a atualidade os modos e meneios presentes nas representações e simbologias. Logo, pôde-se observar que a diversidade religiosa, apesar de ainda inibida, ao considerar a população total dos municípios, constituiu-se em uma prática fundante e essencial para organização dos modos de vida de um povo, sendo possível afirmar que a pandemia do Coronavírus e suas subsequentes medidas sanitárias trouxeram ressignificações nas práticas sociais e culturais de todas as pessoas, de modo específico às práticas culturais deste presente estudo. Portanto, notou-se uma constante nostalgia e resgate de memórias em uma forma constante e emotiva.

Palavras-chave: Práticas culturais. Dança do Congo. Folia de Reis. São José dos Quatro Marcos. Vila Bela da Santíssima Trindade.

ABSTRACT

DIAS, L. M. Cultural practices and collective identities of Folia de Reis and Congo Dance in São José dos Quatro Marcos and Vila Bela da Santíssima Trindade/MT. 2021. 160 sheets. Dissertation (Masters in Geography) – State University of Mato Grosso, Cáceres/MT, 2021.

The main objective of this research was to understand how the cultural practices of the Folia de Reis in São José dos Quatro Marcos/MT and of the Dance of the Congo in Vila Bela da Santíssima Trindade/MT institute collective identities, as well as their relationship respective in the forms of organization of the place. The research was carried out with subjects that are part of these cultural practices. To do so, a bibliographical survey was made about the proposed themes, followed by a description of the cultural and religious practices permeated by theoretical arguments, some perceptions about the context of the Covid-19 pandemic and its influences on religious celebrations. In what concerns the theoretical methodological support of this research, we chose the participant observation method, including the informality in capturing information during the field activities, as well as semi-structured interviews, field notebook, photographic records, audio and video. Based on the data obtained, the religious cultural practices of the Folia de Reis and the Dança do Congo were described, with the experience of the subjects as the guiding principle, in line with the participant observation, which made it possible to perceive the specificities of the historical, social, political, and cultural contexts. About the uniqueness of the places and spaces experienced with their respective practices and cultural representations, the discrepancies of the political contexts of formation of the municipalities stand out, with Vila Bela da Santíssima Trindade correlated to the colonial period and São José dos Quatro Marcos associated with the March to the West. Thus, it can be seen that most Brazilian cultures, in general, have in their initial framework, Portuguese, African, and indigenous influences and elements, with variations, according to the locations, colonization mode, and occupation of the places. Thus, in Vila Bela da Santíssima Trindade/MT the formation of cultural identity goes back to the resistance process since the slavery period, while in São José dos Quatro Marcos/MT the influence acquired from practitioners from other states in the country, from visits and migrants in the region. Another relevant and similar point between the two cultural practices is the religious syncretism, which also determines to this day the ways and means present in the representations and symbologies. Therefore, it was possible to observe that religious diversity, although still inhibited, when considering the total population of the municipalities, constituted a fundamental and essential practice for the organization of the ways of life of a people, and it is possible to affirm that the Coronavirus pandemic and its subsequent sanitary measures brought resignifications in the social and cultural practices of all people, in a specific way to the cultural practices of this present study. So, there was a constant nostalgia and rescue of memories in a constant and emotional way.

Keywords: Cultural practices. Dance of the Congo. Folia de Reis. São José dos Quatro Marcos. Vila Bela da Santíssima Trindade.

SUMÁRIO

Capítulo 1	INTRODUÇÃO.....	16
1.1	Metodologia da pesquisa.....	18
1.1.1	Buscando a essência do debate teórico.....	21
1.1.2	Descobrimos caminhos para dialogar com a realidade.....	22
1.1.3	Aprendendo no campo.....	24
1.1.4	Sobre os lugares e os sujeitos.....	26
Capítulo 2	A FOLIA DE REIS EM SÃO JOSÉ DOS QUATRO MARCOS/MT...	28
2.1	Caracterização do local de estudo.....	28
2.2	Aparato histórico-cultural.....	30
2.3	Aprendendo no giro e no campo.....	35
Capítulo 3	A DANÇA DO CONGO EM VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE/MT.....	50
3.1	Caracterização do local de estudo.....	50
3.2	Aparato histórico-cultural.....	53
3.3	Aprendendo no campo.....	58
Capítulo 4	A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES COLETIVAS NAS DISTINTAS ORGANIZAÇÕES DO ESPAÇO E VIVÊNCIA NO LUGAR.....	76
4.1	Identidade cultural na Dança do Congo em Vila Bela da Santíssima Trindade/MT.....	77
4.2	Identidade cultural na Folia de Reis em São José dos Quatro Marcos/MT...	92
Capítulo 5	TEMPOS DE PANDEMIA: DESAFIOS DA PESQUISA E DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS.....	116
5.1	A memória como manutenção e ressignificação das festas em tempos de pandemia.....	117
6	Considerações Finais.....	126
	REFERÊNCIAS.....	133
	ANEXOS.....	140
	APÊNDICES.....	145

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

As comunidades, construídas por meio da ação coletiva e preservadas pela memória coletiva, constituem fontes específicas de identidades.

Manuel Castella

A perspectiva de investigação deste trabalho consiste em investigar a existência da construção de identidades coletivas das distintas organizações do espaço e vivência no lugar, isto é, na Folia de Reis e na Dança do Congo, nos municípios de São José dos Quatro Marcos e Vila Bela da Santíssima Trindade, Estado de Mato Grosso.

O texto discorre sobre as práticas culturais relacionadas a estes grupos supracitados, visando compreender a construção de identidades coletivas nas distintas organizações do espaço e vivência no lugar. Tais práticas culturais possuem denominações diferentes em vários lugares do país e podem ter variações como “Dança do Congo”, “Congada” e “Moçambiques”. A Folia de Reis também pode ser referida como “Reisado” ou “Terno de Reis”. Sendo assim, os termos adotados são “Dança do Congo” e “Folia de Reis”, conforme preferência dos grupos pesquisados.

A ideia central deste trabalho surgiu a partir do desenvolvimento de um Trabalho de Conclusão de Curso da graduação, cuja análise envolveu as práticas culturais da Folia de Reis no município de São José dos Quatro Marcos/MT. De acordo com a vivência e o envolvimento das comunidades locais, dos fiéis reunidos pela prece e pelos gestos rituais foi possível perceber de que forma isso reflete na expressão da crença como uma cultura arraigada, surgindo, então, a possibilidade de análise espacial comparativa entre outras culturas regionais, neste caso, em específico, a Dança do Congo.

Com o intuito de apresentar a força e a dinamicidade dos festejos religiosos que compõem a cultura popular de parte do Estado de Mato Grosso, tem-se como problemática o esclarecimento do papel da cultura na unificação de espaços, segundo a presença dos costumes e a identidade cultural coletiva oriundos dos mais distintos lugares. A partir disso, optou-se por estudar a espacialidade dos lugares pela ótica cultural como esfera social em sua singularidade e complexidade, onde existem as hegemonias e as contra hegemonias identitárias culturais, no que diz respeito a suas práticas e relações religiosas/culturais.

A pesquisa justifica-se pela carência em estudos culturais na região, pois, este fato, foi constatado em análises bibliográficas e trabalhos de campo. Sendo assim, pretende-se dar visão

acadêmica e científica aos movimentos culturais locais de modo a valorizar e incentivar o resguardo das identidades culturais, assim como suas práticas e relações no espaço vivido.

Além disso, este projeto encaixa-se em um processo de hibridização cultural da pesquisadora por afeição ao tema relacionado a práticas populares e suas significâncias para o povo envolvido com elas. Desse modo, o contato com as práticas populares, em específico da Folia de Reis, remonta aos períodos de infância, porém, ainda com uma visão preconcebida por informações que era repassada a mim sobre tal representação.

Todavia, com o passar do tempo o intuito de fazer uma pesquisa participativa foi aumentando quando comecei a presenciar a realização de tais festas no bairro onde resido. Por consequência, iniciei assim um processo de afeição, curiosidade científica e investigativa sobre esses povos e suas crenças, vindo a expandir para outras práticas no futuro, como a Dança do Congo.

Logo, os objetivos (geral e específicos) da pesquisa buscaram entender como as práticas tradicionais a partir da Folia de Reis em São José dos Quatro Marcos/MT e da Dança do Congo em Vila Bela da Santíssima Trindade/MT, sob o viés da cultura, instituem identidades coletivas e relações nas formas de organização do espaço. De forma a alcançá-los, foi necessário:

- ✓ Levantar um arcabouço teórico das tradições, práticas culturais e organização espacial para posteriores análises e argumentações com os sujeitos da pesquisa.
- ✓ Demonstrar as práticas culturais/religiosas da Folia de Reis e da Dança do Congo a partir dos sujeitos, suas influências sobre a identidade local e como suas percepções são modeladas numa escala espaço-temporal;
- ✓ Compreender como a pandemia da Covid-19 tem impactado nas práticas culturais da Folia de Reis e da Dança do Congo.

Mediante isso, o trabalho está organizado em cinco capítulos, sendo que o primeiro capítulo apresenta a introdução e a metodologia da pesquisa de forma detalhada, isto é, com os devidos princípios teóricos. Nessa parte também estão elencados o passo a passo da realização dos trabalhos de campo e algumas arguições sobre a metodologia da pesquisa participante.

O segundo capítulo, “A Folia de Reis em São José dos Quatro Marcos/MT”, traz um amplo esclarecimento sobre as práticas culturais da Folia de Reis. O texto é estruturado entre pontos teóricos e dados coletados nos trabalhos de campo, apresentando algumas abordagens sobre as festas tradicionais do Estado de Mato Grosso e a contextualização histórica, seguidos de relatos de entrevistas, permeados por pontos teóricos para estruturação do texto.

O terceiro capítulo, “A Dança do Congo em Vila Bela da Santíssima Trindade/MT”, segue a estrutura do capítulo anterior, porém com as especificidades dadas ao lugar em questão.

Ressalta-se a africanidade como característica peculiar do lugar e a riqueza das práticas culturais como constituintes das identidades culturais.

O quarto capítulo, “A construção de identidades coletivas nas distintas organizações do espaço e vivência no lugar”, aborda alguns aspectos inerentes às práticas culturais da Folia de Reis e da Dança do Congo como premissa para o entendimento da formação de memórias e identidades coletivas.

O quinto capítulo, “Tempos de pandemia: desafios e perspectivas culturais”, incluído já na fase final da escrita por circunstâncias do momento, traz algumas considerações sobre a atualidade da pandemia da Covid-19 e suas influências sobre os sujeitos das práticas culturais em questão neste trabalho.

Por fim, têm-se as considerações finais a partir da problemática, justificativa e objetivos, com o intuito de contribuir para os estudos da temática “Culturas Tradicionais e Populares”, posto que foi abordado o modo de vida desses povos em seus respectivos lugares de vivência, independente das políticas públicas ou relações religiosas hierarquizadas.

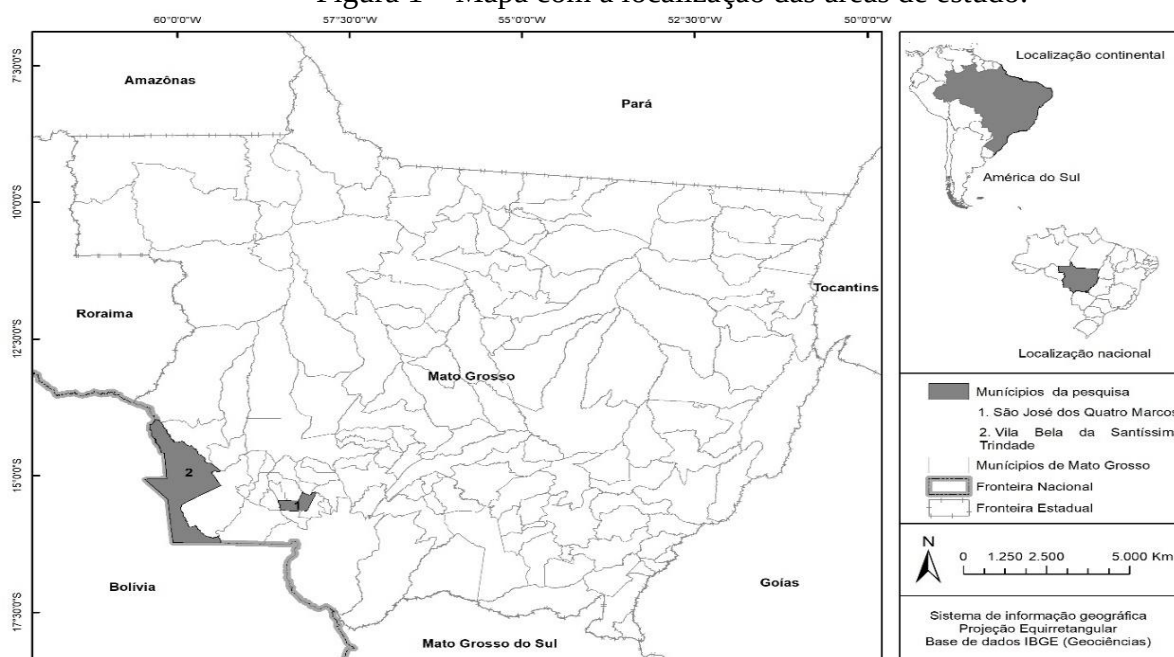
Sendo assim, é possível dizer que este trabalho constitui-se de uma viva expressão de divulgação da cultura local e regional, tendo por base as práticas culturais da Folia de Reis em São José dos Quatro Marcos/MT e a Dança do Congo em Vila Bela da Santíssima Trindade/MT.

1.1 METODOLOGIA DA PESQUISA

Sabe-se que as festas religiosas fazem parte de calendários culturais em vários municípios do Estado de Mato Grosso que, por sua vez, integram um país culturalmente plural, com etnias diversificadas em suas manifestações e representações de acordo com a crença, costumes e/ou religião predominante. A título de conhecimento, tem-se a localização da área de estudo da presente dissertação na Figura 1, com destaque para os municípios de Vila Bela da Santíssima Trindade e São José dos Quatro Marcos.

A pesquisa teve por base o método de pesquisa participativo que, conforme Alles Bello (2006), valoriza a vivência e a experiência, o homem e seus sentimentos. Esta opção de método nos remete a manifestação dos fenômenos como parte integrante da consciência e resultado de uma interrogação, tendo como preocupação maior a descrição do fenômeno, sem se ater às relações causais. Contudo, não é desconsiderado o fenômeno do meio inserido e o lugar de ocorrência.

Figura 1 – Mapa com a localização das áreas de estudo.



Fonte: Elaborada pela autora.

Naturalmente, foi imprescindível, após revisão bibliográfica, a observação da paisagem cultural¹ com teor qualitativo e descritivo dos fenômenos. Deste ponto de vista, a paisagem cultural perde um pouco o sentido estritamente material para ser gradualmente analisada como um valor simbólico, ou seja, como expressão da mente humana.

A excepcional relevância da cultura² e o desdobramento da ideia de que as mais diversas dimensões organizam e articulam o comportamento humano em sociedade também encontram arcabouço teórico na Geografia de Yi-Fu Tuan, pois ressaltam as relações entre cultura e ambiente na simbolização e transformação do lugar, tomando importância aos sentimentos do lugar (WARF, 2006).

Chizzotti (1995) argumenta que a metodologia da pesquisa participativa envolve o sujeito-pesquisador como parte integrante do conhecimento, interpretando e dando significado aos fenômenos observados, porque parte do pressuposto de que há um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. Tal proposição metodológica nos remete a trabalhar com o subjetivo, valorizar a informalidade no modo de recebimento das informações, as casualidades e a interação contínua no projetar-se do estudo. Essas informalidades na

¹ A paisagem, como objeto de interpretação da Geografia, permite a leitura da cultura e da história de um povo, através da manifestação de valores, crenças e demais atributos que os identificam (CAETANO; BEZZI, 2011. p. 2).

² Expressando e reforçando os padrões culturais da sociedade, afeta fortemente a percepção, a atitude e o valor que seus membros atribuem ao meio ambiente. A cultura pode influenciar a percepção de tal modo que as pessoas verão coisas que não existem: pode causar alucinação em grupo (TUAN, 1980, p.285).

captação das informações ficaram explícitas durante a realização das atividades de campo com as práticas culturais estudadas, tendo em vista que grande parte dos sujeitos envolvidos nestas realidades tem modos peculiares e espontâneos de se expressar, conforme o momento e a formação de vínculos.

Quando se afirma trabalhar com a formação de vínculos, informalidade na captação de informações e casualidades, em especial neste trabalho, remetemo-nos a um longo processo de socialização iniciado há 4 anos. As interações sociais de caráter mais sociológico e as vezes informais foram a base inicial para o primeiro contato, tanto com a Folia de Reis quanto com a Dança do Congo.

Por isso, é imprescindível o vínculo entre pesquisador e sujeito. Analogamente a este pressuposto teórico-metodológico, Motta (2003) afirma que:

Trabalhar com o espaço vivido é lidar com a subjetividade, com o envolvimento do pesquisador com os demais atores envolvidos na pesquisa. A possibilidade de captar informações, significados, está muito ligada à interação que existe entre todos os envolvidos e a informalidade dessas relações. É uma construção que capta e analisa de forma concomitante o vivido, espacial e temporalmente (MOTTA, 2003. p. 103).

Ainda na mesma vertente, Brandão (1985) afirma que a cultura deve ser analisada sem ignorância intelectual e que não deve ser feito de qualquer modo, mas sistemático e organizado, sempre na busca de resultados para os intelectos orgânicos, buscando a simplicidade de comunicação, autoinvestigação e controle sobre o que é investigado.

Para Schmidt (2006) o termo participante sugere a inserção do pesquisador em um campo de investigação imbuído de vida social e cultural próximo ou distante de sua realidade, sendo, então, convocado à investigação na qualidade de informante, colaborador e participante.

A escolha pelo método de pesquisa participativo com o grupo de Folia de Reis consolidou-se pelo envolvimento com estas práticas culturais desde a realização do trabalho monográfico. A participação integralizada no grupo culminou na aderência aos costumes e práticas observadas, tornando-se um novo modo de vida e cultura que permanece até então, além de ser também parte integrante da identidade cultural da pesquisadora.

Esta metodologia de pesquisa participativa, porém, teve algumas restrições quando aplicado à Dança do Congo, pois articula de forma bem mais cerceada por se tratar de uma manifestação cultural tradicional com regras invioláveis que se constituem em formas de preservar e resguardar a ancestralidade. Entre elas a participação de cidadãos natos vilabelenses e majoritariamente homens. Nesse caso, a participação se resumiu na observação, ensaios,

apresentações e reuniões, acompanhamento dos cortejos pelas ruas, missas, almoços e outras atividades diárias, apenas como observadora.

Dessa forma, o arcabouço teórico-metodológico determina que o pesquisador participante deve partir do pressuposto de que uma prática cultural ou tradição não são totalmente conservadoras como frequentemente se supõe, mas é realista, dinâmica, tem suas peculiaridades e o conhecimento é sistematizado das tarefas mais simples para as mais complexas, do desconhecido para o conhecido. Tais princípios derivam de Brandão (1985), Schmidt (2006), Chizzotti (1995) Motta (2003) e Andrade (2001).

1.1.1 BUSCANDO A ESSÊNCIA DO DEBATE TEÓRICO

Esta etapa metodológica consiste em uma revisão bibliográfica que teve início no ano de 2019 e percorreu toda a elaboração do trabalho, tendo em vista as reestruturações textuais necessárias para dialogar com as realidades propostas. Sendo assim, fez-se o levantamento documental do arcabouço teórico e a gênese das vertentes teóricas, tais como: espaço, lugar, cultura, religião popular e, conseqüentemente, as manifestações culturais/religiosas.

Para conhecer as práticas culturais/religiosas da Folia de Reis e da Dança do Congo, bem como verificar de que forma suas percepções são modeladas através do tempo e no espaço, inicialmente, foi necessário realizar pesquisas por arquivos disponíveis na mídia e em trabalhos já publicados em outras localidades, de modo a ter conhecimento prévio das práticas desenvolvidas durante os festejos da Dança do Congo e do Reisado.

No que se refere à conceituação das manifestações religiosas, conceitos de cultura, religião, paisagem e identidade cultural, sendo o lugar como categoria espacial de análise, tomou-se como base autores como: Claval (2001), Yi-Fu Tuan; Alles Bello (2006), Correa (2007), Motta (2003), Loureiro (2006). Ademais, também foi realizada uma importante leitura geográfica sobre fenomenologia, lugar, espaço vivido, memória e identidade cultural.

O debate, conforme o decorrer da análise e da revisão bibliográfica, pode estar agregado às discussões sobre religião e cultura popular, o espaço e a percepção na geografia fenomenológica, e às abordagens da Geografia Cultural, culminando em reflexões sobre a materialidade e imaterialidade da cultura, cujo objeto de estudo são as práticas culturais.

Do mesmo modo, fez-se necessário entender a formação socioespacial das práticas culturais do Reisado no município de São José dos Quatro Marcos/MT e da Dança do Congo em Vila Bela da Santíssima Trindade/MT. Para isso, foram analisadas fontes documentais em arquivos da Secretaria de Cultura nos dois municípios do recorte de estudo, visita às prefeituras,

museus e/ou bibliotecas municipais para consultas a livros, ou fotos que remetem à formação cultural do lugar. Além disso, dialogou-se com pessoas que estão imersas em tais práticas culturais desde a infância, visando resgatar a memória cultural e sua influência na perpetuação em gerações. Esta etapa do trabalho teve início em março de 2019 e permaneceu até a fase final da elaboração textual, permeando o desenvolvimento dos trabalhos de campo nas etapas posteriores com algumas revisões e alterações de modo que o trabalho apresentasse a coesão necessária.

A partir de 2020, houve uma ruptura nesta metodologia participativa devido ao contexto da pandemia que estamos vivenciando. Sendo assim, foi necessário a utilização do acesso remoto via grupos de *WhatsApp*, chamadas por telefone e outras redes sociais. Essa ressignificação no próprio método de pesquisa também refreou a sequência de realização dos campos para imersão e observação participante, tendo em vista que essa metodologia se torna elemento primordial para entender as vivências dos sujeitos em comunidades tradicionais como a Folia de Reis e a Dança do Congo. Logo, um tempo maior de imersão e contato com essas realidades culminariam em uma percepção mais ampla e meticulosa acerca das práticas e das manifestações culturais.

1.1.2 DESCOBRINDO CAMINHOS PARA DIALOGAR COM A REALIDADE

Após os primeiros passos da revisão bibliográfica, realizou-se uma observação dos festejos da Folia de Reis no município de São José dos Quatro Marcos/MT e da Dança do Congo em Vila Bela da Santíssima Trindade/MT para obter uma visão prévia dos acontecimentos, ainda no ano de 2019.

A observação das Festas de Reis se deu no ano de 2019 e início de 2020, antes do isolamento social decorrente do contágio da Covid-19. Nesse período foram realizadas várias rezas, almoços, jantares, socializações e festas. Concomitantemente às observações, deu-se a inserção no grupo como parte integrante.

Durante o ano de 2019, houve o acompanhamento contínuo das Festas da Folia de Reis em São José dos Quatro Marcos/MT, com participação nos giros e Encontro de Bandeiras realizados anualmente no município. Essa fase culmina em aproximadamente três meses de convivência e imersão entre os sujeitos para percepção e aderência aos costumes e ritos.

No tocante à Dança do Congo, as únicas observações feitas realizaram-se no mês de julho de 2019 durante a realização da Festança³, correspondente ao grupo pesquisado. Fora cinco dias de imersão no município de Vila Bela da Santíssima Trindade/MT, onde ocorreu a participação em missas, ensaios do grupo, reuniões, apresentações culturais e o acompanhamento das práticas culturais em sua essência.

Nos dias de observação em Vila Bela da Santíssima Trindade/MT não houve a realização de entrevistas devido ao cronograma que existia no ano de 2019, isto é, a expectativa de um novo campo e, posteriormente, a realização das entrevistas em outro momento festivo após o primeiro contato, a observação.

O trabalho de campo teve sua fundamentação nesta etapa com a preparação de entrevistas semiestruturadas, rodas de conversas e/ou conversas informais sobre as práticas culturais analisadas. Sendo assim, realizou-se no início de 2020 as entrevistas com os participantes do Congo e da Folia de Reis, também ex-participantes que possuíam memórias culturais resguardada pela experiência, além de líderes religiosos, representantes municipais e outros que, por ventura, foram necessários durante o trajeto.

Para pesquisar os sujeitos destas práticas culturais, procurou-se também o envolvimento nos festejos de modo ativo e participativo, porém sem interferir na realidade, visando apenas observar e analisar o comportamento social deles. Segundo os princípios de Martins, Boemer e Ferraz (1990) e Alles Bello (2006), o pesquisador fenomenológico não tem princípios explicativos, teorias ou qualquer indicação conclusiva do fenômeno a priori, é a filosofia do inacabado, do devir e tudo se inicia com a interrogação do fenômeno apenas, não excluindo o pensar do pesquisador sobre o mesmo.

Tratando-se de filosofia do inacabado, pode-se correlacionar com as práticas culturais e suas representações, pois pesquisar práticas culturais é uma preparação para lidar com coisas inexplicáveis, às vezes. São regras e costumes cristalizados em algum momento da história que não, necessariamente, foram registrados em estudos teóricos para a posteridade, mas que se constituem em formas vivas e claras explicativas do fenômeno que se apresentou a nós.

Assim posto, busca-se compreender como um conjunto de valores e crenças são capazes de instituir identidades culturais coletivas homogêneas, potencializadoras de resistências em espaços desafiadores de práticas culturais impostas pela modernização e preconceitos.

³ Período em que são realizadas várias manifestações religiosas e culturais no município, entre elas a Dança do Congo em Louvor a São Benedito.

Por isso, ambicionaram-se algumas propostas para 2020 e 2021. Para o ano de 2020, no mês de julho, foi prevista a imersão participativa na festa que inclui a Dança do Congo em Vila Bela da Santíssima Trindade/MT e a participação nas Festas de Reis, no mês de janeiro de 2021, em São José dos Quatro Marcos/MT. Porém, devido às restrições decorrentes da pandemia da Covid-19, a partir de março de 2020, não foi possível realizar novas observações nas festividades religiosas em questão, acarretando possíveis limitações ou refreamentos em determinados quesitos.

As possíveis limitações analíticas ou de tom mais concludente seriam resultados de um novo campo e imersão nas práticas culturais estudadas após o período das entrevistas, para assim captar novos olhares e novas interpretações a partir do conhecimento recebido e com a observação, em um segundo momento. De modo a atender aos objetivos propostos neste trabalho, foram realizadas entrevistas on-line com o auxílio de alguns integrantes do grupo que se disponibilizaram a enviar as respostas sobre os questionamentos via áudio em *WhatsApp*.

1.1.3 APRENDENDO NO CAMPO

Para analisar a espacialidade e a dinâmica dos festejos religiosos culturais presentes nestes municípios, foi necessário fazer pesquisas a campo para a verificação dos dados obtidos nas etapas anteriores, que constituem basicamente a base teórica do trabalho e as percepções dos sujeitos. As entrevistas realizadas no início de 2020 foram nos dois municípios estudados, com suas respectivas práticas culturais e seus sujeitos.

Em Vila Bela da Santíssima Trindade/MT foram coletadas doze entrevistas com participantes da Dança do Congo (de um total de vinte e oito pessoas), sendo realizada quatro entrevistas por dia, uma delas no perímetro rural, totalizando três dias de campo em janeiro de 2020. Como não era período de festa, fez-se necessário o deslocamento até as residências dos dançantes do Congo para abordá-los sobre a pesquisa. Foi um período de grandes descobertas, não somente sobre a presente pesquisa, mas sobre o próprio lugar, sua história e o povo.

As entrevistas realizadas neste município foram mais difíceis de serem concluídas por não estar no período de festa (janeiro) e a dificuldade de encontrar alguns integrantes. Além disso, foi pouco a convivência nos dias festivos do ano de 2019, havendo a necessidade de nova apresentação, formação de vínculo e sociabilidade. Todavia, a hospitalidade do lugar e do povo foram ímpares e admiráveis.

Neste período, obtivemos a cooperação do dançante Daniel Gerald de Paula, que se disponibilizou a colaborar na procura dos demais componentes do grupo para a realização das

entrevistas. Por conseguinte, seguiram-se então os dias: 13/01/2021, 14/01/2021 e 15/01/2021. Três dias de muitas andanças pelo município, tendo a oportunidade de conhecer pessoas que fazem parte da história do lugar e trazem esta ancestralidade de forma nostálgica e precisa.

Já em São José dos Quatro Marcos/MT foram entrevistadas seis pessoas (de um total de doze), sendo realizadas todas em um único dia (18/01/2020), na ocasião de um almoço da Folia de Reis. Como neste caso há a proximidade geográfica e a convivência com o grupo desde 2017, foi possível realizar as entrevistas em um curto período.

Quanto às autoridades religiosas católicas dos municípios, houve respaldo apenas por parte da Vila Bela da Santíssima Trindade. Em São José dos Quatro Marcos, quando procurados para colaboração e auxílio na coleta de dados, não houve resposta.

A partir da vivência e experiência do pesquisador e do sujeito ativo durante as pesquisas de campo, há de se atentar para a importância da subjetividade embutida na vivência, experiência e intencionalidade dos sujeitos da pesquisa, visando compreender então as percepções religiosas no tempo e espaço. Essa dinâmica de pesquisa é embasada pelos princípios husserlianos, já citados por Martins, Boemer e Ferraz (1990), ao afirmarem que essa base filosófica possibilita a análise de um fenômeno através das inquietações emergentes durante o próprio desenvolvimento das investigações científicas, ou seja, é uma etapa metodológica aberta, reflexiva e flexível.

Ressalta-se ainda que quando não há sujeitos passíveis de sanar as inquietações do pesquisador e seus objetivos, a situacionalidade do fenômeno se reduz a um pré-reflexivo do pesquisador, conforme Boemer; Ferraz e Martins (1990). Sendo assim, foi necessário participar ativamente dos festejos do Reisado e da Dança do Congo de modo que a inserção no espaço de vivência propiciou o contato com os grupos envolvidos, a captação de regras, costumes e ritos imperceptíveis, quando analisados de forma leiga e sem um princípio teórico reflexivo.

Posteriormente, houve outras visitas aos lugares com o intuito de analisar as diferenças ocorridas e modeladas através do tempo e no espaço destes festejos por intermédio de observações, relatos e entrevistas semiestruturadas com os adeptos desta prática cultural, a fim de captar dados fidedignos no contexto dos acontecimentos dos festejos. Destaca-se que a comunicação entre sujeito pesquisador e sujeito pesquisado, de modo organizado e sistematizado, desprovido de ignorância intelectual e cultural, é de fundamental importância na sistematização dos dados (CHIZZOTTI, 1995).

Houve diálogo também com as pessoas que estão imersas em tais práticas culturais desde a infância, visando resgatar a memória cultural e sua influência na perpetuação em gerações. Parte desta etapa de campo (2020) ficou impossibilitada devido aos impactos da

pandemia da Covid-19⁴ que, forçosamente, segundo regras da Organização Mundial de Saúde (OMS) e decretos regionais e municipais, inviabilizaram a realização da Festa no decorrente ano. Essa obstrução pode ser a causa de alguns bloqueios analíticos e conclusivos em relação a determinadas práticas e significados, sendo, portanto, analisados os dados obtidos e a subjetividade imbuída no espaço vivido e percebido.

A análise das práticas e relações culturais advindas das identidades coletivas forma importantes, porque a pesquisa participativa possibilitou a coleta de dados fidedignos nos contextos dos acontecimentos, cuja base está em Chizzotti (1995), ao afirmar que este tipo de pesquisa envolve o sujeito-pesquisador como parte integrante do conhecimento. Desse modo, realizaram-se entrevistas, formulários vide Apêndices, com o intuito de esclarecer as principais percepções dos sujeitos acerca das práticas culturais em uma escala espaço-temporal, suas relações com o lugar e as dinâmicas deles advindo.

1.1.4 SOBRE OS LUGARES E OS SUJEITOS

Esta etapa da pesquisa constituiu-se na sistematização de dados obtidos em campo atrelados ao embasamento teórico metodológico da pesquisa, atentando-se para a importância das representações das duas festas populares/religiosas pesquisadas, em seu sentido religioso e cultural, além do modo como contribuem para a cultura local. Para isso foram consideradas as observações e as análises dos dados obtidos nas entrevistas, rodas de conversas, socializações e todo o convívio cultural durante as etapas anteriores, como base para uma análise comparativa no que diz respeito às práticas e relações entre as identidades culturais da Folia de Reis e da Dança do Congo.

Assim posto, a presente pesquisa é resultado da interação entre pesquisador e sujeito, com a valia da subjetividade fenomenológica sobre os fenômenos apresentados durante os campos realizados como imersão e participação ativa. Vale ressaltar que a pesquisa participativa foi possível apenas com a Folia de Reis, devido ao fato da Dança do Congo ser uma cultura restritamente negra, portanto, fechada com critérios rígidos quanto à participação como integrante.

Apesar disso, o vínculo entre pesquisador e sujeito foi primordial para a construção legítima dos fatos perante a representação dos mesmos. Para sustentar esse passo da pesquisa, buscou-se respaldo em Chizzotti (1995), ao afirmar a necessidade do envolvimento entre

⁴ Pandemia mundial de uma doença respiratória aguda, que teve seu início no início do ano 2020, impossibilitando aglomerações devido ao alto risco de disseminação do vírus (Anotação pessoal).

pesquisador e sujeito pesquisado, pois este encadeamento indissociável é que garante a captação de dados fidedignos, segundo o contexto dos acontecimentos. Dessa forma, houve algumas adaptações e reestruturações textuais pós-qualificação, como a elaboração de um novo capítulo relacionado aos desafios e perspectivas das práticas culturais frente à realidade pandêmica, irrompida no início de 2020 e adentrando o ano de 2021.

CAPÍTULO 2 – A FOLIA DE REIS EM SÃO JOSÉ DOS QUATRO MARCOS/MT

Que encontro tão bonito que fizemos nessa hora, encontrou o menino Deus, São José e Nossa Senhora! Que encontro tão bonito a nossa bandeira deu, encontrou o menino Deus no berço em que nasceu!

Trecho de saudação ao presépio.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DE ESTUDO

Com base nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o município de São José dos Quatro Marcos está localizado a 328 quilômetros da capital Cuiabá, com uma extensão territorial de 1.287.884 km² e densidade demográfica de 14,75 hab./ km², com 18.988 habitantes (BRASIL, 2018).

Esse município teve suas origens com projetos de colonização por particulares. Em 1962, Zeferino José de Matos adquiriu extensa área de terras da Imobiliária Mirassol, tornando-se o grande pioneiro do lugar. Devido aos quatro marcos no centro do loteamento, o lugar tomou o nome de Quatro Marcos, sendo acrescentado, posteriormente, o nome de São José, o santo da devoção da comunidade (BRASIL, 2018).

Através de rodas de conversas, observou-se que algumas pessoas que vieram para estas terras neste período, inclusive os primórdios da Folia de Reis, tiveram motivações relacionadas ao contexto da “Marcha para o Oeste”. Chegando ao lugar, reestruturaram suas vidas sociais e econômicas, e demandaram suas influências religiosas e culturais no decorrer do processo formativo do município.

A Lei nº 3.934, de 4 de outubro de 1977, criou o distrito de São José dos Quatro Marcos e a Lei Estadual nº 4.154, de 14 de dezembro de 1979, criou o município, com a denominação simplificada para Quatro Marcos. A população, incentivada pelo padre George⁵, entrevistou e exigiu o nome completo São José dos Quatro Marcos, conseguindo o objetivo através da Lei nº 4.637, de 10 de janeiro de 1984, aderindo o São José como o padroeiro do município (BRASIL, 2018).

A Festa de Reis surge entrelaçada com a história do município justamente por questões políticas e religiosas de regulamentação do espaço, mas de acordo com os relatos dos mais

⁵ Nascido na França, o popular Georges Joseph Pierre Marie Martin (1928-2016) deixa a sua terra natal. Trabalhou na República do Haiti entre 1956-1962, e um ano depois chega ao Brasil. Em 1977 muda-se para São José dos Quatro Marcos, celebrando a primeira missa no final de 1981, trabalhando incansavelmente durante o processo de formação do município. Em 2007, a Câmara de Vereadores de São José dos Quatro Marcos concedeu o título de Cidadão quato-marquense a padre Georges pelos relevantes serviços prestados à sociedade (BORDIN, 2018).

antigos, somente após uma viagem ao Estado de São Paulo, no início da década de 90, iniciou-se a construção da Igreja dos devotos de Santos Reis em 1996, no Bairro Jardim Bela Vista.

A Companhia do Barreirão até então residia na área rural que lhe designa o nome e passou a ter sua sede dentro do perímetro urbano, fazendo do município um polo regional de encontro anual de Foliões (BORDIN, 2020). Nesse período o grupo era mantido sob a liderança de Fidélis José de Souza (*in memorian*), o último remanescente dos fundadores da Companhia, que manteve sua presença e sagacidade até os últimos dias de vida, vindo a falecer em 19 de dezembro de 2017. Nessa data, encontrava-se o desenrolar da pesquisa monográfica sobre a Companhia de Reis e a morte do líder e fundador da Companhia que foi muito sentida entre a população de forma geral.

Dias (2018) afirma ainda que o município conta com um calendário cultural que inclui a Festa de Folia de Reis sendo reconhecida na Lei Nº 1.397, de 13 de outubro de 2011, que dispõe sobre a criação do Projeto Folia de Santos Reis – Encontro das Bandeiras em São José dos Quatro Marcos. O Projeto de Lei é de autoria do Poder Executivo, enviado para o Poder Legislativo, e, posteriormente, aprovado e assinado pelo prefeito da época, Sr. João Roberto Ferlin, em 07 de novembro de 2011 (BORDIN, 2011).

O Encontro de Folia de Reis é realizado anualmente desde a década de 1970 no município de São José dos Quatro Marcos, em que a Companhia do Barreirão⁶ é o grupo tradicional do lugar. A partir dessa manifestação, verifica-se uma grande expressão cultural, vivências míticas, vínculos sociais, memórias e identidades coletivas presentes de forma marcante em algumas comunidades do município (DIAS, 2018).

Sendo assim, a formação sociocultural do município de São José dos Quatro Marcos/MT conta com personagens relevantes em seu percurso, devidamente registrados no livro “Histórias e Memórias de São José dos Quatro Marcos”, por Bordin (2018). Entre elas, destacamos a presença do Padre Georges, chegado ao local em 1977. A partir daí, houve o incentivo às apresentações culturais de modo geral, por exemplo, as festividades do padroeiro, festas de santos como a Folia de Reis, e outras atividades artísticas e culturais no município.

2.2 APARATO HISTÓRICO-CULTURAL

Quanto às abordagens teóricas, Loureiro (2006) em seu livro sobre “Cultura mato-grossense: Festas de Santos e outras tradições” é enfático ao afirmar que as Falias de Reis se

⁶ Nome do Grupo de Folia de Reis do município de São José dos Quatro Marcos/MT já foi objeto de estudo por Dias (2018) e terá sequências nas pesquisas, juntamente com a Dança do Congo em Vila Bela da Santíssima Trindade/MT.

constituem em festas religiosas e tradicionais da cultura formativa brasileira e suas origens remontam aos povos da Idade Média, com influências europeias e africanas. No contexto mato-grossense, em especial no município de São José dos Quatro Marcos, a Folia de Reis passa a fazer parte da cultura local apenas no final do século XX.

Tais influências são observáveis nas realidades do estudo, tendo em vista o processo de colonização e formação do território, bem como o espaço social brasileiro de modo geral. Por conseguinte, as especificidades de cada região, com suas respectivas influências locais e sincretismo.

Analogamente, Cruz (2012) reitera que as práticas religiosas supracitadas por Loureiro, antes de serem importantes manifestações religiosas presentes em todo o país, inclusive no Estado de Mato Grosso, se constituem em práticas resultantes da convergência de valores a nível nacional desde o período colonial. Grando (2005) respalda essa afirmação ao constatar que a dramatização da dança presente na Folia de Reis e na Dança do Congo, assim como os elementos e ritos simbólicos da identidade cultural, se fundam no cristianismo e com influências euro-africanas e indígenas.

Assim, essas representações são legitimações do sincretismo religioso, cultural e social das gerações anteriores, que apesar de possuírem algumas diversidades em suas crenças ou costumes se hibridizaram, ora por afeição, ora por coerção. Nesse viés, a fervescente diversidade cultural em suspensão a partir do processo de colonização, propiciou a junção e resguardo de crenças, danças, lendas, mitos, uso de instrumentos, que somados aos aspectos populares, influi ainda mais na configuração das práticas e festanças religiosas da atualidade (LOUREIRO, 2006).

Em consonância, Grando (2005) corrobora dizendo que muitas das manifestações culturais religiosas populares tem sempre um padroeiro como personagem principal. Por isso, a maneira como os grupos se expressam, se relacionam entre si e com o entorno é fundamentado no mítico que, geralmente, é passado de geração em geração. Assim, a essência do fenômeno vai sendo perpetuado, influenciando e sendo influenciado com o passar dos anos, e das gerações que o vivenciam e expressam tais costumes.

Neste sentido, pode-se dizer que a cultura, relacionada a estas práticas religiosas constituem aspectos fundamentais do ser humano, moldando os indivíduos de modo que haja uma organização sociocultural diferenciada em cada lugar, levando em consideração a consciência, crença, vivência, moral e valores.

É certo então que, apesar da especificidade dos lugares e das práticas culturais, a memória está presente em todas elas, pautada por emoções e vivências, sendo flexível e lembradas à luz da experiência do sujeito, de acordo com as necessidades da atualidade:

O conceito de memória é crucial porque na memória se cruzam passado, presente e futuro; temporalidades e espacialidades; [...] dimensões materiais e simbólicas; identidades e projetos. É crucial porque na memória se entrecruzam a lembrança e o esquecimento; o pessoal e o coletivo; o indivíduo e a sociedade, o público e o privado; o sagrado e o profano. Crucial porque na memória se entrelaçam registro e invenção; fidelidade e mobilidade; dado e construção; história e ficção; revelação e ocultação (NEVES, 1998, p. 218).

A história, segundo Mendes (2006), tem suas raízes na cultura popular e veio para o Brasil como forma de evangelização e catequização dos negros e indígenas, mas com o passar do tempo houve o hibridismo cultural que culminou na diversidade presente em nossa sociedade brasileira contemporânea. Corroborando com esta descrição acerca da contextualização histórica da Folia de Reis, Loureiro (2006) afirma que essas manifestações têm suas origens no passado de colonização europeia, influenciada por práticas africanas, indígenas, costumes e crenças locais

A Folia de Reis, também conhecida popularmente como Reisado, dependendo da tradição de cada lugar, possui uma variedade de símbolos, elementos e rituais que tem sua gênese num campo mítico, divino e folclórico. A manifestação cultural da Folia de Reis tem sua origem em experiências decorrentes da transmissão de valores, costumes e crenças por gerações.

Para Loureiro (2006), inicialmente a Folia de Reis em Portugal tinha caráter puramente de diversão por volta do século XVII, passando a ter caráter religioso e político a partir do século XVIII em terras brasileiras. Vieira (1998) destaca o sentido político de supremacia correlacionado às práticas religiosas da Folia de Reis no período colonial ao afirmar que:

Deus, entre toda as nações, fez escolha da nossa, com ilustre nome de pura fé[...] estas são as gentes estranhas e remotas, aonde nos prometeu que nos havia de levar seu santíssimo nome [...]e esta é, foi, e será a maior melhor do valor, do zelo, da religião e cristandade portuguesa (VIEIRA, 1998, p. 6-9).

Fica explícito o caráter eurocêntrico da elite europeia, em detrimento das nações desconhecidas até então, bem como as suas tradições preexistentes na época. Esse posicionamento político hegemônico que trouxe consigo consequências drásticas no subjugado dos povos que outrora aqui viviam nos causa um paradoxo, pois, ao mesmo tempo que legitimou a inserção do cristianismo popular e as culturas populares miscigenadas, corroborou para limitações, refreamento e controle das práticas já existentes antes do processo de

colonização. Isso causou a perda de costumes e tradições que não subsistiram ao domínio da coroa portuguesa e a influência de sua religião oficial.

Assim posto, nota-se que as práticas culturais da Folia de Reis no Brasil colonial tiveram sua origem como instrumento mediador de controle e dominação pelos colonizadores, através da fé com uma visão de supremacia cultural europeia. Cruz (2012) explica esta hierarquia cultural de racismo epistemológico eurocêntrico, conceito que emergiu a partir do século XVI quando a Europa colonizou o mundo, subjugando as minorias encontradas em terras estranhas.

Desse modo, subentende-se que, apesar da disputa de hierarquias religiosas entre a Igreja oficial e as práticas religiosas populares da Folia de Reis, a sua base fundadora se deu no país como um instrumento de gestão, visando a disseminação do cristianismo entre os povos indígenas que aqui viviam, por conseguinte, as gerações miscigenadas delas advindas.

A cosmologia da Folia de Reis engendrada, desde o processo de colonização, gira em torno da encenação das viagens dos três Reis Magos vindos do Oriente para saudar o Menino Jesus nascido em Belém. Mendes (2006) afirma que:

A festa em homenagem aos Reis Magos, comumente chamada de Folia de Reis, inicia-se anualmente no dia 24 de dezembro, com termino em 6 de janeiro, dia de Reis. O objetivo desta festa é rememorar a jornada feita pelos magos, a partir do momento em que eles recebem o aviso do nascimento do Messias, até o encontro com o Menino-Jesus na manjedoura [...] a devoção aos Três Reis Magos tem origem bíblica segundo o Evangelho de São Lucas I, 26-45 do Novo Testamento (MENDES 2006, p. 70-71).

Quanto à fundamentação do culto aos Reis Magos, Mendes (2006) argumenta que as Escrituras Sagradas não fazem menção ao fato dos Magos serem Reis, nem se constituírem em três. Tal interpretação foi reinventada e interpretada a partir da cultura da Folia de Reis e a dedução pelos Três Reis se dá, supostamente, pelos três presentes ofertados ao Menino Jesus na manjedoura, além de elevar os Magos a condição de Reis pela tradição popular.

Para Mendes (2006) há uma unanimidade entre pesquisadores da Folia de Reis sobre este fato de os Magos não serem Reis, mas senhores dos Reis, isto é, estudiosos dos astros, intérprete dos sonhos e grandes influenciadores das decisões em questões de guerras e conflitos na sua época. Esse paradoxo que envolve a conceituação dos termos das Folias não se limita apenas aos Reis, mas se expande para outros componentes do grupo de Folia, conforme serão mencionados adiante, por exemplo, o caso dos palhaços, da bandeira e até das representações simbólicas e teofanias.

No que se refere ao contexto histórico da Folia de Reis no Brasil, Vieira (1988) afirma também que ela possui a matriz cultural na colonização portuguesa e permanece até hoje com uma forte identidade cultural, sendo que os elementos, práticas e ritos trazidos pelos europeus

foram hibridizados com as crenças indígenas e africanas durante o processo de formação e organização sociocultural.

Barbosa (2008), por sua vez, alega que os primeiros registros da Folia de Reis como prática cultural foram feitos pelo Padre Antônio Vieira, um integrante da corte no século XVII. O referido padre nasceu em Lisboa em 1608 e chegou no Brasil em 1615 com a família, sendo um integrante fiel da Companhia de Jesus fundada por Inácio de Loyola em 1535. Desenvolveu também grandes funções missionárias de evangelização nas viagens em diversas partes do Brasil.

Mediante isso, Vieira (1988) reitera que o culto e a legitimação aos Reis Magos foram pregados pelo Padre Antônio Vieira em 1635 em um conjunto de oito sermões intitulados “Sermões da Epifania”, ministrados na capela Real da Rainha Regente de Lisboa. Tal celebração e culto aos Reis Magos foram trazidos como fonte real de devoção portuguesa para o Brasil e tornou-se uma festa religiosa popular. Essa legitimação do culto aos Reis Magos e o registro da formação cultural por um padre em missões de evangelização pelo país é, muitas vezes, desconhecida pelos próprios adeptos dessa prática, inclusive autoridades eclesiásticas.

Nessa acepção, Mendes (2006) demonstra ainda que a Folia de Reis constitui-se na atualidade em um grupo de pessoas que saem pelo giro⁷, cantando e tocando seus instrumentos em devoção a algum santo, passando pelas residências dos adeptos e simpatizantes com o intuito de angariar recursos financeiros para a festa propriamente dita. Sendo assim, atemo-nos então a evidenciar o objeto de estudo dentro desta universalidade representativa que é a Folia de Reis.

Para compreender a composição de uma Folia de Reis, Moura (2012) e Dias (2018) trazem a seguinte organização interna: o bandeireiro (que carrega respeitosamente a bandeira do grupo); os palhaços (com sacolas e picuás para recolher as esmolas⁸, além de cumprir suas obrigações); o embaixador (também conhecido como Mestre) responsável pela improvisação das cantorias; o contramestre (que faz o dueto de voz com o mestre); quatro ou cinco pessoas para compor as outras vozes da cantoria; os instrumentistas (podendo ser cantores ou não); o escrivão (responsável pela anotação das referidas doações, quando solicitado); além dos demais adeptos e simpatizantes que acompanham a tradição.

⁷ É o termo usado pelos foliões de modo geral para designar todo o trajeto feito com a bandeira desde o dia da saída até a chegada no dia da festa. A cada dia que saem para cumprir suas obrigações também denominam de “giro do dia”. (DIAS, 2018. p. 36).

⁸ Esmolas é o termo utilizado para designar as prendas recebidas, dinheiro, alimento ou qualquer outro tipo de ajuda para a realização da Festa.

Partindo desta composição, temos na Figura 2 a última formação da Companhia de Reis do Barreirão para o início de mais um giro de quatro meses (apenas nos finais de semana e feriados, quando necessário), que precedem a Chegada (Festa do Encontro de Bandeiras).

É importante compreender a formação básica de uma Companhia de Reis, pois, essa composição se aplica fielmente à Companhia de Reis do Barreirão com as mesmas terminologias, conforme ilustrado na Figura 2 e descrito a seguir:

Figura 2 – Composição da Folia de Reis em São José dos Quatro Marcos, no início do giro 2019/2020.



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2019).

A representação da Companhia supracitada constitui-se então da seguinte forma: no centro da imagem, temos o bandeireiro com a bandeira, à sua frente os dois palhaços da Folia, ao lado direito do bandeireiro um dos Mestres, um contramestre, outro Mestre e, em seguida, os instrumentistas (acordeom, caixa surda e pandeiro). Neste mesmo lado, segue: o presidente da Associação, uma das cantoras das vozes de segundo naipe, uma acompanhante e fiel devota que está presente nesta prática cultural desde a fundação da mesma no município e na ponta, a pesquisadora em um de seus trabalhos de imersão e participação.

À esquerda do bandeireiro, tem-se um contramestre (dos mais antigos do grupo), outro mestre, seguido de quatro pessoas para compor as outras vozes da cantoria e mais dois seguidores do grupo que estão sempre presentes nas peregrinações. O escrivão nesta foto fica representado pela mesma pessoa responsável pelo pandeiro.

Sobre os períodos de pesquisa participante, pode-se afirmar que além da obtenção dos dados necessários, foi trabalhado constantemente o princípio da alteridade e empatia, dado que

as visões sociológicas pautadas na compreensão da estrutura e funcionalidade dos grupos foram essenciais para a compreensão das realidades aqui descritas. Portanto, pesquisar as manifestações culturais tradicionais envolvem não somente a bagagem afetiva do sujeito pesquisado, mas também do pesquisador, visto que é um processo de constante reconstrução interior através de olhares diferentes sobre a mesma realidade.

2.3 APRENDENDO NO GIRO E NO CAMPO

A imersão constitui-se em parte fundamental para a realização desta pesquisa, uma vez que se formou vínculos entre pesquisadora e sujeitos para entender o processo de hibridização cultural⁹. Atualmente, constituem-se em uma relação estável com formação de uma Associação para propostas inerentes aos interesses do grupo. Além disso, a participação dentro do grupo, permitiu captar detalhes nas representações, impossíveis de serem observados fora da realidade vivida enquanto apropriação do lugar. Isso se dá, por exemplo, durante o Canto de Finados e a realização da Meia-Lua.

Portanto, fica explícito e ilibado a presença da pesquisadora no meio cultural, possibilitando uma absorção de acordo com o vivido, o experienciado, a interação com o lugar e com o espaço vivido dos sujeitos, tanto material quanto imaterial. A percepção enquanto pesquisadora inserida no meio cultural possibilitou momentos suprassensíveis e experiências como: homenagens póstumas, batismos, aniversários e os mais variados pedidos entre os devotos que trazem energias sobrenaturais, sendo consideradas sagradas perante a ancestralidade ali presente e que devem ser respeitadas. É uma confluência entre fé, devoção, respeito e tradição.

Assim posto, Mendes (2006) detalha o papel de alguns componentes em uma Companhia¹⁰ de Folia de Reis, como o caso dos palhaços, que possuem referências ambíguas e contraditórias na sua origem cosmológica. Nesta analogia, os palhaços às vezes são vistos como sujeitos marginalizados na Folia de Reis, sendo em alguns casos até impedidos de participarem

⁹ Tema analisado principalmente por antropólogos, entre eles o argentino Néstor Garcia Canclini, lançando olhares sobre a história e seus padrões culturais, os avanços nos meios de transporte e comunicação, facilitando o contato com situações e cultura diferentes. As trocas efetivadas a partir de então ampliam as referências para se avaliar o passado, presente e futuro. Nesse sentido, a cultura adquire novas finalidades, se rendendo à força das culturas, apropriando seus conteúdos e dando a elas novos formatos (TOMAZI e ROSSI, 2016. p. 7-8).

¹⁰ Termo mais comumente usado para designar um grupo de foliões (adeptos da Folia de Reis). Em São José dos Quatro Marcos/MT temos a Companhia do Barreirão, composta por aproximadamente 30 foliões, salientando que nem sempre há a presença de todos nos giros, por motivos variados e pessoais (DIAS, 2018).

do almoço com os demais foliões, ou adentrarem algumas residências com imagens de Santos e presépios (ARAÚJO, 2006; DIAS, 2018).

Esta realidade não se aplica à Folia de Reis da Companhia do Barreirão em São José dos Quatro Marcos, mas há o conhecimento, por fontes informais, de que existe algumas dessas referências na nossa atualidade. Tal contexto prova a dinamicidade cultural dentro destas práticas culturais e religiosas, onde tudo depende do contexto histórico em que foram tecidas as suas bases.

Para Araújo (2006) há outra definição para a imagem contraditória dos palhaços, ou seja, podem ser entendidos como os próprios Reis Magos que fugiram disfarçados após serem perseguidos por Herodes. Lima (1962) reitera que os palhaços da Folia de Reis eram soldados de Herodes enviados para eliminar o Menino recém-nascido, porém ao se deparar com a Família Sagrada, se arrependeram. Nesse momento, tiraram suas máscaras perante a cena.

Os paradoxos nas definições e representações são formados ao longo do tempo em uma escala espaço-temporal, do mesmo modo que se tem essa ambiguidade na contextualização mítica e teórica do personagem Palhaço, também há na análise dos três arcos. São conceitos passados de geração em geração, conforme os relatos de alguns palhaços da Folia:

São chefes ou capitães do exército de Herodes, homens de extrema confiança. Eram os únicos capazes de seguir os Santos Reis, porque os soldados não seriam “competentes”. Acharam e não conseguiram matar Menino Jesus. E de lá pra cá colocaram máscaras para não serem reconhecidos, pois conheciam os seus soldados (Informação verbal¹¹).

O palhaço no meu ponto de vista é um guardião. O que eu aprendi foi que quando Herodes mandou matar o Menino Jesus, um jovem por nome Simeão (o primeiro palhaço do mundo), se fantasiou e começou distrair Herodes, os soldados. Foi quando os Três Reis foram lá e avisaram a Maria e José que já podiam passar com o Menino. Então Simeão foi um guardião que distraiu o rei Herodes pra poder passar com o Menino fugindo da perseguição (Informação verbal¹²).

Pra nós representa a passagem da ponte no Rio Jordão né? É o símbolo, o que aconteceu foi isso, quando Jesus foi passar eles fizeram um tipo de brincadeira pra entreter os soldados. E com isso os soldados ficaram entretidos com as brincadeiras dos palhaços e Jesus passou. Mas não é legal pra Jesus isso aí. Porque é um tipo de traição né? E Jesus não gostava disso (Informação Verbal¹³).

Essas definições ambíguas sobre a figura do Palhaço dentro da Folia de Reis são descritas, inclusive, pelos próprios sujeitos durante as suas apresentações, em forma de versos

¹¹ Entrevista realizada com o Palhaço de Folia de Reis Cassiano no mês de janeiro de 2020.

¹² Entrevista realizada com o Palhaço de Folia de Reis Wilton no mês de janeiro de 2020.

¹³ Entrevista realizada com o Embaixador de Folia de Reis Arnaldo de Aguiar no mês de janeiro de 2020.

e poemas, quando ordenado pelo dono de alguma residência, ou por vontade e inspiração do próprio Palhaço. São práticas que lhes incorporam uma identidade única a sua memória de formação cultural e a forma como isso é exteriorizado.

A disparidade de definições perpassa pelas crenças populares de modo geral, inclusive com as Folias de Reis, porque se compreende como uma parte do processo educativo, formativo, social, cultural e religioso de cada indivíduo. Nota-se uma forte ligação entre o conhecimento passado dos mais antigos para os mais novos, como uma maneira de perpetuar os saberes e garantir a continuidade de uma identidade coletiva entre o povo do lugar.

Assim, do mesmo modo que cada palhaço ou folião tem seu conhecimento e saber sobre as representações e simbologias das práticas existentes na Folia, cada um tem seu estilo próprio de se vestir, dançar, divertir, prostrar, fazer as honrarias, deveres e obrigações do seu ofício. A Figura 3 apresenta o palhaço e sua imagem de alegria, mistério, mas também de muita sabedoria, instrução, temperança, prudência, ponderação e compreensão com as situações enfrentadas durante os giros realizados.

O palhaço além de ser um sujeito com definições e representações ambíguas, também se constitui em um detentor de conhecimentos sobre todos os ritos e passagens de uma Folia de Reis. A Figura A representa um momento de devoção durante o Encontro de Bandeiras no ano de 2020 em São José dos Quatro Marcos/MT, com a visível simbologia do arco enfeitado, a bandeira sagrada segurada e um dos palhaços ajoelhado, aclamando seus versos para o público, em louvor a Santos Reis e ao Menino Jesus.

Figura 3 – Representações subjetivas dos palhaços



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2020).

Na Figura B, nota-se um momento sagrado, o “passar pela bandeira”, com detalhe para a presença do palhaço ao lado, em respeito, e sem sua máscara, pois é um dos poucos momentos que podemos vê-lo assim. Apesar de o município ser de clima predominantemente quente em grande parte do ano, isso não é empecilho para que o mesmo faça o uso contínuo da sua máscara, que lhe cobre todo o rosto e parte do pescoço.

Esta conotação simbólica nos apresenta outra simbologia da Folia de Reis, que culmina na explicação da bandeira. Segundo tradições, a bandeira representa o manto usado por Maria para cobrir o Menino recém-nascido, manto que foi doado aos Magos quando o visitaram, dando-lhes a incumbência de espalhar a boa nova com o manto abençoado pelo caminho onde passassem (MENDES, 2006). Contudo, essa definição se contrasta novamente com alguns conhecimentos populares como descrito a seguir;

Pra nós a bandeira foi um símbolo. Assim, eles (os Reis Magos) vinham viajando e como seus mantimentos acabaram, um dos seus integrantes inventaram a bandeira e saíram cantando e adquirindo as coisas pra eles seguir viagem. Então pra nós o símbolo da bandeira é isso ai, foi nascido a Companhia de Reis (em companhia). Essa é nossa maneira. A ciência talvez vê de outro jeito (Informação Verbal)¹⁴.

Sobre a bandeira existem muitas histórias, mas, hoje, pra mim é a representação do nascimento do Menino Jesus, mas origem de várias histórias de verdade. Tem outras, tipo, que pegaram um galho e conforme foram andando foi brotando flores e por ai vai. Mas gosto de imaginar que o manto dele foi bafejado dos animais. Isso me enche os olhos (Informação Verbal)¹⁵.

A bandeira é vista por todos os devotos e foliões, de modo geral, como o símbolo de maior respeito dentro de uma Companhia de Reis. É parte fundamental e indispensável para que se realize um giro ou quaisquer atividades rituais constituintes de sua identidade cultural. A bandeira tem essa capacidade simbólica de unir pessoas em torno de uma divindade que, geralmente, é representada em forma de pintura nesse objeto e pode dar boas venturas a todos que assim a respeitar e/ou receber.

É evidente a multiplicidade de significados entre o povo praticante da prática cultural do Reisado. Por isso, pressupõe-se que essa profusão em complexidade de representações e significâncias seja resultado do processo formativo cultural e social ao qual se refere Claval (2001), ao afirmar que a cultura molda os indivíduos, assim como os seus costumes e saberes.

Logo, isso nos remete desde a primeira infância, o primeiro contato com as técnicas e símbolos, a transmissão das crenças e saberes perpassados entre familiares, amigos ou até

¹⁴ Entrevista realizada com o Embaixador de Folia de Reis Arnaldo de Aguiar no mês de janeiro de 2020.

¹⁵ Entrevista realizada com o Palhaço de Folia de Reis Cassiano no mês de janeiro de 2020.

mesmo entre os líderes culturais (como o Palhaço ou um Mestre de Folia, que pode ser considerado um líder, quando relacionado à transmissão de conhecimentos). No que se refere a essa particularidade dos sujeitos, podemos ilustrar tais memórias como nuances da infância, contatos com amigos de fé, socializações em outros eventos que envolvem as Folias.

Assim, por um lado, esses momentos propiciam aos sujeitos a hibridização de suas identidades e o compartilhamento de saberes, sendo estas as fontes formadoras de seus conhecimentos. Por outro, a formação identitária aqui está para além do laço familiar, isto é, o gosto e apreço por determinados estilos de cantar e de se expressar também são elementos constituintes destas identidades relacionadas à Folia de Reis.

Esta diversidade de significâncias relacionadas aos personagens e/ou símbolos da referida manifestação cultural nos remete a Neves (1998), ao trabalhar o conceito de memória, posto que “o conceito de memória é crucial porque na memória se entrelaçam o registro e a invenção, fidelidade e mobilidade, dado e construção, história e ficção, revelação e ocultação”. Tal afirmação aplica-se à Folia de Reis no tocante à descrição dos sujeitos por parte dos foliões, pois cada sujeito tem sua memória de acordo com o entrelaçamento de seu lugar e espaço vivido, correlacionando os fatores supracitados por Neves (1998), para construir a sua própria identidade cultural e crença.

Nesta analogia, Halbwachs (2013) corrobora ao dizer que a memória sempre está relacionada aos sinais externos ao sujeito. Então, de acordo com a sua percepção é formada a memória coletiva, mas essa formação de memória e unicidade só se torna possível com a junção de práticas e saberes advindas do lugar onde o sujeito está inserido.

Para Claval (2001) consubstanciar a cultura com o lugar e espaço vivido é parte balizadora da formação cultural do ser humano em sua totalidade, porque o contato com a cultura e suas respectivas práticas culturais produzem memórias que constituem a identidade cultural de cada indivíduo. Desse modo, o molde cultural do indivíduo ocorre concomitantemente ao processo de formação cultural do lugar, tornando-o em espaço vivido, carregado de significâncias e simbologias que formam o universo devocional das práticas religiosas em questão.

Por isso a devoção pela simbologia da bandeira nas práticas religiosas de Folia de Reis ainda é presente até a atualidade e estará em todos os dias em que se realiza quaisquer representações da Folia de Reis de forma sistemática e metódica, utilizada, inclusive, como algumas regras de convivência e respeito. Tais regras se resumem basicamente em: não ultrapassar à frente da bandeira (quando a mesma está sendo carregada por alguma pessoa), não voltar com a bandeira pelo mesmo caminho que chega em um lugar (relacionado ao caminho

de entrada e saída das residências ou igrejas), não adentrar ou sair de qualquer lugar antes da bandeira, não atravessar a bandeira e instrumentos em meio a cercas, e beijar a bandeira e suas fitas passando-as sobre as cabeças.

Além disso, guardar a bandeira sempre em local respeitável e organizado constitui um ato simbólico de respeito pelas práticas culturais. Nas residências, geralmente, este lugar é o quarto do morador, sobre a cama, ou um altar, onde já se tenha preparado as imagens para a reza de um terço, quando há. Levar a bandeira nos cômodos da casa para abençoar a residência também está entre as simbologias.

A Figura 4 revela algumas representações das simbologias e concepções que fazem parte das práticas culturais do Reisado, como forma de respeito e perpetuação das regras e tradições.

Figura 4 – Representações metódicas da Folia de Reis.



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2020).

A Figura 4 refere-se a dois átomos de representações metódicas e pragmáticas que fazem parte de um todo maior e complexo em suas significâncias subjetivas. Ambas as imagens nos remetem às práticas subjetivas de um círculo devocional, de crença popular, que, às vezes, podem passar despercebidos por qualquer pessoa que observe, ou até mesmo integrante do grupo. São especificidades que constituem a identidade cultural de um povo e faz com que a tradição seja preservada mesmo nos detalhes.

A Figura A nos evidencia o respeito pelos itens sagrados da Companhia de Reis, não deixando os mesmos entre fios de cerca, por acreditar em maus presságios. Já a Figura B traz uma organização espacial bem complexa e simples ao mesmo tempo, pois se trata do respeito pela bandeira, mantendo-se sempre atrás dela e dos palhaços que sempre caminham como

guardiões. Esse momento de representação e simbologia é carregado de sentimentalismo e respeito, que acaba por se culminar em devoção religiosa para com a bandeira e o que ela significa entre o povo. A organização sequente dos componentes se dá de forma aleatória, às vezes, começando uma fila pelo Mestre e outra pelo Contramestre, mas nem sempre é regra metódica e aplicável a todos os átimos.

Por se tratar de uma prática religiosa, a Folia de Reis emana também alguns rituais simbólicos, como a realização do Canto para Finados¹⁶ e a Meia-lua. Assim posto, Borges e Oliveira (2006) afirmam que o ritual da Meia-Lua se constitui em uma evolução das tradições da Folia de Reis, significando a contribuição dos Reis Magos para que o Rei Herodes não encontrasse o Menino Jesus. Para Dias (2018), a Meia-lua culmina na encenação do caminho dos Reis Magos em não deixarem o rastro certo quando voltaram de Belém.

Sendo assim, os Reis Magos após visitarem o Menino, voltaram por outros caminhos, fazendo meia-volta por esses lugares várias vezes, no intuito de despistar os soldados do Rei. A representação supracitada está referenciada na imagem direita da Figura 5. Vale ressaltar que, de acordo com as Escrituras Sagradas e relatos orais de foliões, toda a trajetória dos Reis Magos foi baseada pela localização através dos astros, tendo como referência uma estrela. Desta simbologia surge outra devoção e prática cultural da Folia de Reis que consiste em utilizar a Estrela do Oriente como princípio para representações, ritos e denominações nas Companhias em todos os lugares (DIAS, 2018; MENDES, 2006).

Figura 5 – Passos iniciais da Meia-lua.



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2018).

¹⁶ Tal obrigação é uma homenagem fúnebre a pedido do dono da casa. Sempre é direcionada para algum parente ou amigo já falecido e é carregada de significados, sentimentos e subjetividade em sua apresentação (DIAS, 2018. p. 55).

A simbologia da Estrela é fortemente utilizada como uma das representações de identidade cultural entre as Folias de Reis, sendo de fundamental relevância sua ilustração e ornamento com adornos dos arcos nas Festas de Chegada. Esse geossímbolo também é comumente respeitado e reverenciado nas representações da Família Sagrada encontrada nas residências visitadas, ou quando é colocada na bandeira por algum devoto, sendo considerada como uma guia para o grupo.

Em São José dos Quatro Marcos, este símbolo é comumente utilizado no Primeiro Arco do cenário no Encontro de Bandeiras realizado anualmente, conforme ilustrado na Figura 6.

A Figura 6 nos proporciona uma análise entre as considerações de Mendes (2006) e a realidade vivenciada durante os trabalhos de campo e a imersão subjetiva e participativa na prática cultural do Reisado. Além de ratificar a simbologia da estrela, também nos permite observar a Companhia de Reis do Barreirão em um de seus átimos da Chegada no Encontro de Bandeiras.

Figura 6 – Representação simbólica e subjetiva da Estrela.



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2020).

A estrela enquanto objeto sagrado é muito reverenciada pelos devotos. Ressalta-se um momento em que foi colocada uma estrela na bandeira pela pesquisadora durante o giro de 2018. Em atos como esse, há a entrega da bandeira para quem colocou o referido enfeite, entoam-se algumas cantorias agradecendo ao adorno e também engrandecendo o significado do objeto sagrado: a estrela.

O objeto acompanhou a bandeira por longos dias no giro, porém em um determinado momento desapareceu da bandeira, por mais que o palhaço sempre a estivesse cuidando. Não se sabe ao certo o seu destino, porém há especulações de que algum devoto possa ter retirado por ser sagrada, bonita e representar algo transcendental, ou até mesmo tenha caído em algum lugar pelo caminho. O cair pelo caminho, seja de qual for o objeto de enfeite da bandeira, mesmo que seja visto, não deve ser retomado, porque se acredita que o mesmo abençoa o lugar onde fica.

Mendes (2006) afirma ainda que as Folia de Reis são detentoras de uma importância simbólica religiosa muito envolvente, sendo considerada uma fé mentora de todas as benfeitorias recebidas dentre os adeptos de tais práticas religiosas/culturais. Sobre tal devoção, a autora alega que:

Quando uma promessa é feita aos três Reis Magos, normalmente o penitente sai nas reizadas por um tempo determinado que costuma ser de sete anos. A promessa torna-se uma missão para os penitentes, porém a maioria, mesmo depois do cumprimento da promessa, continua saindo em devoção aos reis (MENDES, 2006. p. 82).

Esta realidade é comumente presenciada durante os giros realizados, onde há tanto a realização quanto o cumprimento das promessas. Ambos são momentos extremamente subjetivos, constituindo-se, muitas das vezes, para o devoto e adepto da Folia como o único contato com uma divindade, expressa em forma de uma parcela da cultura popular ali presente.

A realização de promessas nas Festas de Reis é um fator comum em todos os Encontros de Bandeiras no município de São José dos Quatro Marcos, além daquelas realizadas em residências no giro. Uma dessas promessas e muito emotiva, diga-se de passagem, não foi possível registrar em fotos devido à presença da pesquisadora em observação participante como cantora em uma das vozes neste dia. Tal promessa consistia em entregar a bandeira a uma devota na porta da igreja para que ela adentrasse com a Companhia até o altar no dia da Festa.

Tal cosmologia explica a presença dos promesseiros nas Companhias de Reis na realização das Festas, bem como em algumas práticas aleatórias a pedido do penitente, visando alcançar determinada graça divina. É muito comum essas práticas durante os giros da Folia,

peessoas que participam durante um dia, uma semana, um mês, um ano ou até sete anos. Há ainda promessas relacionadas a bens, penitências, mudanças de vida.

Mendes (2006) corrobora com esta realidade afirmando que é comum encontrar nas Companhias de Folia de Reis as características de irmandades, procissões, festas com a realização de batismos, orações e conselhos espirituais. Tais práticas são geralmente assumidas pelo Mestre ou palhaços da Companhia, tomando para si, neste momento, poderes que segundo a Igreja Católica são pertencentes aos sacerdotes incumbidos de regras e normas institucionalizadas.

Os atos como batismos, orações e conselhos são recorrentes, porém difíceis de serem registrados, devido a sua simbologia e até mesmo como forma de respeito a demonstração de fé do devoto. É o momento em que o pesquisador recorre apenas ao fenômeno, descreve-o e usa como base a subjetividade husserliana.

O giro, descrito por Mendes (2006), em Mato Grosso do Sul é realizado nas Falias de Reis, mas no município de São José dos Quatro Marcos a responsabilidade fica sob a Companhia de Reis do Barreirão (já detalhada anteriormente). O quadro a seguir apresenta a descrição de alguns pontos de observação desde o ano de 2017 até 2020, em que pôde-se analisar e dividir o giro em três partes, com base nas análises de Kimo (2006), Moura (2012) e Bonesso (2006):

QUADRO 1 – Sistematização de práticas e saberes do giro da Folia de Reis.

O GIRO	
A CAMINHADA	Constitui-se da retirada da bandeira da casa do responsável, o trajeto até a Igreja para o início da caminhada anual e a visita aos devotos, seja por condução ou a pé. Resume-se basicamente no trajeto que o grupo faz de uma residência à outra, de uma comunidade à outra, de um município para outro, salientando que toda vez que se adentra uma residência ou igreja é realizado o átimo da visita paralelamente com a caminhada.
A VISITA	Este átimo circunscreve todas as manifestações, representações e utopias que ocorrem em uma visita ao devoto ou até mesmo em uma Igreja. A saudação sempre é feita pelo palhaço e, se for aceito, a bandeira prossegue com os foliões para cumprir as devidas obrigações sagradas. Geralmente, faz-se o canto da chegada, saudações aos moradores, presépios e todo tipo de objeto

	sagrado do lugar, pede-se a colaboração financeira para o Encontro de Bandeiras e, se for recebido, faz-se o agradecimento e a despedida, em cantorias. Por vezes, realiza-se o Canto para Finados, quando é de desejo do morador, sendo um momento de grande utopia e subjetividade.
A DESPEDIDA	De forma geral, resume-se em um convite feito por um dos palhaços ao dono da casa para comparecer à Festa de Santos Reis organizada pela Companhia do Barreirão. Em seguida, ele pede que a bandeira seja levada até a porta da residência para ser entregue ao bandeireiro e só assim poder sair da casa. Entregue a bandeira ao bandeireiro, a Companhia sai da residência e segue a bandeira em direção ao ônibus para caminhar em direção ao próximo devoto.

Fonte: Dias, Letícia de Matos. (2020).

É comum a realização das chegadas na casa dos Mestres ou organizador da festa, sendo que, na tradição, a casa de chegada é a mesma casa da saída. Essa simbologia dos lugares representa o lugar de saída, como a morada dos Reis Magos, e depois da longa jornada há o regresso ao lugar de saída, transformando-o no lugar onde foi encontrado o menino Jesus (MENDES, 2006).

Porém, essa tradição não se aplica ao grupo de São José dos Quatro Marcos pelo fato de a Saída do giro ser sempre da Associação da Companhia de Reis do Barreirão e a Chegada na Igreja de Santos Reis, situada logo ao lado da referida Associação, ambas na praça do Jardim Bela Vista. Em relatos com foliões mais antigos, em outros tempos, era realizada com mais rigor quanto a essa regra, até pela não existência da Igreja de Reis na época, conforme escrito a seguir:

A festa foi feita nessa casa mesmo, só que essa casa foi modificada e nesse terreiro aqui da frente, do lado [diz apontando para o quintal] era tudo cheio de barraca. Eu participei, ajudei a semana inteira e festejei uns três dia ou quatro, porque sabe né? Começava mexer na sexta né? Aí no sábado era a chegada, no domingo era a soca, então era três dia. E naquela época matava tudo o gado, matava aqui, matava frango, tudo era na mão, não tinha nada de outro jeito não, era tudo na mão, era uma semana nois fazeno barraca, fazeno fornaia, fazendo tudo, fazendo doce! Ave Maria, era muito doce! [risos] Aqui, [diz apontando para a casa] foi feita só um ano, só por aqui teve muitas dela, lá nu seu Zé Moraes teve três veis, foi em setenta e um, depois eu não me lembro (DIAS, 2018. p. 43).

Apesar de o relato ser de 2017 (ano em que a pesquisa monográfica começou a ser realizada) e já fazer parte de um trabalho publicado sobre o Reisado no município de São José dos Quatro Marcos, ainda é um relato vivo e raro de pessoas que fizeram parte do início da

expressão cultural no lugar, com apego as tradições e regras, apropriando-se do espaço como forma de representação simbólica e efervescência social e nostálgica.

Toda esta parte sagrada da Folia de Reis tem seu término com as dézimas, que se resumem basicamente nas devoções e cantorias dos foliões posicionados diante do presépio. Kimo (2006) sintetiza a visita de uma Companhia de Folia de Reis na chegada à casa; a aceitação ou não do morador e a cantoria após a aceitação, se for o caso; saudação a imagens e presépios; cantoria para pedir a esmola (recursos usados para a Festa); cantos para Finados; agradecimento das contribuições e despedida.

Para melhor entendermos este universo simbólico, vale ressaltar que a Festa de Reis tem a alegria de rememorar o nascimento de Cristo por intermédio da verbalidade cantada. Tal característica concede ao seu aspecto cultural um caráter único e age como apropriador do espaço de forma simbólica e subjetiva, sem haver necessidade de muitas formalidades.

As informalidades em forma de atos devocionais podem ser observadas no modo como a Folia de Reis tem o poder de tornar um ambiente qualquer em um lugar sagrado, a partir do momento em que se entoa uma cantoria, reza ou ladainha. Não há a ocorrência de um ato concomitante que lhe embase, pois a própria prática dos sujeitos lhe bastam, bem como aos devotos que assim os recebem. É o momento de transformação do lugar comum em lugar sagrado, com significâncias partilhadas entre os sujeitos.

A mesma simbologia e representação estão presentes em outro momento da referida prática cultural, em que o espaço vivido através do retorno pós-giro fundamenta outro ritual simbólico da Folia de Reis:

Ao fazer a chegada à casa, há a passagem dos três arcos. Segundo Anain Alves de Souza, o primeiro arco representa o portão de Belém por onde os Reis passaram, o segundo arco representa a entrada ao local onde se encontrava o Menino-Jesus, o terceiro arco representa a manjedoura onde o encontraram (MENDES, 2006. p. 75),

Em entrevista com um palhaço de Folia de Reis e um Mestre, obtivemos as seguintes representações, vivências e experiências:

Não existe um consenso. Há muitas histórias, mas não tem só uma verdadeira. Podemos dizer que simbolizam os três Reis, as Três pessoas da Santíssima Trindade, Jesus, Maria e José (Informação Verbal)¹⁷.

E conforme um dos Mestres da Folia:

Os três arcos representam os três Reis do Oriente. Cada Rei representa um arco. Melchior, Baltazar e Gaspar. Então cada um representa um arco. Geralmente os arcos são o símbolo das Chegadas, não tem muito significado

¹⁷ Entrevista realizada com o Palhaço de Folia de Reis Cassiano no mês de janeiro de 2020.

a ser explicado, mas como nós conhecemos é assim. Essa é nossa definição, mas talvez pode ter outras (Informação Verbal)¹⁸.

Neste sentido, a definição se contrasta com as realidades do conhecimento popular presente nas Folias na região de São José dos Quatro Marcos. Segundo alguns relatos de Mestres e Palhaços de Folia, há algumas contradições, assim como nas definições históricas e míticas sobre os próprios Palhaços, conforme será abordado mais adiante.

Vale ressaltar que este átimo não se aplica apenas a chegada à casa de Saída, casa do Mestre ou Igreja, ilustrado na Figura 7, visto que é comum essas representações simbólicas em várias residências onde se é servido o almoço ou jantar, como forma de devoção e respeito a tradição.

Figura 7 – Representação simbólica dos arcos.



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2020).

As imagens supracitadas são referentes às representações simbólicas dos três arcos citados por Mendes (2006).

A Figura A mostra a preparação do local em frente à Igreja Santos Reis para o Encontro de Bandeiras que se realizou no dia 26 de janeiro de 2020, com enfeites de flores, fitas e folhas, além das bandeirolas para dar um ar festivo aos corredores no entorno. Enquanto a Figura B também nos remete a essa apropriação simbólica do lugar, em um almoço na residência de um dos devotos mais antigos do município, que tem por tradição receber a Folia em sua casa todos os anos.

¹⁸ Entrevista realizada com o Embaixador de Folia de Reis Arnaldo de Aguiar no mês de janeiro de 2020.

Esta preparação foi, inclusive, parte dos trabalhos de campo que concerniu no entendimento de padrões e regras de apropriação do lugar, conforme observações das pessoas que ali administraram a organização do espaço festivo. Pôde-se analisar sobre a apropriação simbólica do lugar, tornando-o um espaço vivido repleto de significâncias que se constituem nas danças, cantorias, gestos, devoções, rezas, pedidos e agradecimentos.

É comum a realização de algumas práticas e costumes tradicionais que fazem parte da cultura local, quando se referem aos arcos em residências, uma vez que são referências de identidades coletivas e saberes passados de geração em geração. Por exemplo, algumas brincadeiras e testes com base em trechos bíblicos. Atos que são definidos como “pegadinhas” ou “mistérios” para os palhaços desvendarem e poderem adentrar às residências.

As “pegadinhas” ou “mistérios” são a critério do morador e devoto, além de sua criatividade. Às vezes, encontram-se alguns questionamentos sobre partes bíblicas, dinheiro escondido em algum lugar por perto e até enterrado em algum cantinho do quintal. Danças sobre o facão¹⁹ também são comuns sobre barbante no chão, com a condição de não pisarem nos objetos. Disputa por versos, piadas e trovas também se faz comum. São formas únicas e representativas de costumes e fé consubstanciados em forma de diversão e socialização de saberes.

Neste sentido, a apropriação do lugar acontece quando há uma representação de determinada prática cultural, seja dentro da Igreja ou na residência de um devoto. Geralmente, há toda uma preparação do lugar comum e sem nenhum sentido transcendental, divino ou sagrado em lugar sacrossanto, porque isso se dá através das imagens postas, de velas, de roupas típicas, de músicas, de rezas, e, na maioria das vezes, um almoço ou jantar, que será abençoado pelas expressões cantadas da Folia de Reis.

Pôde-se observar também em almoços, jantares, cafés ou em casos mais nostálgicos, quando acontece nas residências, o canto para finados, que se constitui em um momento extremamente subjetivo, por vezes triste, às vezes polêmico. São átimos de fé e epifania que tem uma carga subjetiva e sentimental, levando o pesquisador ou observador ao fenômeno de *epoché* e contemplação respeitosa. Diante dessas práticas, Chauí (1993) alega que cabe a instituição católica “aceitar, tolerar ou abolir”, mas Mendes (2006) afirma que seria impossível a Igreja Católica abolir tais práticas religiosas populares.

Sendo assim, os fiéis da religiosidade popular, comumente divulgado entre os próprios participantes, estão imersos nas práticas religiosas da Folia de Reis, bem como outras

¹⁹ Objeto de madeira em formato parecido com um cajado utilizado pelos palhaços. Geralmente, são enfeitados pelos seus donos a gosto de cada um, sendo utilizado em rituais e danças.

manifestações populares em todo o país e extingui-las significaria a perda de muitos adeptos da religião, de modo geral. Portanto, a essência Cristã Católica Oficial Romana se sobressai nas práticas culturais religiosas da Folia de Reis como formas únicas de fé e religiosidade.

CAPÍTULO 3 – A DANÇA DO CONGO EM VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE/MT

O campo verde é serenado, o campo verde é Vila Bela.
Campo verde é serenado, o campo verde é Vila Bela.

Cantiga de Vila Bela²⁰.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL DE ESTUDO

Segundo os autores, Fava (2015), Cruz (2012) e Romancini (2019), a Vila Bela da Santíssima Trindade originou-se durante o ciclo do ouro na região de Mato Grosso, a partir da bandeira de Pascoal Moreira Cabral na busca por indígenas e minérios, sendo o Vale do Guaporé como um dos principais pontos de mineração, embora não fosse um local ideal para se habitar na época (FAVA, 2015). Nesse sentido, o local passou a ser mais visado após o Tratado de Madri em 1750, garantindo a posse portuguesa das terras conquistadas até então e da Bacia Amazônica.

A fundação de Vila Bela da Santíssima Trindade se deu em 19 de março de 1752 por Antônio Rolim de Moura, dando à Capitania seu segundo núcleo urbano, que junto à Cuiabá, se tornou referência aos descobridores da época. A população negra sempre fez parte do processo de construção de Vila Bela e “excluindo-se o poder, em quaisquer de suas formas ou expressões, não houve uma só atividade que não fosse sustentada pelos pretos” (BANDEIRA, 1988, p. 113).

Vivendo em meio a opressão e imposição da cultura dos brancos, os negros conseguiram se unir e construir seus valores e redefinições culturais, ou seja, livres ou escravos eram forçados a se submeter e compartilhar a identidade social e cultural imposta pelos brancos. Conforme Bandeira (1988), quando eram escravos e fugiam, já buscavam a oportunidade de compartilhar valores sociais e culturais.

De acordo com Moraes (2018), desde a fundação, o município de Vila Bela da Santíssima Trindade foi a primeira capital de Mato Grosso, mas o lugar teve propósitos políticos e estratégicos entre a coroa portuguesa e espanhola. Ou seja, seu projeto arquitetônico foi planejado em Portugal e Rio de Janeiro, e, posteriormente, enviadas a Antônio Rolim de Moura para que executasse as obras no local, tendo como base o trabalho escravo dos africanos, índios,

²⁰ Este verso é cantado pelos participantes da Alvorada, durante grande parte do trajeto. Segundo Romancini (2019) e relato dos sujeitos do lugar, esta cantiga é em alusão às características físicas das exuberantes paisagens de Vila Bela, desde o Rio Guaporé até às serras a perder de vista.

caboclos e poucos brancos que ali viviam. Nessa época também foram recrutadas pessoas para ocupar o território para algumas funções mais específicas.

Seguindo esta analogia, Moraes (2018) afirma ainda que a estagnação econômica que atingiu a região no início do século XIX e o esgotamento da exploração do ouro levou a uma mudança drástica na região, que viria a colaborar para a libertação (ainda que sem estrutura e apoio algum) de muitos negros escravizados que ali viviam. A mudança da sede administrativa com a Lei Nº. 19, de 28 de agosto de 1835, formalizou definitiva e irreversivelmente a declaração de Cuiabá como capital da Província de Mato Grosso, ocasionando mudanças na organização sociocultural de Vila Bela da Santíssima Trindade, visto que ficaram no local apenas alguns negros livres e alguns brancos. Assim, foi necessário repensar e reordenar as relações sociais do lugar (BANDEIRA, 1988).

A história também amplamente conhecida por todo munícipe vilabelense trata-se de um fato histórico que ocasionou algo mais além do que o abandono dos negros ao desdém, isto é, foi a oportunidade de reorganização e apropriação do lugar, de acordo com suas crenças e cultura, além da retomada de liberdade de expressão, direitos civis e humanos, outrora impugnado.

Com o passar dos anos e as reordenações socioespaciais e socioculturais, o município foi adquirindo a configuração atual. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (BRASIL, 2019), o município de Vila Bela da Santíssima está situado a 540 quilômetros da capital Cuiabá, com uma extensão territorial de 13.420,436 km² e uma população de 14.493 habitantes.

Assim, pôde-se notar que o município de Vila Bela da Santíssima Trindade sempre possuiu a presença de negros, desde a sua fase inicial até os dias atuais, sendo essa uma característica marcante da cultura local vinculada à religiosidade e práticas culturais advindas de representações sociais do lugar. Dessa forma, Fava (2015) reitera que os negros foram paulatinamente construindo “uma nova cidade” com a liberdade de exercer seus valores sociais e assumir seu papel na organização sociocultural do lugar.

Nesse viés, “O trabalho do escravo liberado, como do preto livre, lhe pertence. Também passa a lhe pertencer, pelo uso, a terra que seu trabalho faz produtiva” (BANDEIRA, 1988, p. 131). Logo, o povo constituinte na formação do município é o povo que deu origem às primeiras manifestações culturais africanas no município, dentre elas a Dança do Congo em louvor a São Benedito.

A Dança do Congo é uma das festas religiosas mais importantes e antigas do Estado de Mato Grosso, constituindo-se de uma representação simbólica pela disputa do poder entre o

reinado²¹ e a comunidade escrava subjugadas pelas elites europeias. Ela afirma veemente ser um ato devocional a São Benedito, tendo algumas influências regionais, conforme o lugar de apresentação e representação mítica (LOUREIRO, 2006). Segundo o autor, em Vila Bela da Santíssima Trindade/MT, a dança compreende a luta entre dois reinados africanos: reinado do Congo e reinado Monarca.

Por se tratar de uma manifestação religiosa e cultural, a Dança do Congo em Vila Bela da Santíssima Trindade tem a seguinte configuração devocional:

São Benedito é o santo da comunidade, do santo preto dos pretos, e é durante a sua comemoração que se realiza a Dança do Congo, expressão das antigas lutas entre os reinados africanos, de epopeias angola-conglesas representadas pelo Rei do Congo, seu Secretário, seu filho Canjinjin, Embaixador do Rei de Bamba e doze pares de dançantes, músicos, tocadores de tambor, ganzá, viola e chocalho (MACHADO, 2008. p. 48).

É uma cultura nossa daqui né? Não tem como acabar. Vila Bela precisa dessa cultura. Enquanto existir essa pele nossa (diz apontando para a pele negra), ela só vai vindo! (Informação Verbal)²².

Eu vejo que essa festa só vai acabar quando morrer o último pretinho de Vila Bela! (Informação Verbal)²³.

As representações culturais presentes nesta dança no que se refere ao reinado do Congo são: o Rei, o Secretário de Guerra e o Príncipe. E os pertencentes ao reinado de Bamba são: o Embaixador do Rei e doze pares de soldados, entres os quais estão os músicos tocadores de ganzá, viola caipira, cavaquinho, chocalho e bumbo (LOUREIRO, 2006).

Sobre a gênese da Dança do Congo em nosso país, por conseguinte, em Vila Bela da Santíssima Trindade, Rabaçal (1976) salienta que as congadas são de origens afro-brasileiras e se destacam por suas tradições e costumes históricos de povos vindos da Angola e Congo, com traços culturais de bantos aculturados com a religiosidade eclética, mouros e cristãos.

Após chegar ao Brasil, principalmente no Estado da Bahia, os negros bantos com seus costumes e danças na prática da Congada ou Congado e dos Moçambiques²⁴ se difundiram largamente pelo Brasil, mantendo, até hoje, grupos mais ou menos numerosos (GRANDO, 2005). Segundo Loureiro (2006), atualmente encontram-se massivamente nos

²¹ O reinado é representado pelo Rei do Congo, Secretário de Guerra e o Príncipe. A comunidade é representada pelo Embaixador, figura chefe e seus soldados rebeldes (FRAZÃO, s/d).

²² Entrevista realizada com o Embaixador do Congo Wanderley de Moraes no mês de janeiro de 2020.

²³ Entrevista realizada com o Rei do Congo Juarez Geraldês no mês de janeiro de 2020.

²⁴ Classificação diferenciada na denominação do folguedo Congado ou Dança do Congo. Dificuldade que se fez presente não somente entre os observadores e pesquisadores, mas entre os próprios congadeiros ou moçambiqueiros (Grando, 2005).

municípios de Vila Bela da Santíssima Trindade e Nossa Senhora do Livramento, ambos no Estado de Mato Grosso.

3.2 APARATO HISTÓRICO-CULTURAL

Os primeiros registros sobre as festas em louvor a São Benedito datam de 1760, na cidade de Cuiabá-MT, caracterizada por Loureiro (2006) como Festa de Santo de Irmandades. Atualmente, a festa conta com a participação de milhares de fiéis todos os anos, sendo organizada com meses de antecedência e culminando em 4 dias de festejos (LOUREIRO, 2006):

- ✓ 1º dia (sábado): rezas e serenata;
- ✓ 2º dia (domingo): Sagrada Missa e Festa do Divino Espírito Santo;²⁵
- ✓ 3º dia (segunda-feira): saída do Congo pelas ruas com os festeiros do respectivo ano da festa, e encenação e representação na praça da Igreja;
- ✓ 4º dia (terça-feira): segundo dia de saída do Congo pelas ruas (com os festeiros do respectivo ano e do vindouro) e finalização das representações na praça da Igreja ao findar do dia.

Devido à falta de registros e estudos mais antigos sobre a festa, há poucos relatos a respeito. Alguns informam de forma sucinta: “praticamente vem de uns duzentos e poucos anos”²⁶, “não sei não hein, mas faz muito tempo”²⁷, “desde que sou criança ela existe. Eu já tenho 58 anos” (Informação Verbal)²⁸.

Outros argumentam com mais detalhes:

Não temos nenhuma data de registro de quando essa festa veio pra Vila Bela. Já pesquisei em livros, registros históricos, fontes, o grande interesse é saber quando o Congo veio pra Vila Bela. Eu não tenho essa data precisa, o que nós sabemos em 1772, quando Vila Bela foi fundada na antiga mineração hoje e depois transferida pra parte de cá do rio pra ficar mais fácil pra cuidar da faixa de fronteira. E nessa época foi encontrada indícios de uma festa, que era do Divino Espírito Santo, Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, mas do Congo nada foi falado a respeito disso aqui em Vila Bela nessa época. Então, não temos um registro histórico pontual. Só sabemos que após a fundação de Vila Bela, o Congo veio para o Brasil pra prestigiar o casamento de D. Maria I.

²⁵ A Festa do Divino Espírito Santo está em consonância com a Festa de Pentecostes, integrada ao calendário católico, realizada em maio ou junho. Por se tratar de uma data festiva móvel, os preparativos ocorrem neste período para coincidir com o terceiro domingo de julho (ROMANCINI, 2019, p. 154).

²⁶ Entrevista realizada com o Embaixador do Congo no mês de janeiro de 2020.

²⁷ Entrevista realizada com o Dançante Narciso no mês de janeiro de 2020.

²⁸ Entrevista realizada com o Dançante Bachman no mês de janeiro de 2020.

Então sabendo que a família real veio pra cá em 1808, o Congo veio após isso né? (Informação Verbal)²⁹.

Essa informação só os povos mais antigos ou quem estudou a história de Vila Bela pra saber mesmo. Sabemos que é de origem africana, mas o que sei é só o que ouço falar, que essa dança era desde a fundação do município. Era o momento que os escravos se reuniam pra festividade deles. A Dança do Congo e o chorado eram momentos em que os escravos se reuniam, com um linguajar totalmente africano, combinavam rebeliões, fugas e aproveitavam dessa particularidade da língua pra se comunicar apenas entre si através da dança, pra fugir pros quilombos (Informação Verbal)³⁰.

Não sei dizer com precisão quando iniciou a dança do congo, mas segundo informações obtidas em um documentário publicado no site do youtube, chamado Festança de Vila Bela – Documentário, a festa existe há mais de 2 séculos (Informação Verbal)³¹.

Eu tive esse conhecimento quando fui secretário de cultura, que essa festa veio desde 1835, eu aprofundi nos estudos na época que era secretário de cultura pra me reiterar, até porque a gente vive no meio dela. Só vive a história a partir do conhecimento pra entender, mas não temos muito conhecimento sobre nossos antepassados (Informação Verbal)³².

As festividades eram organizadas pelas Irmandades de composição étnica exclusivamente negra e essa especificidade de africanidade e afrodescendência na organização ainda é fator predominante de resistência cultural nas tradições vilabelenses, entre elas a Dança do Congo.

Conforme explicitado em algumas falas dos entrevistados, a presença e orgulho negro nas festividades, inclusive de quem pode participar, podem ser explicadas. De acordo com eles, apenas os negros e os natos de Vila Bela podem fazer parte, “todos os integrantes são nascidos em Vila Bela, não necessariamente criados, mas nascidos. Desde criança a gente já sabe disso”³³:

A gente sempre deu preferência para o povo negro, porque é uma festa do negro mesmo. Uma vez coloquei um garoto como Canjinjim, e por ele ter a pele clara, eu fui criticado, mas ele era filho de negro. Então se o camarada é afrodescendente, acho que uma coisa não tem nada a ver com outra (Informação Verbal)³⁴.

Que seja filho nato de Vila Bela, negro e que tenha as características. Não basta ser filho de Vila Bela. Sempre quem participa do Congo é porque tem

²⁹ Entrevista realizada com o Rei do Congo Juarez Geraldês no mês de janeiro de 2020.

³⁰ Entrevista realizada com o Dançante Cleoney Geraldês (Presidente da Associação da Dança do Congo) no mês de janeiro de 2020.

³¹ Entrevista realizada com o Dançante Daniel Geraldês no mês de janeiro de 2020.

³² Entrevista realizada com o Dançante Odair Ramos no mês de janeiro de 2020.

³³ Entrevista realizada com o Dançante Agder Nantes no mês de janeiro de 2020.

³⁴ Entrevista realizada com o Rei do Congo Juarez Geraldês no mês de janeiro de 2020.

um parente que já participou né? porque vem de geração. Assim como eu, meu avô (Informação Verbal)³⁵.

Funciona assim, meu pai dançou, ele passou para meu irmão, meu irmão não teve como dançar porque foi Juiz da Festa, ele passou para mim como irmão, desde que essa pessoa seja da família ou tenha algum vínculo familiar. O Rei e a Rainha, Juiz e Juíza têm autoridade para não deixar um soldado dançar, caso ele cometa uma infração considerada grave (Informação Verbal)³⁶.

Descendentes das próprias pessoas do Congo, aqueles que nasceram em Vila Bela, que tem antepassado escravo. A Dança do Congo é de geração em geração (Informação Verbal)³⁷.

Desde que a família seja negra, de Vila Bela, porque essa tradição não é dos portugueses é da raça negra, isso era um ritual deles. A gente só perdeu um pouco o ritual de capoeira, porque esses caras eram tudo capoeiristas. Hoje a gente participa dessas outras, do Divino Espírito Santo, São Benedito. O negro não podia ter santo, e a partir do momento que nossos antepassados foram deixados aqui eles buscaram a tradição deles e continuamos até hoje, e nós ficamos com o Santo dos portugueses, que foram embora e deixaram tudo aqui, até a Igreja (Informação Verbal)³⁸.

Primeiramente, os filhos natos da cidade e somente as pessoas escolhidas pelos festeiros, que tem o poder maior nas festas, e podem indicar pessoas pra substituir outros. Então vem passando de geração em geração, com indicação de festeiros, secretário, rei ou embaixador (Informação Verbal)³⁹.

Estas afirmações trazem a unicidade da identidade cultural presente na Dança do Congo relacionada à ancestralidade, valorização das vivências e experiências, culminando em um processo de resistência em uma escala temporal de formação sociocultural do lugar, tendo como base o espaço vivido pelos sujeitos e suas significâncias.

Grande parte das culturas tradicionais, como as práticas culturais aqui estudadas, possui a oralidade na transmissão de saberes entre familiares e, por vezes, os amigos. Para Gonzaga (2017):

A oralidade transmite saberes por meio da repetição, que se dá passando de pai para filhos, de devotos para devotos, formando tradição. A tradição oral se dá com palavra e expressões que se tornam causos, conselhos e ensinamentos que são cantados e cantados novamente, contados e recontados. E o instrumento humano utilizado para gravar esses fatos e acontecimentos, possibilitando que sejam ditos e repetidos em um processo dinâmico de auto-reconstrução de si mesmo é a memória. Memória que faz lembrar, compartilhando, por exemplo, o fato mitológico (GONZAGA, 2017. p. 201).

³⁵ Entrevista realizada com o Dançante Wanderson no mês de janeiro de 2020.

³⁶ Entrevista realizada com o Dançante Daniel Geraldês no mês de janeiro de 2020.

³⁷ Entrevista realizada com o Dançante Belmario no mês de janeiro de 2020.

³⁸ Entrevista realizada com o Dançante Bacham Leite no mês de janeiro de 2020.

³⁹ Entrevista realizada com o Dançante Vanderley de Moraes no mês de janeiro de 2020.

Dessa forma, pode-se afirmar que o lugar e sua identidade são construídos por um processo de ressignificações em uma escala espaço-temporal, perpassando gerações, fazendo com que haja o partilhamento complementar das representações com o todo, sem perder sua particularidade.

Em concordância com Cruz (2012), o catolicismo popular brasileiro, neste caso, é basicamente de naturalidade europeia, com influências negra e indígena:

Ela é convergente, agregadora e substancialmente criativa [...] a criação da viola de cocho e do ganzá foi uma realização do próprio pescador, que também fazia a sua canoa usando uma técnica herdada de indígenas, observando um instrumento de cordas português nas brumas do tempo (CRUZ, 2012. p. 108).

No que se refere ao uso do termo popular, o problema perpassou uma escala espaço-temporal, pois, quando aplicado a análises de culturas negras, nos remete à exclusão histórica e social da população negro-indígena durante o período colonial e boa parte dos anos sucessores a este período por não serem considerados como parte do povo.

Atualmente as políticas públicas visam a inclusão e respeito às práticas culturais religiosas tradicionais, porém, ainda são visíveis ações segregacionistas de caráter preconceituoso e excludente. Apesar dos contratempos, é possível a livre expressão cultural dos momentos e ritos sagrados, independentemente de sua origem ou naturalidade da Festa.

Estas atitudes segregacionistas são cristalizadas nas atitudes preconceituosas ainda presente em nossos dias, devido ao fato das práticas culturais terem sua gênese em matriz africana e indígena. Almeida (2018) fala sobre a estruturação desse tipo de preconceito ao argumentar que se constitui em uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, baseado em visões estereotipadas sobre determinados indivíduos.

A Dança do Congo se insere neste âmbito, porque é uma representação cultural conhecida pela sua negritude. Segundo Cruz (2012), é uma forma de valorização e resistência, destacando a capacidade de resiliência dos mesmos em persistir em território conflituoso durante o período colonial, conforme expressa alguns entrevistados:

A gente sempre deu preferência para o povo negro, é uma festa do negro mesmo. Vem da linhagem, afrodescendente, a gente passa por duras críticas quando se coloca algum filho de negro que não tenha a pele escura, mas depois se acalmam” (Informação Verbal⁴⁰).

Meu pai dançou, ele passou para meu irmão, meu irmão não teve como dançar porque foi Juiz da Festa, ele passou pra mim como irmão, mas não impede de um dançante passar a espada para outro que não seja da família, mas de linhagem afrodescendente” (Informação Verbal⁴¹).

⁴⁰ Entrevista realizada com o Rei do Congo Juarez Geraldês no mês de janeiro de 2020.

⁴¹ Entrevista realizada com o Dançante Daniel Geraldês no mês de janeiro de 2020.

Loureiro (2006) afirma que as primeiras Festas de São Benedito, onde acontece a Dança do Congo, eram exclusivas de participação negra, sendo que a resistência e a força ainda persistem. Assim, o negro representa o espírito de continuidade e ancestralidade, irmandade e valorização cultural de um povo histórico que em muito contribuiu para a construção sociocultural do Brasil, desde a época da colonização:

Representa uma grande manifestação cultural que herdamos de nossos ancestrais, de um povo que passou por aqui e temos que dar continuidade e não podemos deixar de modo algum. Eu vejo que essa Festa só acaba quando morrer o último negro de Vila Bela! Porque as crianças que vem vindo por aí, vem tudo com esse espírito de Irmandade, cultural. Pode enfraquecer um pouco, mas não vamos deixar a bandeira cair (Informação Verbal⁴²).

A representatividade do negro na cultura local é um dos aspectos construtivos da materialidade cultural, ilustrado na Figura 8, sendo uma das características limitantes a escolha dos participantes da dança. Contudo, também se constitui de uma particularidade notória e admirável quanto à composição do grupo, a sua aparência física e moral, em gênero e aptidão para tal tarefa, uma vez que é uma herança cultural e culmina em uma homenagem a sua ancestralidade guerreira.

Figura 8 – Representatividade negra na Dança do Congo.



Fonte: DIAS, Letícia de Matos (2019).

Ressalta-se haver uma peculiaridade histórica que está subjetiva nas imagens da Figura 8, pois na última realização da Festança, o Embaixador Antônio Carneiro de Paula, com 73

⁴² Entrevista realizada com o Rei do Congo, Juarez Geraldês, no mês de janeiro de 2020.

anos, abdicou do cargo por problemas de saúde e idade. O sucessor escolhido por ele, Vanderley de Moraes Coelho, mais jovem, assumiu o cargo aos 49 anos e deve permanecer até a morte ou quando abdicar.

Logo, a relação da Dança do Congo e o município de Vila Bela da Santíssima Trindade, bem como a representatividade do negro como forma de apropriação do lugar se dá desde os tempos históricos, a partir do século XVI, quando as sociedades africanas apesar do subjugo europeu e marginalidade aplicadas às suas culturas, resistiram com suas vivências e experiências pelo mundo visual-imaginário, trazendo a subjetividade como ponto principal para sobreviver às mazelas do tempo escravagista.

Por isso, entende-se que o processo de apropriação, organização e percepção do espaço como centro aglutinador de significados e saberes está diretamente relacionado à experiência, consciência e intencionalidade do indivíduo, culminando no modo em que cada sociedade consegue encaminhar e desenvolver uma relação de pertencimento com o espaço vivido e o lugar que o rodeia, decifrando-o e representando-o.

3.3 APRENDENDO NO CAMPO

Para entender a formação da identidade cultural em Vila Bela da Santíssima Trindade/MT, Escudero (2005), em um trabalho sobre memória e diversidade cultural no Estado de São Paulo, afirmou que “quanto maior é o sofrimento ao deixar seu país, mais o imigrante luta para preservar sua cultura e tradições”⁴³.

O sofrimento está intrinsecamente relacionado ao passado escravagista e laborioso dos povos africanos explorados pela coroa portuguesa em solo brasileiro. Essa condição desumana e etnocida corroboraram forçadamente para a formação de grupos de resistência, com o intuito de preservar seus cultos, crenças, tradições e até a própria existência.

Ao trazer esta fala para a nossa realidade em estudo, o imigrante passa a ter o papel de escravo em tempos de colonização portuguesa, em específico o negro africano, o que ocasionou grandes perdas humanas, sociais, culturais para o povo negro, em geral. Tal situação ainda persiste em formas de preconceitos estruturais até a contemporaneidade:

Não importa o motivo que levou o indivíduo ou o grupo a migrar — pobreza, surtos de doença, seca, fome, subdesenvolvimento econômico, guerras, distúrbios políticos (regimes arbitrários) e até fatores de ordem íntima. Também não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça. O que está

⁴³ FREITAS, Sônia Maria. **Falam os Imigrantes...Memória e Diversidade Cultural em São Paulo**. Tese de doutorado apresentada em cumprimento parcial às exigências do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2001.

em jogo é a possibilidade de unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma família ou à mesma comunidade (ESCUADERO, 2005. s/p).

A possibilidade de unificação e resgate de memórias identitárias acontece em Vila Bela da Santíssima Trindade/MT somente após a mudança da capital do Estado para Cuiabá em 1835. Segundo relato dos próprios moradores e dos sujeitos do Congo, após essa data seus antepassados foram abandonados no lugar (por motivos e conveniências políticas e econômicas), dando a oportunidade de se reerguerem como ser social e político, mas, primeiramente, como ser humano, característica natural que havia sido retirada tão injustamente.

Sendo assim, o lugar passa a ter uma ressignificação para este povo de outrora que começaram as reorganizações políticas e sociais do território, buscando cada vez mais as expressões e a liberdade cultural de seus antepassados. Dá-se, então, a rememoração para transformá-las em ação, enquanto espaço vivido e pensado.

Neste contexto, ao relembrar o sofrimento de deixar o seu país, o negro escravizado resiste em sua memória a identidade e pertencimento cultural às suas raízes e ancestralidades, apesar dos percalços sofridos por anos a fio. E essa (re)existência cultural persiste até a atualidade nas representações culturais do Congo, conforme explícito na Figura 09.

Figura 9 – Soldados enfileirados, Secretário de Guerra e Canjinjim ao centro.



Fonte: DIAS, Letícia de Matos (2019).

A Figura 9 traz algo além da representatividade negra, sendo possível visualizar a imagem do Embaixador do Rei à frente dos soldados enfileirados, entre eles os músicos tocadores de ganzá, cavaquinho, chocalho e bumbo. Portanto, as ilustrações mostram a imagem representativa e simbólica do secretário de guerra e príncipe Canjinjim, descritos por Loureiro (2006), com seus devidos trajes.

Este arranjo espacial de apropriação simbólica do lugar é descrito por Loureiro (2006), ao afirmar também sobre o Rei do Congo, simbolicamente representado no centro da imagem da esquerda na Figura 9, sendo este o Rei que anda pelas ruas com o Congo e faz parte dos festeiros, sendo escolhido um por Festa. Há também o Rei de cargo vitalício (Figura 10), encarregado de fazer a encenação da Dança do Congo na porta da Igreja no dia da apresentação.

Figura 10 – Representação simbólica de sujeitos do Congo.



Fonte: DIAS, Letícia de Matos (2019).

A Figura 10 mostra duas imagens com representações e simbologias constituintes da identidade cultural de alguns sujeitos que integram o Congo, sendo a Figura A formada pelo Rei representativo ao centro, ao lado esquerdo o juiz da Festa de São Benedito, ao lado direito um ramalhete e a juíza da Festa ao lado. Esses sujeitos são temporários, pois são denominados festeiros do ano, responsáveis pela organização e desenvolvimento da Festividade. O mesmo ocorre com os sujeitos representados na Figura B.

Para Loureiro (2006) o Rei de um cargo vitalício usa uma capa vermelha, porta coroa e empunha um bastão, sendo de sua jurisdição a escolha e nomeação dos dançantes e demais personagens. Nessa simbologia há uma pequena diferença na caracterização quanto a cor da capa do Rei vitalício em Vila Bela da Santíssima Trindade, sendo na cor amarelo (dourado),

Figura 11. Em depoimento do próprio Rei do Congo: “é um cargo vitalício, fica até quando quiser ou quando morrer, não tem nada que impede a permanência no Congo, claro que tem uma disciplina a ser seguida né? Mas a gente já entra sabendo né? Pra saber lidar com o grupo (Informação Verbal)”⁴⁴.

De acordo com as vivências do campo e informações das entrevistas, em consonância com Loureiro (2006), destacam-se ainda alguns personagens como o Secretário de Guerra, ilustrado na Figura 9, com uma capa azul (que comanda as forças do Congo perante o adversário), e o príncipe (um menino na faixa etária de 12 a 15 anos representando uma pessoa valente e disposto a lutar por seu pai, porém é influenciado pelo Secretário de Guerra), que não foi representado mais nitidamente na foto devido não ter a maioridade.

Figura 11 – Representação e caracterização dos sujeitos.



Fonte: DIAS, Letícia de Matos (2019).

Na Figura A, Bacham Leite, um dos dançantes mais antigos do grupo (ao centro), com vasta experiência e vivência sobre a dança em sua entrevista deixou bem claro:

A senhora que está no caminho pra ser doutora, só peço que quando for escrever um livro no futuro, que faça um comentário sobre a gente, sobre o Congo, a nossa cidade, como que ela é, e como que pode ser. Recomendando a esses jovens de todas as cidades, inclusive na sua, comparando pra ver o que acha. Um comentário bom no dia da festa (Informação Verbal)⁴⁵.

⁴⁴ Entrevista realizada com o Rei do Congo Juarez Geraldês no mês de janeiro de 2020.

⁴⁵ ⁴⁵ Entrevista realizada com o Dançante Bacham Leite no mês de janeiro de 2020.

O Secretário e o Príncipe usam saia de cetim vermelho, conforme ilustrado na Figura 12, armada com escudo em forma de coração no peito, feito de papel laminado e flores, e empunham de uma espada e chapéu de cetim da cor da camisa azul-claro. O Embaixador traja capa amarela dourada, longo capacete enfeitado com flores e uma espada, sendo o motivo da dramatização o interesse do mesmo em casar com a filha do Rei do Congo (LOUREIRO, 2006).

Figura 12 – Representação do Embaixador e Secretário de Guerra do Congo.



Fonte: DIAS, Letícia de Matos (2019).

Estes personagens supracitados do Congo, em Vila Bela da Santíssima Trindade, fazem dessas práticas culturais um agregado de símbolos e significâncias, centrados na negritude e ancestralidade como fator vital para a perpetuação cultural no lugar. Nesse sentido, Moura (2005) reitera não haver doação de esmolas para São Benedito, apenas para a Festa do Divino Espírito Santo que também faz parte do círculo festivo, sendo então o Festeiro responsável pelos gastos, levando a comunidade a renovar segundo as tradições para dar continuidade à prática cultural.

A coroação do Rei e da Rainha na festa de São Benedito é carregada de um universo simbólico, ilustrado na Figura 13. Na época da colonização ser coroado rei era fator representativo para a população negra, pois o Rei passava a ter o ônus da obediência. A coroação dos Reis e a formação de Irmandades negras propiciava então a construção de certa familiaridade entre os membros do grupo, possibilitando a formação de comunidades tradicionais a partir da existência e representações das festas religiosas de negros no Brasil (MOURA, 2005).

Atualmente não há essa representatividade pautada na superioridade quando se refere ao Rei do Congo, porque há um espírito de irmandade e igualdade entre todos os sujeitos integrantes do Congo. Porém, ainda continua como facilitador da formação de coexistência e familiaridade entre os povos do lugar.

Figura 13 – Simbologia e representação da coroação de Rei e Rainha.



Fonte: DIAS, Letícia de Matos (2019).

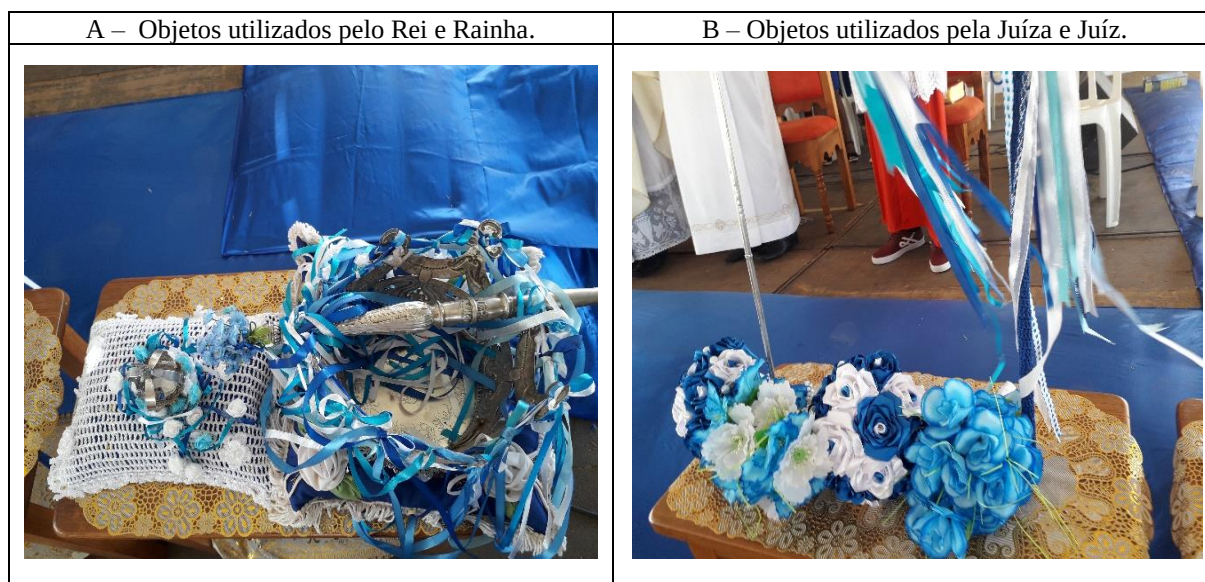
As figuras A e B são dotadas de simbologias, onde a nostalgia e ancestralidade se fazem presentes em forma de apropriação do lugar e espaço vivido pelos vilabelenses devotos de São Benedito. É um momento de comoção coletiva, em que fica latente o sentimento de pertencimento ao lugar, advindo da identidade cultural coletiva partilhada por todos presentes.

A coroação do Rei e da Rainha é um ato de apropriação do lugar e subjetividade, com troca de experiências e vivências, mas tudo muito simbólico, sem a necessidade de uma coroa real com muita pompa. O átimo conta com alguns objetos simbólicos e sagrados para os sujeitos (Figura 14), passados um para o outro, como forma de irmandade e incentivo a posteridade dessa manifestação cultural.

Logo, as representações merecem destaque pelo amor à ancestralidade e à cor da pele, resgate de memórias e homenagens, às vezes póstumas, e a reafirmação de laços identitários entre um povo considerado guerreiro por sua trajetória e resistência, perante o contexto histórico tão penoso e injusto no tocante às comunidades tradicionais e povos originários. Isso é parte essencial e constituinte da identidade cultural do povo vilabelense como um todo, perpassando

por escalas de tempo e espaço, que via de regra, culminaram em arranjos culturais que podem se relacionar e resistir aos percalços históricos e políticos.

Figura 14 – Objetos sagrados utilizados durante a coroação do Rei e Rainha.



Fonte: DIAS, Letícia de Matos (2019).

De acordo com Machado (2008), a escolha do Rei do Congo, em tempos remotos, dependia da anuência e aprovação das autoridades seculares e eclesiásticas, deixando claro a dominação da monarquia portuguesa em uma escala hierárquica de comando. Cruz (2012) chama essa hierarquia e superioridade cultural europeia de racismo epistemológico, criado desde o século XVI, quando a Europa colonizou o mundo.

Desde então o racismo e o preconceito tiveram suas ramificações disseminadas nas colônias como forma de domínio cultural, político, social e econômico. Por conseguinte, o racismo epistemológico discutido por Cruz (2012), erroneamente, considerava-se a cultura de elite superior à cultura praticada pelo povo, sendo as práticas populares mais comumente designadas como folclore, de visão eurocêntrica.

Segundo informações obtidas em conversas com os próprios sujeitos, a escolha do Rei do Congo já não tem anuência de autoridades eclesiásticas ou políticas, mas é geralmente feito em forma de convite por parte do Embaixador do grupo que organiza a representação da dança. Como registrado na fala do atual Rei do Congo:

Conheço há muito tempo, desde quando eu nasci, a fase de adolescente. Mas participar mesmo dela, eu fui em 2008. Já ingressei como Rei do Congo, porque faltou o saudoso Joaquim Poeta, que era o antigo Rei. Ele veio a falecer, aí eu recebi um convite do Totó embaixador e eu aceitei. É um cargo vitalício, fica até quando quiser ou quando morrer, não tem nada que impede a permanência no Congo, claro que tem uma

disciplina a ser seguida né? Mas a gente já entra sabendo né? Pra saber lidar com o grupo (Informação Verbal)⁴⁶.

Moura (2005. p. 147) afirma em suas análises a partir de entrevistas que a origem da Dança do Congo em Vila Bela da Santíssima Trindade tem matriz cultural negra, em específico, com a vinda de escravos africanos da Guiné, na África.

Para Cruz (2012), o desprezo da elite pelas raízes negras da cultura mato-grossense no período colonial constituía-se em uma forma de renegar as origens e práticas populares, negligenciando a presença do negro na formação do espaço mato-grossense e exaltando os modos de vida e dominação das metrópoles.

Este comportamento ainda persiste na cultura brasileira como forma de exclusão social, o qual Almeida (2018, p. 42) afirma que “a especificidade da dinâmica estrutural do racismo está ligada às peculiaridades de cada formação social”. Nesse sentido, “Os diferentes processos de formação nacional dos Estados contemporâneos, não foram produzidos apenas pelo acaso, mas por projetos políticos. Assim, as classificações raciais tiveram papel importante para definir as hierarquias sociais” (ALMEIDA, 2018. p. 43).

Apesar deste subjugo europeu sobre as comunidades e práticas religiosas africanas desde o período colonial, atualmente há um forte movimento de (re)existência cultural relacionado ao processo de hibridização entre as matrizes negras e a religiosidade oficial herdada dos colonizadores. Essa inversão promove uma coexistência de poderes e respeito entre a Religião Oficial (Católica) e as práticas religiosas de cultura popular relacionadas à Dança do Congo e tantas outras manifestações de origem africana no local (Figura 15).

Figura 15 – Sincretismo religioso entre autoridades eclesiásticas católicas e a prática cultural da Dança do Congo.



Fonte: DIAS, Letícia de Matos (2019).

⁴⁶ Entrevista realizada com o Rei do Congo Juarez Geraldês no mês de janeiro de 2020.

De acordo com Machado (2008), a Festa do Congo é considerada uma prática cultural que incorporou traços da cultura europeia e indígena, destacando a capacidade e resiliência dos negros em (re)existir em território conflituoso do período colonial. Por isso, afirma-se ainda que a representação das crenças e práticas religiosas-culturais explícitas neste município demonstram expressões das religiosidades brasileiras hibridizadas com outras origens étnicas.

Logo, pode-se notar a identidade cultural de matrizes negras, tanto no âmbito simbólico e devocional quanto na limitação dos adeptos e praticantes do Congo. Para Cruz (2012), a forma como passa a ser conhecida a cultura local, através da negritude, deu-se a partir do momento em que os povos começaram a valorizar a cor da pele, sendo cada vez mais enriquecidas no processo de embate com culturas europeias, indígenas e brancos pobres.

Já a incorporação de traços culturais europeus e indígenas na Dança do Congo, de modo geral com sua capacidade de resiliência, apesar das agregações, o Rei do Congo desta localidade afirma que: “é a única festa do Congo que ainda continua com a mesma originalidade da África, usando os palavreados, os gingados, a africanidade em si, o modo de vestir. Vila Bela ainda continua no mesmo ritual” (Informação Verbal⁴⁷). Isso mostra que, apesar de a cultura ser dinâmica, em alguns pontos estas características podem ser percebidas nos modos de falar, nos gingados, nas roupas. São peculiaridades que permanecem atemporais, mesmo tendo sua origem em tempos antecessores ao nosso.

Esta duplicidade de significância está relacionada ao fato de alguns elementos da prática cultural serem considerados estáticos e imutáveis dentro do grupo, apesar de a cultura ser constituída por práticas fluidas. Os elementos são visíveis em entrevistas e nas apresentações do grupo em suas danças e devoções como o modo de vestir, falar, cantar e se expressar, sendo especificidades que os sujeitos consideram como fatores primordiais constituintes de sua identidade cultural.

Tal originalidade e africanidade citada pelo entrevistado, já abordada anteriormente, se constituem em outra expressão marcante e visível da prática cultural local: os trajes e gingados são atributos que lhes dão uma individualidade e destaque na formação de sua identidade cultural perante o público que prestigia todas as manifestações festivas do lugar.

Por isso, a análise se torna em uma importante oportunidade para o entendimento da identidade e valorização cultural do lugar, através dos processos de resistência frente às forças hegemônicas, preservando os modos de viver, de ver o mundo, de expressar suas crenças e ancestralidades (Figura 16).

⁴⁷ Entrevista realizada com o Rei do Congo Juarez Geraldês no mês de janeiro de 2020.

Figura 16– Originalidade e africanidade do Congo em Vila Bela da Santíssima Trindade/MT.



Fonte: DIAS, Letícia de Matos (2019).

Para Fava (2015) isso é um valor social importante, visto que essa afirmação vem de sua dissertação de Mestrado intitulada “Valores sociais na mesa: comida cotidiana e festiva em Vila Bela da Santíssima Trindade/MT”, em que constatou a necessidade dos vilabelenses em se reafirmar como negros, representantes de seus ancestrais e responsáveis pela perpetuação dessa festa cultural dos modos e costumes deles advindos.

Já no que se refere à transmissão dos conhecimentos da Dança do Congo, Souza (2006) argumenta que as sociedades africanas sempre tiveram a narrativa oral como forma de representação, em delegação dos mais velhos e sábios aos mais jovens e inexperientes. O autor justifica tal familiaridade pelo fato de as primeiras sociedades africanas não terem o conhecimento da escrita, falta de acesso dos negros à educação e, consequentemente, à leitura, condição que era imposta pela escravidão e permaneceu por um longo tempo após a abolição.

Esta realidade aconteceu, inclusive, em Vila Bela da Santíssima Trindade, fato que dificultou o registro de muitas representações históricas e culturais do lugar por parte dos próprios sujeitos, tendo em vista o histórico do município relacionado ao processo de escravidão, exclusão social e cultural dos negros por séculos.

A segmentação dos negros escravos e ex-escravos moldava uma sociedade pós-abolição que ainda permanecia organizada ideologicamente com as formas de organização herdadas da

Colônia, o que excluía de forma automática os negros dos direitos de cidadania e contribuía para o surgimento de algumas atitudes de segregação por parte dos descendentes africanos que ali ficaram. As atitudes segregacionistas, segundo relatos de alguns moradores mais antigos que aprenderam com seus antepassados, eram explícitas na exclusão do negro, principalmente, em ambientes educacionais.

De tal modo, esta prática dificultou o processo de acesso à liberdade de expressão e registros das representações culturais de matrizes africanas, não só em Vila Bela da Santíssima Trindade, mas no país todo, restando a oralidade e a informalidade como forma de (re)existência cultural entre os sujeitos. Atualmente, segundo relatos dos próprios entrevistados, a transmissão do saber ainda permanece retoricamente na forma oral, entre famílias e amigos mais íntimos, e apesar da tecnologia e educação disponível para todos ainda há uma carência muito grande em registros históricos sobre essa prática cultural local.

Assim, a vivência e a experiência partilhadas pela oralidade familiar são citadas pelos entrevistados ao explicarem sobre as formas de transmissão do saber cultural e as práticas envolvidas nas representações simbólicas do espaço vivido, mas também das dificuldades desse repasse, sobretudo por não ter nada escrito. No entanto, conforme os relatos, a transmissão se faz de geração para geração, de irmão para irmão, de pai para filho e assim sucessivamente, valorizando a oralidade:

É uma coisa que a gente não vê quase uma palestra com a garotada. É até uma falha da gente em não fazer isso. Eu sempre faço minha parte na sala de aula, mostrando a importância de eles participarem, em se interessarem pela nossa cultura. Hoje na sala de aula o aluno não está muito interessado em saber de nada, nem de festa, nem de matéria. Mas sempre digo que precisamos renovar com esse espírito de criança pra dar continuidade. Mas essa festa vem perdendo um pouco a sua originalidade, porque morre um e não deixa nada escrito, desde o primeiro Rei do Congo que existiu não deixou nada escrito. Então chega um momento que a pessoa não sabe os linguajares africanos corretos e inventa algo parecido, descaracterizando a coisa toda (Informação Verbal)⁴⁸.

Aqui na nossa cidade nós temos uma deficiência muito grande, que os mais velhos algumas vezes não passam o seu conhecimento pros descendentes, às vezes, também não tem interesse em querer saber. É uma coisa estranha, então, às vezes, vai morrendo as pessoas e o conhecimento vai morrendo junto. Meu pai mesmo que dançou mais de 50 anos nunca pegou a gente e começou a contar a história do Congo. Pra criança isso é festa, mas depois que você começa a entender você vê que não é uma simples brincadeira. Então essa falta de ter algo escrito dificulta na transmissão do conhecimento pro povo também, havendo algumas divergências entre os próprios dançantes. É uma coisa estranha, então, às vezes, vai morrendo as pessoas e o conhecimento vai morrendo junto. O povo de Vila Bela é portador de uma cultura riquíssima em

⁴⁸ Entrevista realizada com o Rei do Congo Juarez Geraldês no mês de janeiro de 2020.

nível de Brasil, e em sua grande maioria não se preocupa em estudar, em ler sobre nossa história pra quando chegar um turista ou pesquisador eu me oferecer e apresentar os aspectos e significados do nosso povo (Informação Verbal)⁴⁹.

É na família mesmo, eu desde pequeno tive vontade ao ver meus tios e meu avô participando. Então fui chamado pra aprender e acompanhar os ensaios. Apesar de eu ter bastante tempo no Congo, eu sou novo no grupo, e a gente não tem um ensinamento de quem é mais velho e tem mais conhecimento. Às vezes, a gente pergunta e eles não sabem falar também. Esses tempos foi lançado um livro sobre a nossa festa aí. Eu peguei e tô lendo ele agora e tô aprendendo também pra ter conhecimento (Informação Verbal)⁵⁰.

Os mais velhos repassam pros mais novos que entram. Não temos uma cartilha pra ler quando entra, tudo é repassado de geração pra geração e assim vai indo. Lembro quando era criança que escutava o Congo, já acordava, vestia a roupa e ia pra rua, só voltava a noite. Nunca pensei um dia que fosse participar, mas aconteceu naturalmente. Tem o Daniel aqui mesmo, que já é família dele né? Pega a geração de fora a fora, é pai, avô. Eu não tive essa sequência, agora que meu irmão entrou, depois eu, e espero dar continuidade (Informação Verbal)⁵¹.

É de geração em geração. Desde pequeninho um filho meu já falou que vai dançar no congo, meu neto também já tá junto e vai aprendendo, vai vendo as coisas na geração (Informação Verbal)⁵².

Um fato curioso em comum obtido com alguns entrevistados refere-se à retenção de conhecimento e saberes por alguns praticantes mais antigos, que já não participam da prática ativamente, somente através de suas memórias e experiências subjetivas. O que pode ser visto por duas nuances: a individualidade de práticas como construção da identidade cultural e unicidade nas representações culturais por um espaço de tempo. Por outro lado, pode representar a significativa redução de saberes riquíssimos que poderiam contribuir com a perpetuação, aperfeiçoamento, incentivo e identidade coletiva da cultura como um todo.

Neste sentido, as colocações das informações verbais remetem novamente a Neves (1998), quando se analisa o lugar e os sujeitos referidos pelo entrevistado sobre a ótica da memória como constituinte da identidade cultural do indivíduo, ao falar que “o conceito de memória é crucial porque se cruzam passado, presente e futuro, temporalidades e espacialidades [...] a lembrança e o esquecimento [...] dado e construção [...] revelação e ocultação.” Essa afirmativa respalda a ocultação e o esquecimento como fatores temporais de retenção de conhecimentos por parte de alguns sujeitos.

⁴⁹ Entrevista realizada com o Dançante Cleoney Geraldles (Presidente da Associação da Dança do Congo) no mês de janeiro de 2020.

⁵⁰ Entrevista realizada com o Dançante Wanderson no mês de janeiro de 2020.

⁵¹ Entrevista realizada com o Dançante Agder Nantes no mês de janeiro de 2020.

⁵² Entrevista realizada com o Dançante Bacham Leite no mês de janeiro de 2020.

Ademais, a retenção de conhecimentos foi mencionada por alguns entrevistados tanto em conversas informais quanto em rodas de conversa, em que se falava sobre a transmissão de saberes e práticas. Segundo os dados obtidos, há uma certa individualização de algumas representações relacionadas aos gingados, ao falar, ao dançar, quando se refere aos mais velhos e alguns ex-participantes da prática cultural.

Vale ressaltar que essa prática pode ocasionar a redução dos conhecimentos e dificultar a posteridade cultural, se não houver o repasse de saberes entre o grupo e seus descendentes. Para Santos (2015), esta realidade se aplica a uma dimensão de experiência ontológica:

Memória e identidade individual relacionam-se com a experiência ontológica, com a dimensão do vivido (espaço vivido), pois criam-se experiências concretas, reais, produzidas pela relação espacial. Já a memória coletiva é construída numa escala espaço temporal mais ampla, atravessando gerações e permitindo a memória do não-vivido. “Por tudo isso, memória e identidade são fundamentais para indivíduos e sociedades e é o direito a memória e identidade que dá origem às políticas públicas de preservação do patrimônio histórico-cultural” (SANTOS, 2015. p. 14).

Além disso, remete também a dificuldade de registros de práticas e saberes, tendo em vista que não são compartilhadas com as pessoas ao redor, pesquisadores ou curiosos do assunto. Contudo, são especificidades que constituem a identidade subjetiva do ser em seu espaço vivido, passando a existir em um mundo do eu-imaginário. Logo, nos faz lembrar sobre a dificuldade de registro de saberes tradicionais de outrora por falta de tecnologias e acesso à educação pelas pessoas mais pobres, sendo, em geral, as praticantes das culturas tradicionais.

Pode-se dizer, então, que essa exclusão social dificultou um registro mais elaborado e de forma concreta sobre a manifestação cultural praticada pelos mesmos, conforme Souza (2006), bem como as rodas de conversa com os moradores simpatizantes e adeptos desta expressão cultural local. Nesse sentido, a representação cultural que permanece é considerada uma forma de respeito em memória aos que lutaram para poderem dar vida a posteridade.

Com o avanço da modernidade e lutas por direitos sociais, a educação tornou-se um direito de todo cidadão brasileiro, o que possibilitou que os registros culturais fossem escritos em livros ou cartilhas. Todavia, as culturas tradicionais ainda encontraram alguns empecilhos em suas divulgações, além da retenção de saberes já citados, há uma desconstrução cultural de elite e homogeneização de acordo com interesses políticos e econômicos.

O contratempo na escrituração dos fatos permanece relutante em nossa contemporaneidade e é relatado pelos próprios sujeitos viventes da cultura. Apesar de toda a tecnologia disponível, a dispersão de informações ainda é considerada pouca, conforme visto nos relatos locais, além da falta de incentivo a preservação e ao resgate cultural entre os mais

jovens. Assim, a transmissão de conhecimentos fica resumidamente entre famílias, segundo conta o Dançante Daniel Geraldês, “a transmissão é feita para geração. De pai para filho. O ensinamento de salvaguardar as nossas origens, por mais difícil que seja” (Informação Verbal⁵³).

Corroborando com a argumentação acerca da fundamentação mítica da Dança do Congo, Moura (2005) e Cruz (2012) reiteram que no período colonial escravagista a dinâmica festiva era baseada na dramatização entre a disputa de cristãos e mouros. Nesse viés, os negros libertos, escravos ou descendentes de africanos participavam de um enredo liderado pelo Rei do Congo (rei dos cristãos) em um embate com a Rainha Ginga (Rei do Mouros), entre outras variantes.

A encenação ilustrada em partes na Figura 17 se desenvolvia e ainda se desenvolve em torno da batalha travada pela recusa dos mouros em se converter ao cristianismo, que após serem derrotados, arrependidos aceitavam a conversão (MOURA, 2005).

Figura 17 – Mosaico das representações da encenação do Congo.



⁵³ Entrevista realizada com o Rei do Congo Juarez Geraldês no mês de janeiro de 2020.



Fonte: DIAS, Letícia de Matos (2019).

Nota-se, portanto, uma ambiguidade entre as definições da Dança do Congo, se comparada com Loureiro (2006), ao afirmar que o motivo da dramatização é o interesse do príncipe do reinado oposto em casar com a filha do Rei do Congo. A partir desse contexto, faz-se necessário, então, uma averiguação *in loco* com os adeptos da festa para compreender as particularidades do local e definir as gêneses definitórias dessa prática religiosa e cultural.

Loureiro (2006) discorre sobre a dinâmica atual da Festa do Congo, afirmando que no dia da festa há uma encenação da disputa do Rei do Congo e Rei Monarca, com procissões pelas ruas (Figura 17), dançantes enfileirados lado a lado, simbolizando o exército de um dos reinos envolvidos na luta, conduzidos pelo seu rei. A dramatização da luta (Figura 17) entre os dois reinados culmina na derrota do Rei do Congo, que vencido chora, pede a paz, encerra a representação e a dança com a comemoração de todos.

Assim posto, pode-se dizer que a Dança do Congo possui múltiplas práticas, interpretações e vivências, sendo que o processo de vivências e relações sociais durante a formação territorial e sociocultural do Estado de Mato Grosso propiciam o molde dos lugares, conforme as crenças, costumes, religiosidade e práticas delas advindas. Portanto, a experiência, a consciência e a intencionalidade dos indivíduos nos lugares constituem o espaço vivido como uma representação do mundo fenomenal.

Através das observações *in loco* e levantamentos bibliográficos, a Dança do Congo em Vila Bela da Santíssima Trindade envolve toda a comunidade, pesquisadores, visitantes e turistas, revelando a intensa disseminação das manifestações culturais do lugar e a relação das práticas com a identidade cultural que permite uma distintiva e ressignificativa marca da cultura (FAVA, 2015).

De todo modo, é uma importante manifestação cultural regional de um povo que se mobiliza em torno do culto a uma divindade predefinida, onde o folclore é reconhecido no direito de exercer a cidadania, educação e lazer, promovendo o turismo e a renda para a região, na época. Para isso, temos algumas ponderações de Francisco Robinho Profeta Vieira, Secretário de Cultura de Vila Bela da Santíssima Trindade, sobre a cultura do município:

Eu tenho mais de 20 anos de trabalho aqui no município, entre idas e voltas na administração municipal, a Festança é do município mínimo de extensão urbana. O povo daqui sempre foi gracioso ao doar animais e outras ajudas para estas festas, que no início era realizadas em casa de festeiros, isso bem num passado distante [...].

Mas quando o poder público passou a fazer parte como apoiador da Festança do município, a Festa tomou mais dinamismo, cresceu mais em termos de divulgação, pois antes a Festa era realizada no município, cartazes feito em algumas gráficas, mas pregados no município e um ou outro esparramado em duas ou três cidades. Hoje a gente tem uma confecção muito maior de cartazes, mídia, televisão e divulgação, inclusive, para outros Estados. Com a facilidade das redes sociais hoje, o cartaz e divulgação ganhou um dinamismo maior ainda de explanação.

Teve assim: às vezes se encontra uma daquelas pessoas mais novas, eles dizem que a Festança está acabando, mas dizem porque quer que a Festança fique com palco e som até amanhecer, mas a Festa é a mesma.

[...].

Às vezes pode ser que no futuro tenha alguma mudança quanto a estrutura, o espaço pra se fazer o almoço, um espaço pra apresentação, um espaço de onde se percorrer com o Congo em Vila Bela, porque tem gente que desrespeita muito as tradições quando estão se apresentando.

Às vezes a pessoa gasta uma fortuna com a sua roupa e os adereços, e vem uns desordenado de moto ou carro empinando e acaba sujando o povo. O povo de Vila Bela não tinha isso, mas imigraram um povo que não tem esse respeito para com a cultura nossa e não tem costume, alguns não tem crença nenhuma. Eu vi esses dias no Levantamento dos Mastros na Igreja, uma senhora numa caminhonete virou sobre nós em alta velocidade passando assim...? (semblante de espanto)

[...]

Então, eu creio que precisa fazer um traçado e um pensamento mais dinâmico de como percorrer com o Congo em Vila Bela e o espaço em segurança.

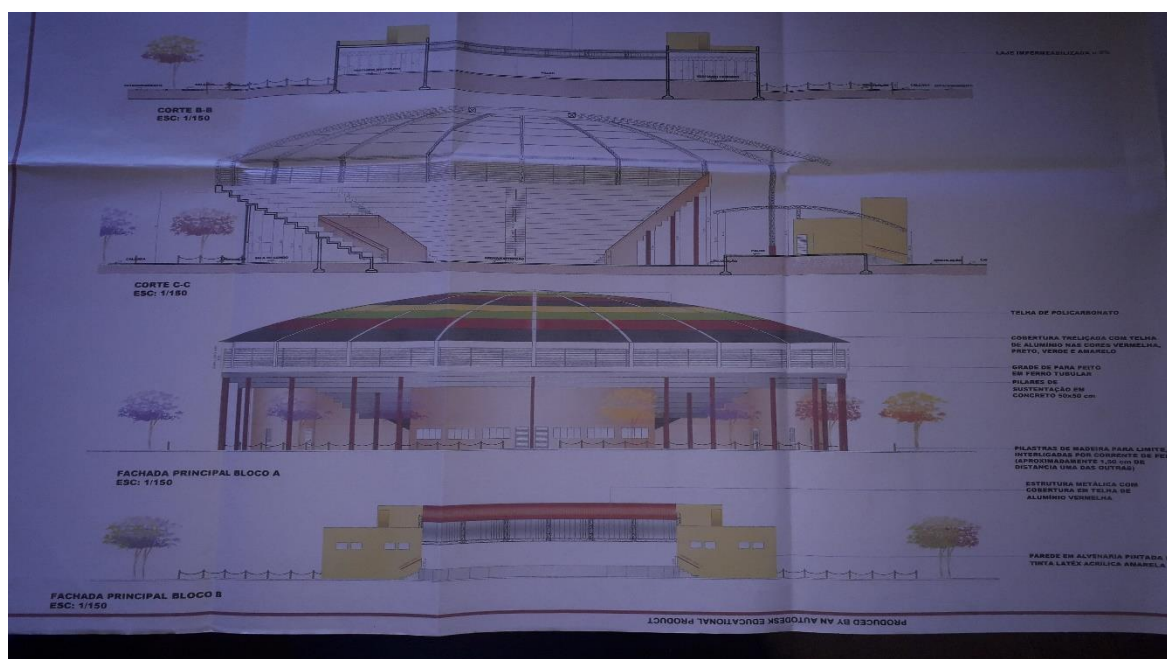
Não aquela coisa de gasto excessivos, mas dinamizar e melhorar. Ah, o Congo precisa andar. Tá aí o Duda de testemunha, através do aplicativo de celular, chega a fazer 45km no dia. Será que não podia resumir às vezes? Um turno numa praça ou tantas quadras, ou numa região que tenha menos acesso, ou cercar uma rua? Tipo a rua da entrada da cidade [...] os festeiros que moram pra região leste da cidade vão se posicionar na entrada da cidade [...] e de lá cinco quadras ou dez quadras tendo nas suas esquinas uma pessoa e o fechamento em forma de respeito, tradição e fé, tendo no espaço, então, somente os turistas, admiradores e devotos até chegar na igreja. E na volta faz-se o mesmo percurso.

[...]

Temos o projeto do Congódromo (Figura 18), mas isso é promessa política de vários governadores e deputados, e já fizemos até convênio, porque o projeto

do Congódromo é gigantesco, mais de cinco anos trabalhando nele e quando tá aprovado o governo do Estado tira o dinheiro da Cultura e paga as contas. Na minha visão como Secretário de Cultura, o Congódromo é um espaço muito bom, com arquibancada, com várias secretárias embaixo pra Congo, Chorado e as Irmandades, pra Cultura e Turismo, pra não deixar o prédio obsoleto e teatros, lanchonetes na lateral externa pra anteder em todos os períodos. Além da área de lazer pro pessoal fazer sua caminhada em volta. Mas como o gasto é gigantesco, a gente podia utilizar um estilo parecido com ginásio ou um sambódromo, arredondado ou quadrado que tenha quase as mesas características do Congódromo, exceto as salas anexas, lanchonete, aquele meio mundo de coisa, mas a prefeitura municipal na minha visão podia ter um local demarcado assim para as representações culturais de Vila Bela.

Figura 18 – Projeto do Congódromo em Vila Bela da Santíssima Trindade/MT.



Fonte: Anne Carolie Brito Berlandi. Organizado por DIAS, Letícia de Matos (2019).

A partir destas colocações, pode-se observar que as práticas culturais vilabelense são fatores de extrema importância para o município, em todos os âmbitos, e o poder público não lhe é indiferente. Essa realidade contribui muito para a perpetuação da tradição religiosa e cultural do lugar, tendo em vista o histórico de ancestralidade.

A preservação da cultura do povo, não é nem resgate, é preservação. Nós não resgatamos nada, apenas preservamos. Nesta preservação engloba as demais festas religiosas da Festança (a do São Benedito, das Três Pessoas, Divino Espírito Santo, Mãe de Deus e outras atividades religiosas), mas o que encanta pela forma das apresentações culturais é na segunda-feira, a interpretação do Congo e da Dança do Chorado (Informação Verbal)⁵⁴.

Fica explícito a consonância da realidade com a arguição de Claval (2001):

⁵⁴ Entrevista realizada com o Secretário de Cultura de Vila Bela da Santíssima Trindade no mês de janeiro de 2020.

A cultura é uma criação coletiva e renovada dos homens. Ela molda os indivíduos e define os contextos da vida social que são, ao mesmo tempo, os meios de organizar e de dominar o espaço. Ela institui o indivíduo, a sociedade e o território onde se desenvolvem os grupos. As identidades coletivas que daí resulta limitam as marcas exteriores e explicam como diferentes sistemas de valor podem coexistir num mesmo espaço (CLAVAL, 2001, p. 61).

Especificamente, em Vila Bela da Santíssima Trindade, são práticas religiosas que culminam na formação de identidades culturais entre os povos ali existentes para a apropriação simbólica do lugar, considerando todo o espaço vivido em uma escala espaço-temporal.

Em consonância com Claval (2001), pode-se dizer serem estas mesmas práticas que permitem o modo de organizar o espaço em tempo de festa, instituem regras entre os indivíduos e a sociedade como um todo. Além disso, uma delas se constitui em uma relação identitária indivíduo-coletivo e está na abertura da representação, onde os dançantes marcham até a residência do governo municipal para de modo simbólico pedir as chaves da cidade e assim ter domínio sobre o espaço naquele período festivo. Essa informação foi captada observando os ensaios preparativos da Festa do Congo em julho de 2019, período em que era reservado às observações investigativas.

O fato de “ter domínio da cidade” nos dias festivos é uma simbologia de respeito, reconhecimento e valorização cultural, semelhantemente à não aceitação das autoridades religiosas em São José dos Quatro Marcos sobre a Folia de Reis, no que se refere à participação na entrevista. Desse modo, temos uma congênere realidade sobre a Secretaria de Cultura do referido município que, apesar de sempre estar apoiando as festividades religiosas tradicionais e outros eventos culturais, não confirmou a participação do secretário responsável por esta pasta.

CAPÍTULO 4 – A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES COLETIVAS NAS DISTINTAS ORGANIZAÇÕES DO ESPAÇO E VIVÊNCIA NO LUGAR

Conceder-nos-ão, talvez, que um grande número de lembranças reaparece porque nos são recordadas por outros homens; conceder-nos-ão mesmo que, quando esses homens não estão materialmente presentes, se possa falar de memória coletiva quando evocamos um acontecimento que teve lugar na vida de nosso grupo e que considerávamos; e que consideramos ainda agora, no momento em que nos lembramos, do ponto de vista desse grupo.

Maurice Halbwachs.

Tomando a epígrafe acima como base, pode-se discorrer sobre as distintas organizações socioespaciais do nosso país, abordando os mais diversos aspectos e temas. Nessa analogia, a construção de identidades coletivas depende diretamente do contexto político e da formação do território enquanto espaço vivido e portador de cultura. Para tanto definir o que é cultura não é uma tarefa fácil, porque contém inúmeros significados e contextos, bem como diferentes territórios de formação e espacialização.

Para Rocha e Almeida (2005) o conceito de cultura mais aceito pela Geografia é o da Antropologia Cultural, pois “reconhece que os seres humanos vivem num mundo que foi construído por eles mesmos e nele encontram significado. A cultura é constituída pelo mundo cotidiano vivido por todos nós e onde todos nos movimentamos, relacionando-nos entre nós e com o entorno” (ROCHA; ALMEIDA, 2005. p. 3).

O conceito de cultura e suas aplicações sempre foram estudados em diversas áreas, mas até o século XVI estava relacionado ao “cuidado com algo”, como uma metáfora para o desenvolvimento agrícola. Outra caracterização, agora para o estado do espírito através do pensamento iluminista francês, a cultura é o instrumento de diferenciação do homem entre o estado de natureza e as nações civilizadas (CANEDO, 2009).

A dinamicidade do termo perpassou por longos debates e até hoje se discute acerca do assunto, porém, diante de uma multiplicidade de interpretações que abarca toda formação da identidade cultural, nos atemos a algumas concepções fundamentais citadas por Canedo (2009), as quais são: uma concepção definida como um sistema de signos e significados criados pelos grupos sociais; outra concepção que ressalta o papel que a mesma pode assumir como fator de desenvolvimento social.

Tendo esta premissa como base definitiva para a cultura, pode-se dizer que agem em consonância nas relações sociais e, neste caso, nas práticas culturais da Folia de Reis e da Dança

do Congo. A partir disso, podemos entender a formação da Folia de Reis em São José dos Quatro Marcos/MT com suas devidas simbologias, representadas teoricamente como signos e significados por Canedo (2009), ressaltando a participação no processo formativo do município desde a década de 1970, quando começaram as primeiras manifestações da Folia de Reis, trazendo as influências mineiras e paulistana. É valoroso lembrar que:

Apesar do processo de globalização, os habitantes do município de São José dos Quatro Marcos formam uma vasta diversidade cultural. Essa manifestação provém de pessoas determinadas, oriundas dos estados brasileiros, com uma soma de conhecimentos, crenças, hábitos e moral, e que acreditaram e acreditam neste chão e em sua vida nova [...] esta região compreendia o território de Vila Bela da Santíssima Trindade, nos tempos da capitania de Mato Grosso [...] mas a colonização efetiva da região Sudoeste de Mato Grosso pode ser considerada um desmembramento da Marcha para o Oeste, a partir de 1960 (BORDIN, 2018. p. 21).

Sobre o âmbito destas realidades, cabe salientar ainda que os estudos de Geografia da Religião foram bastante influenciados pela Geografia Cultural Saueriana na década de 1960, com seu grande destaque nas últimas décadas do século XX, ganhando maior visibilidade, de acordo com Oliveira (2012), com o trabalho de Paul Fickeler, de 1947, intitulado “Grundfragen der Religions Geographie” (Questões Básicas da Geografia Religiosa).

Além deste trabalho, tem-se também a contribuição de Pierre Deffontaines com a obra “Geographie et Religions” (Geografia e Religiões), de 1948, e a obra de Maxmillien Sorre, de 1957, com o título “Rencontres de la Géographie et de la Sociologie” (Recortes da Geografia na Sociologia). Atualmente, Zeny Rosendahl, Roberto Lobato Correa e Paulo Claval têm grandes contribuições na Geografia Cultural e Geografia da Religião brasileira.

4.1 IDENTIDADE CULTURAL NA DANÇA DO CONGO EM VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE/MT

Retomando as concepções de Canedo (2009), equitativamente, advém em Vila Bela da Santíssima Trindade/MT as representações das práticas culturais da Dança do Congo como os signos e significados do sistema formador da cultura que, por sua vez, assume um fator essencial no desenvolvimento social do município.

Porém, o processo de formação de Vila Bela da Santíssima Trindade/MT, de acordo com Morais (2018), teve sua concepção em um sistema político marcado por profundas relações de poder e dominação, como já mencionado no capítulo 1. Nessa acepção, a cultura definida por Canedo (2009) agiu como fator de ressignificação do lugar perante as dominações e subjugo no período colonial, podendo ser considerada como resistência e assumindo o seu papel no desenvolvimento social do lugar.

Mediante isso, nota-se que são lugares ímpares em suas histórias e formações, pois fazem jus a uma compreensão distinta de suas organizações do espaço e vivências no lugar, conforme explanado no decorrer deste capítulo. Então, começemos por Vila Bela da Santíssima Trindade/MT.

Como fora visto, após o desfile dos dançantes do Congo pelas ruas e casas dos adeptos da religiosidade popular, em busca dos festeiros⁵⁵ do ano, há a realização da Chegada⁵⁶ do Congo na Igreja Central, no espaço da praça de Vila Bela da Santíssima Trindade. Esse momento se divide em dois dias de peregrinações, festejos, representações e simbologias, o último dia é pautado pela transferência do cargo entre os próximos festeiros.

Fica explícito o sentimento de identidade cultural entre os participantes, porque partilham da mesma crença, costumes e regras. Nesse contexto, a apropriação do espaço simbólico dá sentido ao lugar e está presente desde o início do desfile do Congo até o momento da Chegada na Igreja para a entrega dos festeiros, permanecendo na memória dos fiéis durante o período de resguardo e reaparecendo quando há o contato com as referidas práticas religiosas.

A Festa para São Benedito, que contempla a realização da Dança do Congo, é representação material da fé, mediante os agradecimentos, preces e promessas dos fiéis, sendo que os dias que antecedem a festa são marcados por ensaios dos passos de dança e cânticos pelos Dançantes do Congo. A parte gastronômica também se mantém sempre movimentada durante esse período, com elaboração de pratos típicos com antecedência (MOURA, 2005). Em consonância a esta socialização e representações da fé entre os Dançantes do Congo, os praticantes e devotos das práticas religiosas advindas deste fenômeno, reitera-se ainda que:

As músicas, a batida dos tambores, as danças, as conversas entre os participantes, propiciam processos de despertar da memória, ocorrendo numa transferência de experiências e aprendizados. Principalmente nos dias que antecedem a Festança, quando o grupo de Dançantes ensaia diariamente pelas ruas da cidade ou em um local previamente escolhido, preparando-se para as apresentações em louvor a São Benedito (MOURA, 2005. p. 147).

As práticas que despertam as memórias dos sujeitos, suas experiências e vivências dialogam em consonância com Escudero (2005), ao afirmar que: “a identidade cultural está intimamente ligada com os costumes, as tradições, os hábitos, os valores, as crenças e o modo

⁵⁵ Pessoas escolhidas entre a comunidade para serem responsáveis pela realização da Festa naquele ano (Anotação pessoal).

⁵⁶ Termo usado para designar o encerramento das andanças dos dançantes pelas ruas e residências dos festeiros. É uma festividade carregada de simbologia, representações, socialização de vivências e experiências entre os participantes (Anotação pessoal).

de viver em si de um determinado povo. Além disso, é preciso considerar o sentimento de pertencimento a uma comunidade ou mesmo a uma sociedade” (ESCUADERO, 2005. s/p).

As representações de práticas, saberes, costumes e tradições no processo de construção identitária do lugar em Vila Bela da Santíssima Trindade são passíveis de observação e análise em quatro dias de festa, porém, antes de tudo há o levantamento do mastro e a Alvorada, que aqui chamaremos de Prelúdio. De antemão, pode-se dizer que o lugar possui um forte sentimento de pertencimento pelos sujeitos, fruto do processo histórico e ancestralidade cultural.

Sendo assim, o levantamento do mastro da Festa de São Benedito (Figura 19) se dá ao entardecer, acompanhado de cânticos e rezas do povo que cerca o lugar da representação cultural, seguido de comemoração com fogos de artifícios. A realização desse ato remete à descrição de Correa (2007), quando afirma que os símbolos dão a identidade a determinado lugar ou povo:

As formas simbólicas espaciais constituem importantes elementos no processo de criação e manutenção da identidade, seja étnica, racial, religiosa ou nacional, seja ainda a identidade de um lugar. Constituem elas geossímbolos, marcas identitárias que individualizam uma certa porção do espaço ou um grupo humano (OLIVEIRA, 2019. p. 169).

Figura 19 – Levantamento do mastro e sincretismo religioso.



Fonte: DIAS, Letícia de Matos (2019).

Nesse viés, a análise se aplica praticamente a todo o universo cosmológico e a consolidação do espaço vivido nas/das culturas tradicionais, ressaltando que na Dança do Congo se manifesta em várias nuances, entre elas: o levantamento do mastro com o símbolo da Festa de São Benedito, conforme ilustrado nas imagens A e B da Figura 19. Pensando nisso,

Tuan (2008) nos leva a refletir sobre essas minúcias elucidativas sobre o espaço vivido e o lugar, quando diz que as experiências cotidianas reforçam o antropocentrismo dos lugares. Desse modo, o lugar e o espaço são passíveis de intercorrências de acordo com suas matrizes culturais, sociais e históricas

Além disso, pode-se observar mais uma vez a presença explícita do sincretismo religioso entre a religiosidade oficial (representado pela imagem do padre) e a religiosidade popular (simbolizado na epifania do mastro), assim como em todas as simbologias alusivas à Festa de São Benedito e à Dança do Congo. Contempla-se, portanto, nessas práticas uma construção do espaço vivido, servindo como base de mediação entre o homem e a divindade, onde a subjetividade do momento atrai curiosidade e respeito até dos curiosos que estiverem ao redor, nos bares. Isso faz com que haja a transformação simbólica e momentânea do lugar em um transpassamento carregado de ancestralidade, tradição, fé, respeito, ou seja, une os sujeitos em uma mesma identidade cultural.

A percepção desta complexidade é facilmente observável nos momentos de passagem do Congo pelas ruas, nos mais variados lugares da cidade. Não menos importante neste círculo de representações subjetivas, tem-se a realização da Alvorada que se constitui em uma caminhada comunitária pelas ruas de Vila Bela da Santíssima Trindade, em forma de cortejo passando pelas casas dos festeiros e ao longo do trajeto há o consumo de comidas e bebidas alcoólicas típicas do lugar (ROMANCINI, 2019).

Por isso, a manifestação pode ser vista como prelúdio, porque marca o limiar das danças do Congo, do ardor comunitário comandado pelas Irmandades, da efervescência identitária coletiva, onde quase não se é possível identificar os sujeitos dessa manifestação cultural (aqui representados pelos dançantes do Congo e os festeiros) e os turistas, pesquisadores ou adeptos. Ressaltamos que essa diferenciação é dificultosa por dois motivos: primeiro, não estão trajados a rigor, fato que permite o destaque claro na multidão; segundo, o povo está todo junto em constante euforia e nostalgia, não sendo necessariamente organizados em filas ou qualquer outro tipo de sequência organizativa do espaço.

Neste contexto, a Alvorada é geralmente feita com vários grupos de mãos dadas, ou abraçados entoando versos de canções, dentre eles o mais verificado e contagiante: “o campo verde é serenado, o campo verde é Vila Bela, Campo Verde é serenado, o campo verde é Vila Bela”. A confraternização é contagiante e quase indescritível, visto que nos remete às epifanias religiosas, como um sincretismo de adoração, personificação e representação.

O verso descrito no parágrafo anterior faz menção as características físicas do município, bem como as suas especificidades identitárias. Tais peculiaridades são

representações legítimas do que Castells (1999) afirmou, isto é, as comunidades são construídas através de ações que, posteriormente, são preservadas em memórias coletivas, ressaltando o salto temporal e seu poder de instituir o sentimento de pertencimento aos indivíduos que ora fizeram parte desse processo.

As imagens da Figura 20 ilustram cenas do cortejo da Alvorada realizada em 20 de julho de 2019. Nessa data, em campo, só foi possível a observação, tendo em vista o cronograma de pesquisa da época com previsões para participação e entrevistas na Alvorada de julho de 2020. Entretanto, não pôde ser realizada devido à pandemia da Covid-19 e o subsequente cancelamento da festa do Congo. Todavia, este dia pode ser considerado como o de maior impacto sobre a pesquisadora quanto à percepção sobre a identidade cultural de um povo, pois, por volta das 20h, o silêncio reinava pelas ruas, apenas se ouvia o realizar da missa na Igreja, os burburinhos em alguns bares, lanchonetes e pontos de socialização. Porém, por volta das 22h, o lugar se transformou.

Figura 20– Mosaico dos cortejos da Alvorada pelas ruas de Vila Bela da Santíssima Trindade/MT.



Fonte: DIAS, Letícia de Matos (2019).

A partir de então, dá-se uma subsequente aglomeração repentina, quase que instantânea, de vilabelenses, turistas, pesquisadores, fotógrafos. Os cortejos da Alvorada tiveram seu início por volta das 22:00h e se estenderam pela madrugada, passando por cerca de 15 a 20 casas, entre festeiros e ex-festeiros, em sua maioria recebidos com alegria, onde partilham de bebidas e comidas típicas para manter o vigor do corpo. Logo, acompanhou-se este cortejo pelas ruas,

passando por residências de festeiros, ex-festeiros e pessoas que são muito estimadas entre o povo.

Em conversas com alguns moradores de Vila Bela da Santíssima Trindade/MT, durante uma visita em um evento alusivo à Semana da Consciência Negra, os versos entoados na Alvorada remetem às características físicas do próprio lugar, como as paisagens verdes das matas nas serras e campos a perder de vista nas áreas rurais. Um exemplo desses versos está na epígrafe deste capítulo.

Outro momento importante na representação e construção identitária do lugar, tendo como referência a Dança do Congo, se dá a partir da madrugada da segunda-feira, após a Alvorada. Aos primeiros raios de sol no horizonte, ainda na escuridão das ruas, pode se ouvir os batuques. São os bumbos de dois soldados anunciando a efervescência cultural a ser realizada nos dias vindouros a cada passo do trajeto. Foi o primeiro dia como pesquisadora e observadora nestas representações. Assim, iniciou-se por volta das 5h da manhã com um trajeto enriquecedor, mas também cansativo devido às longas distâncias percorridas pelas ruas até as 10h da manhã, quando se chegou a Igreja com todos os festeiros devidamente recolhidos a soleira de suas portas. São considerados momentos de emoção e euforia, pois a consolidação da identidade cultural se dá de forma material ao ver cada soldado sendo recolhido pelo tocador de bumbo pelas ruas da cidade.

Esta parte da representação constitui-se de um percurso longo e exaustivo que requer uma preparação física, porque há a busca dos soldados e os festeiros, um por um em suas residências. Posteriormente, são conduzidos até a Igreja Matriz, onde se dá a encenação de toda a cosmologia, historicidade e ancestralidade presente na Dança do Congo, como parte das representações, simbologias e epifanias na construção da identidade coletiva entre o povo vilabelense.

Após deixarem os festeiros na Igreja, os soldados se dirigem a residência do rei, rainha, juiz ou juíza da festa, conforme determinação, para um sopão comunitário e socialização. É um momento de consolidação identitária, tanto pelos trajes quanto pelas trocas de experiências obtidas durante o trajeto realizado. Algumas ponderações que acabam por aperfeiçoar as práticas e saberes coletivos.

Segundo Claval (2001), ao definir cultura, este conjunto de práticas e representações molda os indivíduos de determinado lugar, de acordo com suas vivências. As experiências instituem os modos de dominação e organização do território, seja ele simbólico ou físico, de modo que as práticas e saberes resultam em marcas exteriores que definem a paisagem cultural do lugar.

A partir disso, a organização do espaço e do lugar é sistêmica e metódica, porque se desenvolvem os grupos e, conseqüentemente, os líderes ou pessoas que tenham a responsabilidade de manter determinada ordem interna e a sequência de práticas e costumes. Para que se tenha essa configuração do lugar, é imprescindível a vivência dos sujeitos e o pensar do espaço vivido entre a geração atual e a ancestralidade⁵⁷, pois são fatores que possibilitam o desenvolvimento de uma cultura ou de práticas culturais tão únicas e admiráveis.

Castells (1999) corrobora com esta realidade ao afirmar que quando as pessoas se agrupam em comunidades por um longo tempo geram um sentimento de pertencimento e, em muitos casos, o autor chama de identidade cultural comunal. Essa identidade comunal é que traz este sentimento por vezes subordinado a regras, aos costumes que são elementos fundamentais para manter a ordem e a legitimidade dos grupos.

Desse modo, o Embaixador do grupo tem um papel fundamental na organização do grupo pelos cortejos e na apresentação ritualística juntamente ao Secretário de Guerra e ao Rei. Seu traje diferenciado com uma capa azul de cetim e uma coroa de flores na cabeça se destaca entre o grupo dos dançantes, conforme ilustrado na Figura 21.

Figura 21 – O Congo na residência do Embaixador Antônio Carneiro Gerales.



Fonte: DIAS, Letícia de Matos (2019).

O Embaixador, ilustrado na Figura B, entregou o seu cargo ao próximo soldado, escolhido por ele durante a realização da Festa no ano de 2019. Em uma cerimônia

⁵⁷ O elo entre a ancestralidade e a geração atual funciona como vetor principal para a perpetuação das práticas culturais do lugar. A Dança do Congo, segundo os próprios sujeitos, é uma demonstração intrínseca de respeito e engrandecimento da ancestralidade e sua resiliência.

emocionante, entregou a sua capa azul para Wanderley de Moraes, que assumiu o cargo a partir de então e está devidamente representado à frente do grupo nas figuras 8, 11, 12 e 16. Após ingressar ao cortejo, é feito o restante do trajeto, buscando os festeiros para poder realizar a apresentação dos ritos do Congo na praça da Igreja Matriz, como de costume e tradição.

A aglomeração no espaço é intensa, tanto pelos sujeitos do próprio município, descendentes dos africanos que iniciaram a festa, quanto pelos turistas, pesquisadores e autoridades políticas⁵⁸. A festa possui uma dinâmica forte de expressão e identidade dentro do Estado de Mato Grosso, por isso, a espacialidade e a aglomeração constituíram o fator determinante para o cancelamento da festividade no ano de 2020, devido à situação pandêmica.

No que se refere à dramatização, há encenação de uma luta simbólica entre dois reinados africanos, incluindo dança, música ritmada, dialeto de raízes africanas, instrumentos e vestimentas específicas que dão um caráter único ao lugar. Cabe ressaltar que, conforme as entrevistas já citadas anteriormente, é difícil precisar a definição dos termos africanos pronunciados durante a festa, bem como as origens da dramatização da Dança do Congo, pois alguns saberes, práticas e frases acabaram por se fragmentar com o passar do tempo.

Entre os dizeres africanos presentes nesta representação, Romancini (2019, p. 202-203) cita alguns como: “Guerra, guerra, guerra. Ei sarangangá, ei sarangagá! [...] Paz, em paz, em paz enganaiá. Olha lá matingombê, olha lá matingombê”.

Após as simbologias e representações expressas nas vozes, danças, cantorias e ritos deste primeiro dia, há o descanso e preparo para o próximo dia com novos ritos de passagens, inclusive, os relacionados aos cortejos para os festeiros da Festa do próximo ano. Principia-se sempre pelo raiar do dia, com a mesma rotina, acrescentada a presença dos novos festeiros que, posteriormente, são conduzidos a Igreja Matriz para a realização de uma missa solene por volta das 9h da manhã, seguido de almoço comunitário para a população e visitantes.

A realização da missa em memória a São Benedito (Figura 22) é carregada de simbologias e sincretismo religioso, visto que há uma imbricação de religiões de matrizes distintas. Essa distinção não impossibilitou que o povo desenvolvesse o convívio do sincretismo, a legitimação e as sobrevivências dessas práticas culturais como um dispositivo de resistência.

Na realização da missa o povo apresenta uma devoção mui respeitosa, tanto para as liturgias sagradas institucionalizadas pela Igreja quanto para a rememoração da vida e luta de

⁵⁸ A Festa sempre conta com a presença de deputados, governador do Estado, ou representante dos mesmos. No ano de 2019, houve a presença de representante direto do governo estadual, além de outras figuras políticas.

São Benedito, considerado o santo dos negros. As mulheres do Chorado⁵⁹ entram na missa com suas roupas típicas, cestas com comidas típicas e tradicionais, que são comuns na mesa de entrada. A ancestralidade é forte e presente durante toda a celebração, inclusive no cantar das mulheres que compõem o coral.

Figura 22 – Sincretismo religioso na missa a São Benedito.

A – O padre rezando em frente ao altar de São Benedito.	B – Momento da retirada da imagem de São Benedito do altar.
	
A – As autoridades da Igreja no momento da entrada dos festeiros.	B – Momento da Missa.
	

Fonte: DIAS, Letícia de Matos (2019)

A Figura 22 representa átimos carregados de simbologias que caracterizam o lugar e espaço. Esse espaço é uma praça pública em frente à Igreja Matriz que, por acontecimento da

⁵⁹ O Chorado é encenado apenas por mulheres e faz alusão à ‘época da escravidão, portanto, uma genuína forma de expressão afro-brasileira. Constituiu ela um artifício, criado pelas mães e pelas esposas escravas para distrair os senhores, quando seus filhos ou esposos eram aprisionados e severamente castigados. Em dias de encenação, elas se produziam elegantemente e dançavam equilibrando uma garrafa na cabeça. Amarravam um laço no pescoço de seus senhores, como maneira para agradá-los, e, em momento oportuno, faziam seus pedidos de alívio e até de liberdade dos filhos e esposos prisioneiros. Muitas vezes, para serem atendidas ocorria assédio e abusos sexuais, fazendo o mesmo hoje. O nome “Chorado” vem do choro, sofrimento, pois, ao invés de chorar, elas dançavam enquanto expressão da dor.

Festança, é apropriado e imbuído de significados para além do seu aspecto físico. Já o lugar aqui é centro aglutinador de vivências, trazendo os sujeitos para o coletivo, expondo suas identidades culturais reveladas em aspectos materiais e imateriais. O aspecto material se resume basicamente nos altares, imagens, vestimentas e objetos sagrados. Enquanto o imaterial se trata da devoção e religiosidade popular, ritos e passagens na própria Santa Missa. A parte imaterial sobrepõe toda a realidade visível, trazendo toda sua nostalgia e presença para o lugar.

Sendo assim, o primeiro átimo retrata a bênção sobre o altar de São Benedito. O segundo átimo nos traz a representação e apropriação simbólica do lugar, com a saudação ao Santo e cortejo da imagem entre os fiéis do recinto. O terceiro átimo representa as autoridades eclesiásticas locais (Igreja oficial), em reverência e respeito ao momento da entrada dos festeiros (Rei, Rainha, Juiz, Juíza), representantes da comunidade local, as rezadeiras e as mulheres do Chorado. Por fim, o último átimo representa um trecho da missa, com leitura e homenagem sobre a vida de São Benedito, suas contribuições e desafios para a formação e resistência sociocultural do povo negro de sua época, no século XVI.

Ao fim destas representações, há o almoço comunitário oferecido pelos festeiros e a distribuição em suas residências. Em seguida, realiza-se a formação de um novo cortejo, finalizado em frente à Igreja Central. O momento é constituído por uma grande euforia, além de trazer à tona o sentimento de ancestralidade e respeito pelas culturas tradicionais existentes entre os sujeitos. Cabe ao pesquisador, ao observador, ao turista, ou curioso apenas atentar aos traços subjetivos presentes.

Neste sentido, há a entoação de versos e linguajares africanos que marcam e comovem os dançantes do Congo e os presentes, no entorno:

Sinhô Rei vamos embora, sua festa já acabou. Sinhô Rei vamos embora, sua festa já acabou. Senhora Rainha vamos embora, sua festa já acabou. Senhora Rainha vamos embora, sua festa já acabou. Sinhô Juiz vamos embora, sua festa já acabou. Sinhô Juiz vamos embora, sua festa já acabou. Senhora Juíza vamos embora, sua festa já acabou. Ramalhetes vamos embora, sua festa já acabou. Ramalhetes vamos embora, sua festa já acabou (DIAS, 2019).

Vale ressaltar ainda que durante todos os átimos de representação e simbologias da Dança do Congo é indubitável a nostalgia, subjetividade, sentimentalismo por parte dos dançantes e dos simpatizantes que acompanham toda a manifestação religiosa em apropriação simbólica do lugar. Pode-se dizer, então, que essa prática cultural é simbolicamente uma grande representação timbrada em alusão à imagem do negro escravo de outrora. Contudo, durante as festividades atuais, a nostalgia se transforma em respeito e afabilidade pela ancestralidade presente no lugar e nos rituais simbólicos.

De modo a visar uma compreensão mais ampla, partindo de uma perspectiva humanista, argumentar-se sobre a subjetividade da relação homem-ambiente, a preocupação em definir o lugar como centro de significados abstratos na construção, dominação e organização do espaço.

Logo, o conceito de lugar na epistemologia da Geografia abrange diversas correntes do pensamento geográfico, como a dialética marxista, a geografia cultural e a humanística, sendo que cada uma possui o seu método de análise e interpretação, tornando os estudos epistemológicos sobre tal categoria um problema na contemporaneidade. Por isso, cabe aos geógrafos, tanto em pesquisa quanto em educação procurar, através dos conceitos, compreender a realidade através de análises em uma escala espaço-temporal, dentro deste rol de atribuições ao espaço geográfico.

Por exemplo, na corrente humanista, o lugar é uma categoria central, geradora de significados geográficos em constante relação com o espaço abstrato. Portanto, a partir das ideias humanistas, surgem também críticas e novas interpretações sobre o conceito (RODRIGUES, 2015. p. 41).

Segundo Ferreira (2000) o conceito de lugar foi usado primeiramente por La Blache, relacionado à região, mas só teve seu reconhecimento como categoria-chave através da Geografia Humanista, a partir da década de 1960. Nesse mesmo período, Yi-Fu-Tuan lança seu livro “Topofilia”, dando enfoque em uma Geografia que considere as relações do homem com o mundo em que vive e existe.

Para Oliveria (2001), Anne Buttimer também é considerada uma das precursoras na constituição da Geografia Humanista, visto que desenvolveu trabalhos que tecia reflexões acerca do existencialismo e a fenomenologia numa Geografia do futuro. Reitera ainda que essa perspectiva de Buttimer propiciou o ressurgimento da perspectiva cultural dentro da Geografia, que viria a ser denominada Geografia Cultural ou Geografia Fenomenológica (conforme sugere Edward Relph em 1971), ou Geografia da Percepção, Geografia Humanística e, por fim, Geografia Humanista (SEABRA, 1999; HOLZER. 1992).

Neste contexto, o lugar vai além de uma mera localização geográfica, porque é carregado de histórias e significados que são facilmente absorvidos quando se propõe a explicar, a partir da perspectiva dos sujeitos que lhes dão essa significância, uma escala espaço-temporal. Ademais, em se tratando de comunidades tradicionais e festas religiosas, alvos deste trabalho, esse pressuposto teórico se faz extremamente necessário para compreensão dos lugares.

A Dança do Congo no município de Vila Bela da Santíssima Trindade constitui-se em um exemplo genuíno das definições tuaninas sobre lugar, bem como para Buttimer (1982) e Rocha (2007), pois tanto a cultura tradicional quanto o lugar fora lapidado sobre um conjunto

de dominações e significâncias. Ao falar sobre tais abstrações nas definições do lugar, tal como é hoje, há um retorno aos períodos seculares da nossa história, desde o domínio da Coroa Portuguesa até a escravidão dos africanos, ali ludibriados. A Figura 23 ilustra o lugar como centro de significâncias abstratas na construção e dominação do espaço.

Figura 23 – Soldados do Congo em representação abstrata do lugar



Fonte: DIAS, Letícia de Matos (2019).

O lugar como espaço vivido, segundo relato dos próprios moradores vilabelenses, foi construído por mãos negras, que por séculos tiveram suas culturas e tradições interpeladas, em situações desumanas. Porém, essa estruturação dos tempos também foi marco de lutas e resistências culturais, de modo que resistiu às intempéries e dominações das elites desde o período colonial. Hoje, resiste frente à homogeneização e a revolução técnico-científica informacional que tende a massificar as culturas elitistas em detrimento das tradições populares.

Segundo Santos (2015), a especificidade do local reside em sua história devido “as relações que ali se estabeleceram, ao passo que a articulação com as influências do mundial se descortina por influência de processos mais amplos de espetacularização da cultura.” (SANTOS, 2015, p. 11). A construção e dominação do espaço social e cultural perpassa gerações, sendo, a nós, apresentada na subjetividade e representatividade cultural, como é o caso da Dança do Congo. Sendo assim, podemos caracterizá-la como uma herança dos

antepassados que resistiram a seu modo, conforme as condições da época, para que o espaço vivido contemporâneo tivesse tal tipificação e significância simbólica.

Ainda falando sobre a construção do espaço vivido e sabendo que não há espaço sem nada, considera-se, então, que o homem o preenche, junta, transforma e faz o espaço de acordo com suas vivências, consciências e intencionalidades.

Como legitimação desta análise do espaço vivido, apontemos Motta (2003):

São os seres humanos que preenchem e fazem o espaço, tornando-o complexo e dinâmico, porque nele são construídos símbolos, significados, relações, os mitos, as crenças, as emoções, o visível e o invisível. O modo como esse espaço é percebido e vivido está, com certeza relacionado a como as pessoas vivem e se percebem (MOTTA, 2003. p. 37).

Com base neste princípio, pode-se entender que o processo de apropriação, organização e percepção do espaço está diretamente relacionado à experiência, consciência e intencionalidade do indivíduo, culminando no modo em que cada sociedade ou grupo social consegue encaminhar e desenvolver uma relação de pertencimento com o espaço vivido e o lugar que o rodeia, decifrando-o e representando-o.

Em Tuan (2008), o antropocentrismo do lugar é reforçado através das experiências cotidianas, em uma relação epistemológica com o rarefeito conceito espaço, sendo a natureza do lugar e do espaço relativo, porque ambas variam segundo o ambiente e suas matrizes culturais, sociais e históricas.

É difícil sistematizar uma definição final para o conceito de espaço, bem como para outras categorias. Segundo Motta (2003), uma definição nunca é totalmente inclusiva, pois está focada apenas em algumas características do fenômeno. Desse modo, um fenômeno que se enquadre em uma determinada definição, ainda assim, vai possuir muitas outras características que possa possibilitar outras definições e outras vertentes de análise.

Na perspectiva tuanina, podemos notar também que conceituar espaço e lugar é uma tarefa ampla e sua concretude depende do contexto histórico, social, cultural e natural abordado pelo pesquisador, visto que no âmbito acadêmico dispomos de um amplo arcabouço teórico sobre tais categorias de análise do espaço geográfico (MOTTA, 2003).

Em uma abordagem mais crítica, Santos (2006) corrobora para a discussão ao trazer uma possibilidade de interpretação da realidade do lugar ao afirmar:

Que o homem de fora é portador de uma memória, provinda com ele de um outro lugar e o lugar novo o obriga a um novo aprendizado e a uma nova formulação. Por mais singelos que sejam os lugares, neles existem uma complexa vida de relações que surgem em práticas cotidianas (SANTOS, 2006).

Logo, pode-se fazer um diálogo epistemológico entre Santos (2006) e Brandão (1985), visto que a ideia apresentada por ambos tem algumas semelhanças em suas premissas com a *epoché* de Husserl, o que significa se desfazer de todo conceito preconcebido sobre o fenômeno e o lugar para obter um novo aprendizado de modo a produzir uma nova formulação científica a partir das relações e práticas cotidianas desenvolvidas, como já citado anteriormente.

Isto permite uma análise um tanto eclética do ponto de vista teórico-metodológico, ao relacionar a subjetividade fenomenológica com a dialética dos lugares proposta por Santos (1996). A combinação metodológica é parte integrante do aporte teórico-metodológico, tendo em vista que a observação e análise dos lugares, assim como suas significâncias foram fundamentados nas bases fenomenológicas. Porém, o *epoché* nos traz a possibilidade de dialética entre as representações simbólicas e/ou concretas.

Lugar significa muito mais que o sentido geográfico da localização, refere-se a tipos de existência e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança. A categoria lugar encerra espaços com os quais os indivíduos têm laços afetivos, onde se encontram as referências pessoais e os sistemas de valores que induzem a diferentes formas de perceber e construir a paisagem e o espaço geográfico (RELPH, 1979. p. 159).

Relph (1979) expõe a necessidade de envolver os indivíduos no estudo do lugar, indo além da localização espacial para poderem trabalhar a percepção e a construção dos saberes no espaço vivido. Isso fica explícito na imersão cultural tanto na Folia de Reis quanto na Dança do Congo, fato que ainda será explanado com maior clareza nos capítulos seguintes.

Assim, Relph e Tuan, autores da corrente humanista, trabalham em analogia e valorizam o lugar enquanto espaço simbólico, pautado na percepção e subjetividade, fazendo um diálogo epistemológico. Em consonância com Motta (2003), para perceber e entender o espaço vivido é necessário associar os signos, sinais e simbologias, sentir e analisar toda esta complexidade e juntar a subjetividade com a objetividade, ou seja:

Ler o espaço vivido, para representá-lo remete à compreensão dos significados dos lugares, das coisas, das relações. Exige estruturas de pensamento que possibilitem desenvolver e reproduzir categorias de análise. Além de descobrir o que é visível, a representação permite interpretar a diversidade de variáveis existentes num determinado espaço (MOTTA, 2003. p. 70).

Partindo desta afirmação, pode-se ver claramente que para entender o espaço vivido é necessário ir além do visível. A interpretação dessas variáveis só foi possível em virtude do envolvimento do pesquisador com os sujeitos, embasado na subjetividade e sem abrir mão da dialética dos lugares. Tendo esses princípios como parte integrante dos aportes teórico-metodológicos, as perspectivas e compreensões dos lugares propostos foram correlacionadas às vivências do sujeito e ao arcabouço teórico.

Em resumo, para Relph (1980), a identidade do lugar é formada a partir da inter-relação entre as características físicas, atividades observáveis, significados ou simbologias dadas a determinado recorte espacial. Nessa mesma linha, Tuan (1983) define a formação do espaço geográfico como fruto da inter-relação do espaço experienciado, da superfície que limita este espaço e o lugar como centro aglutinador dos significados.

Como parte desta identidade dos lugares constituintes, destacam-se alguns aspectos visíveis e observáveis, aos quais possuem suas significâncias para as comunidades locais, conforme a Figura 24. Assim, a paisagem é exposta como um espaço físico, vivido e conjugado de significados e símbolos que expressam o sincretismo religioso e cultural, em uma construção e valorização do espaço, conforme as experiências em escala espaço-temporal. Por vezes, apenas simbólica e utópica, representada em epifanias.

Figura 24 – Momentos de epifania na construção da identidade dos lugares.



Fonte: DIAS, Letícia de Matos (2019).

As imagens da Figura 24 representam momentos considerados religiosos, alusivos à Dança do Congo (Festa de Vila Bela da Santíssima Trindade) e à Folia de Reis, respectivamente. Elas serão mais bem explanadas em sua essência nos tópicos seguintes. Por ora, atemo-nos a representação como forma de construção do espaço geográfico de forma consubstancial à paisagem cultural religiosa, tendo em vista que, sob o viés de pensamento tuanino, ambas refletem inter-relações do espaço experienciado entre os próprios sujeitos integrantes, do pesquisador ou do simpatizante que se proponha a observar as simbologias ali expostas.

Sobre a perspectiva tuanina, afirma-se que há grande valorização das ligações afetivas que transformam o espaço em lugar, tomando importância o sentimento, as relações entre a cultura, o ambiente e o que o lugar pode simbolizar (WARF, 2006). Para Tuan, espaço e lugar são termos familiares e complementares. De forma geral, essas relações são explícitas nas características subjetivas imbuídas na Figura 23, pois ao observá-las durante os trabalhos de campo foi possível partilhar de tais simbologias, socializações e transformação do espaço comum em lugar vivido e portador de história, cultura, religiosidade e atividades não religiosas, em um sincretismo complementar. A ênfase sempre é dada ao forte sentimento de pertencimento de ambas as culturas e práticas envolvidas.

4.2 IDENTIDADE CULTURAL NA FOLIA DE REIS EM SÃO JOSÉ DOS QUATRO MARCOS/MT

De acordo com Relph (1980), Harvey considera o lugar, na visão humanista, um “local de nostalgia”, limitado e entendido como eterno. Institui o lugar como um *locus* de resistência. “É a celebração da diferença e da diversidade subordinadas a um arco de unidade” (FERREIRA, 2002. p. 24).

As práticas culturais da Dança do Congo e Folia de Reis são exemplos dessa subordinação de diferenças a um sentimento único de pertencimento, que propicia a eternização dos feitos de antepassados em relação à formação do espaço geográfico-cultural dos lugares. Ou seja, remetem as manifestações e representações atuais sempre para reconhecimento aos mesmos e como resistência frente à homogeneização das culturas ditas modernas, assim como da rotulação das culturas tradicionais como obsoletas.

Para Tuan (2008), é preciso tempo para construir este arco de unidade e identidade, pois quanto mais tempo se vive em um lugar, mais profunda e significativa será a experiência e o sentimento de pertencimento e identidade cultural, dado que o passado é um elemento fundamental na constituição do apego e sentimentalidade a um fenômeno ou coisa. Portanto, a partir do momento que o indivíduo se embrenha no mundo desconhecido, perde progressivamente o relacionamento direto e passa a ter uma compreensão mais fragmentada.

No que se refere ao tempo na construção da identidade cultural, para Tuan (2008), é um fator primordial para entendermos algumas especificidades quanto à formação histórica, social e cultural dos lugares estudados neste trabalho. Por exemplo, em Vila Bela da Santíssima Trindade/MT houve um contexto histórico muito mais amplo e condicionado por condições

políticas e econômicas distintas de São José dos Quatro Marcos/MT. Apesar de estarem localizados geograficamente na mesma Unidade Federativa, possuem formações díspares:

A formação dos Estados nacionais exigiu uma profunda reorganização da vida social, que englobou não somente aspectos políticos e econômicos, mas também a constituição das identidades. Novas formas de racionalidade e de percepção tempo-espaço tiveram que emergir a fim de que um mundo baseado no contrato e na troca mercantil pudesse nascer, dissolvendo e destruindo tradições e formas sociais vinculadas à lógica das sociedades pré-capitalistas (ALMEIDA, 2018. p. 78).

Desse modo, surgem as distintas organizações, sendo Vila Bela da Santíssima Trindade/MT correlacionada ao ciclo do ouro na região por volta de 1750, emergindo de um processo colonizador, mercantil e capitalista, em detrimento das sociedades negras escravizadas e dos indígenas que ali viviam. Já em São José dos Quatro Marcos/MT, o processo de percepção espaço-tempo esteve relacionado com projetos particulares, adquirindo terras através de imobiliárias e contando com incentivo do padre da época para a fundação de nova vila.

A construção deste arco de unidade e identidade reflete também no pesquisador, haja vista que quanto mais tempo se dedica às imersões e observações *in loco*, maior a fragmentação frente ao mundo desconhecido, ou *epoché*. Nesse viés, a minudência sobre o desconhecido corrobora para uma maior subjetividade aos fatos não questionáveis durante as representações religiosas e culturais.

Para respaldar esta construção sobre espaço vivido e lugar, Motta (2003) afirma que a subjetividade do saber é um dos traços marcantes do humanismo e o espaço é sempre um lugar, ou seja, uma extensão da totalidade com significâncias próprias e variadas.

O lugar é o espaço onde acontecem as relações de coexistência. É onde as pessoas movem-se, individual e coletivamente, construindo uma realidade compartilhada. É no lugar que as pessoas criam laços com outras pessoas e encontram significados para a sua presença no mundo. O lugar não tem escala, como o local ou o nacional. O lugar tem significados (MOTTA, 2003. p. 95).

Então, o lugar e o espaço são consubstanciados em uma relação de coexistência, com simbologias e significados, que permitem aos indivíduos o processo de individualização e pertencimento no mundo. Para Motta (2003), o lugar é um espaço coletivo em construção, em que a história tem participação e continua sendo presente em escala espaço-temporal. Nesse sentido, o autor propõe o espaço vivido de modo a lidar com a subjetividade, criando relações entre o pesquisador e os demais atores da pesquisa, fato fundamental para captar a informação em sua essência, conforme o vivido numa escala espaço-temporal.

Pereira e Teixeira (2015) também trabalham com o lugar concebido, mas utilizam a terminologia “lugar visual-virtual”, o mesmo instituído a partir de representações nas linguagens e relatos. Além desse, ainda se consubstancia com o “lugar íntimo-afetivo”, onde há

a predominância das afeições e reconhecimento, bem como o “lugar ideal-indireto”, que faz menção ao lugar idealizado pela consciência com determinadas intencionalidades. Sendo assim, as três terminologias para análise do lugar nos permitem uma reflexão sobre a Dança do Congo e a Folia de Reis em questão.

O “lugar-visual-virtual”, por exemplo, é concedido pelos dançantes do Congo e pelos foliões de Reis, sendo este lugar uma memória de sentimentos, lutas e resistências ao longo do tempo. Já o “lugar-íntimo-afetivo” pode-se dizer que se constitui no lugar mais subjetivo entre as definições, pois há a predominância de fatores privativos pessoais, por vezes não nos são possíveis de percepção mesmo que haja um maior tempo dedicado em convivência com o sujeito para formação de experiências. De certa forma, o lugar esteve presente, principalmente, quando ocorreu a entrevista ou a conversa informal com pessoas que já nasceram em “berço cultural” e há muitos mais anos que a geração atual. Por fim, o “lugar-ideal-indireto” também é comumente partilhado entre os mais antigos, tendo em vista as suas vivências e experiências, que trazem as intencionalidades de outrora e ocasionalmente contrastam com alguns costumes e/ou inovações da geração atual.

Sobre a importância da valorização dos lugares para a Geografia Humanista, Holzer (1999) afirma que o lugar significa um conjunto complexo e simbólico que pode ser analisado a partir da experiência pessoal de cada um, na organização e estruturação do espaço mítico e social. Nesse aspecto, a fenomenologia dá o aporte necessário e proporcional para relacionar os lugares, bem como suas vivências, experiências, consciências e intencionalidades, em uma concepção que evidencia o homem em toda sua subjetividade e essência das coisas.

Assim, segundo Teixeira (2001), a Geografia Humanista avança e redireciona o conceito de lugar, evidenciando os símbolos pautados no comportamento humano. Em respaldo a essas conceituações, Teixeira (2016), em seus estudos sobre as representações espaciais/simbólicas e os sentidos do lugar da Festa do Boi-a-Serra em Santo Antônio de Leverger-MT, afirma que:

O lugar adquire significado e definição por meio de apreensões simbólicas e corporais, sobretudo ao se tratar de manifestações culturais que se apoiam em construções míticas. Nesses lugares, em especial nos festivos, encontramos intimidade, a qual nos permite instituir a pausa no movimento, dando novos sentidos de valor ao lugar (TEIXEIRA, 2016. p. 80).

Reiterando esta colocação, Tuan (2013, p. 189) também faz essa analogia epistemológica considerando o lugar como “arquivo de lembranças afetivas que inspira o presente; o lugar é permanente”. Já sobre o lugar existencial permanente no indivíduo, Nogueira (2017) alega que de acordo com as premissas do filósofo Merleau-Ponty (2011), os lugares

estão encarnados nos homens e estes traduzem no cotidiano o que o lugar tem de singular, em uma relação existencial. Por isso, faz-se necessário compreender o ser-no-mundo, e suas múltiplas formas de viver e ver o mesmo.

Logo, há as singularidades, memórias, lembranças afetivas, consciência, experiências e intencionalidades presentes no indivíduo em uma relação permanente com o lugar, onde as práticas é que propiciam a síntese constituinte de determinada cultura. Posto isso, deve-se esmiuçar teoricamente as práticas religiosas tradicionais que propiciam o desenvolvimento da identidade cultural, isto é, as práticas culturais na construção de identidades coletivas na Folia de Reis.

Como já apresentado nos capítulos anteriores, em São José dos Quatro Marcos/MT, após a realização das peregrinações dos foliões pelas casas dos adeptos da religiosidade popular, há a realização da Chegada⁶⁰, comumente conhecida entre a comunidade quatromarquense como Encontro de Bandeiras, Festa de Reis, Folia de Reis e Reisado.

O evento é conhecido também como Festa de Encontro das Bandeiras de Folia de Reis, que faz parte do calendário cultural do município, reconhecida na Lei Nº 1.397, de 13 de outubro de 2011, que dispõe sobre a criação do Projeto FOLIA DE SANTOS REIS – Encontro das Bandeiras em São José dos Quatro Marcos/MT. No que se refere às práticas religiosas, vivências e representações referentes à Chegada, Dias (2018) afirma:

Os Encontros das Bandeiras propiciam o respeito mútuo e um bom relacionamento entre as Folias diferentes, a disputa por desafio de conhecimento deu lugar ao respeito e admiração entre os companheiros de fé e tradição. Verifica-se que os foliões e devotos utilizam-se do espaço sagrado desses encontros culturais para o cumprimento de promessas, confraternização e socialização entre parentes e amigos, admiram e conhecem todas as Folias participantes do evento, ou seja, a Festa de Reis é um espaço aglutinador de reciprocidade cultural (DIAS, 2018, p. 60).

Fica explícito, então, o sentimento de identidade cultural entre os participantes do Encontro das Bandeiras, bem como entre os foliões em São José dos Quatro Marcos/MT. É essa apropriação do espaço simbólico que dá sentido ao lugar e está presente desde o início dos giros até o momento da Chegada, permanecendo na memória dos fiéis durante o período de resguardo e reaparecendo quando há o contato com as referidas práticas religiosas. Para Grando (2007):

A característica do município de São José dos Quatro Marcos nos dá uma referência para compreendermos, porque é nesse contexto sociocultural que este encontro ocorre e mantém a tradição religiosa nos municípios vizinhos:

⁶⁰ Termo usado para designar o encerramento das peregrinações dos foliões pelas residências dos fiéis. É uma festividade carregada de simbologia, representações, socialização de vivências e experiências entre os participantes. É considerada o ápice da devoção e incentivo ao resguardo da fé e cultura (DIAS, 2018).

Lambari D'Oeste, Glória D'Oeste, Mirassol D'Oeste, Araputanga, Cáceres e outros (GRANDO, 2007. p. 92).

Grando (2007) deixa claro que o município funciona como um centro aglutinador de referência cultural na região, sendo o ponto de encontro de socialização religiosa das Folias de Reis da região e até de outros Estados, incentivando a preservação das práticas culturais tradicionais e valorização da fé, vivências e experiências partilhadas pelos foliões ao longo dos anos.

A tradição é respaldada legalmente pela Lei Nº 1.397, de 13 de outubro de 2011, que dispõe de 4 artigos de autoria do Poder Executivo enviado para o Poder Legislativo e, posteriormente, aprovado e assinado pelo prefeito da época, Sr. João Roberto Ferlin, em 07 de novembro de 2011:

Art. 1º - Fica criado o Projeto FOLIA DE SANTOS REIS – Encontro das Bandeiras em São José dos Quatro Marcos, a ser realizado na última semana do mês de janeiro de cada ano. Art. 2º - As despesas para realização e organização deste Projeto serão de dotação própria do município ou de possíveis convênios. Art. 3º - Esta lei entra em vigor na data de sua publicação. Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário (BORDIN, 2011).

Vale ressaltar que o Encontro de Bandeiras é realizado desde a década de 1990, no Bairro Jardim Bela Vista, segundo relatos dos foliões mais antigos, vindo a ser amparada legalmente pela Lei Cultural apenas em 2017. Atualmente, o Encontro ocorre no mesmo bairro, com um amplo espaço todo enfeitado, organizado e previamente preparado para o recebimento dos fiéis, adeptos da Folia, simpatizantes, e também alguns curiosos que sempre se aproximam do local.

O envolvimento do público, de modo geral, na realização da festa de Reis se dá em parte pelos devotos visitados durante o giro, os palhaços que chamam a atenção de quem passa pelo lugar, as cantorias e preces em louvor a Santos Reis e ao Menino Jesus, visto que ao raiar do dia já se fazem ouvir no som instalado em frente à Igreja Santos Reis, onde é a realizada a Festa.

As representações têm início por volta das 10h da manhã com a celebração da Santa Missa. Destaca-se que nos últimos três anos, quando não houve a presença do Padre local para este ato, ficou a cargo dos populares realizar a reza de um terço para iniciar o evento. Após, é servido o almoço à vontade para todos os presentes. A comida é disponível o dia todo, praticamente, advinda das prendas⁶¹ arrecadadas durante o giro.

Em rodas de conversas informais com os foliões, pôde-se observar que o Encontro das Bandeiras é visto como um momento de respeito e admiração mútuo, onde a forte identidade

⁶¹ Nome dado pelos foliões aos animais que foram ganhos durante o giro. Também pode se incluir os donativos em dinheiro ou outro tipo de alimento e gêneros similares (Anotação pessoal).

cultural e simbologias presentes fazem com que os mesmos transformem o espaço vivido em um centro aglutinador de reciprocidade cultural, socialização entre amigos.

A festa é considerada por todos os foliões como uma importante manifestação cultural regional, que possibilita a preservação e incentivo de novos participantes nas práticas culturais populares. Segundo Teixeira (2016), a partir das manifestações culturais e festivas o lugar adquire a apreensão simbólica e corporal, apoiada com representações míticas. É plausível então, nestes lugares o sentimentalismo e a afinidade entre os participantes, apropriando e dando novo sentido ao lugar naquele momento de festividade religiosa. Em outras palavras, é a apropriação simbólica do lugar em nome da fé e das práticas culturais religiosas, conforme ilustrado na Figura 25.

Figura 25 – A identidade cultural como forma de apropriação do lugar.



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2020).

As imagens A e B da Figura 25 são uma representação da alegria festiva centrada na personalidade do palhaço, fato que fortalece a identidade cultural entre os mesmos, em uma troca de conhecimentos e significâncias. É um momento de observações e absorções mútuas na construção do espaço vivido, asseverando o lugar como centro aglutinador de religiosidade, cultura, saberes e práticas correlacionadas entre si.

Dias (2018) nos traz a representação da Folia de Reis de São José dos Quatro Marcos/MT no Encontro de Bandeiras, elencados em três átimos sagrados e simbólicos, conforme descritos no Quadro 2:

QUADRO 2 - Sistematização de práticas durante o encontro de bandeiras.

CONCENTRAÇÃO E FORMAÇÃO DO CRUZEIRO	Ocorre com a concentração dos foliões em formato de Cruz em frente ao primeiro arco, ao som dos instrumentos e olhares do povo, seguido da declamação de versos por um dos palhaços sobre o sofrimento de Cristo, sua traição e morte por cruz. Então é desfeito a Cruz e faz-se a saudação do primeiro arco para seguir adiante. (representado na Figura 25 B).
PASSAGEM NOS ARCOS	Este átimo se consubstancia com a concentração e formação do cruzeiro, pois se trata de três arcos. Faz-se a cantoria no primeiro arco, segue para o segundo arco. Faz-se a cantoria no segundo arco e retorna ao primeiro arco. Torna a entrar por ele, passa pelo segundo, para, então, poder saudar o terceiro arco.
VISITA AO PRESÉPIO NA IGREJA	Só acontece após a saudação dos três arcos. É comum o cumprimento de promessas neste momento. Os palhaços adentram no templo ajoelhados e sem máscaras. É um momento de muita comoção entre o público presente.

Fonte: DIAS (2018); DIAS, Letícia de Matos (2020)

Vale ressaltar que os momentos de maior envolvimento emocional e forte simbologia religiosa e cultural são a formação do Cruzeiro perante o primeiro arco e a entrada na Igreja para a visitação ao Presépio, conforme ilustrado na figura 25. São átimos em que o sujeito se apropria do lugar tornando-o em um palco de nostalgias e sentimentos que perpassa o entendimento científico.

A formação do cruzeiro nem sempre é uma característica presente em todas as Folias de Reis, trazendo para o estudo uma particularidade da Folia de Reis da Companhia do Barreirão em São José dos Quatro Marcos/MT. Este fato é facilmente observável durante a realização dos Encontros de Bandeiras no município realizados anualmente, com exceção do período pós-pandemia. Dessa forma, constitui-se de uma representação aberta, que não se aplica a todos os sujeitos pertencentes a uma Folia.

Este ato traz um conjunto de crenças e costumes partilhados entre os sujeitos praticantes:

Isso porque a identidade constitui fonte de significado para os próprios autores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individuação, ou seja, ela é autoconstruída [...] No entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição, tanto na auto-representação quanto na ação social (ESCUADERO, 2005. s/p).

Escudero (2005) ao citar tensões e contradições possibilita a correlação dessas contradições em representações dos antepassados dos próprios sujeitos da Folia de Reis. Segundo eles, em alguns relatos informais e rodas de conversas, “antigamente tinha até disputa pra ver quem cantava melhor ou fazia um cruzeiro melhor”. Tais especificidades foram forjadas na história destes povos, porém não se contemplou mais nas festas realizadas nos últimos anos.

1

Figura 26 – Átimo subjetivo de representação da Folia de Reis em visita ao Presépio.



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2020).

As representações supracitadas no Quadro 3 e no conteúdo subsequente são momentos extremamente subjetivos, de epifania, onde o principal fator considerado é o sentimento do sujeito envolvido no fenômeno que ali ao público se apresenta. Compreende as práticas do rito derradeiro de uma Festa de Reis para qualquer grupo de Folia, tratando-se de algo devocional, como representação do sagrado em formas materiais (imagens, presépio, velas, enfeites) e imateriais (respeito, música, reza, silêncio). Diz-se que são subjetivos, pois compreendem uma transcendentalidade constituinte de identidades culturais coletivas.

Este ato é uma representação do ápice religioso dentro das práticas culturais da Folia de Reis, trazendo todo o sentimentalismo e devoção para o lugar enquanto localização geográfica, mas também transformando-o em lugar sagrado que abarca diferentes grupos culturais em uma mesma representação.

Em entrevistas, alguns foliões destacaram a importância da Festa de Reis no município devido à sua trajetória histórica e a capacidade centralizadora de organizar o espaço vivido em um lugar simbólico e subjetivo:

Hoje em nível de Quatro Marcos e região, eu acredito que é a melhor festa que tem. Eu acredito que seja a melhor, porque não tem outra diversão pra gente, não tem nada. A cidade não tem nada que represente melhor. A nível de representação a maior festa da cidade é o Encontro de Bandeiras, não tem outro! (Informação verbal⁶²).

Aqui em Quatro Marcos é a festa mais importante né? Muito importante pra cultura de Quatro Marcos (Informação verbal⁶³).

Sim. É tão importante que ela é uma tradição registrada dentro da cultura né? Então, é muito importante sim pro município. Acho que cada vez vai melhorando mais. Os costumes são os mesmos (Informação verbal⁶⁴).

Com certeza. É uma festa importante, que é de ano em ano. Até porque se não fosse importante não existia ela né? (Informação verbal⁶⁵).

Muito! Todo mundo já acostumou com a tradição dessa festa, se faltar um ano fica muito ruim (Informação verbal⁶⁶).

Eu acho, porque é uma festa que a gente trata de muita gente e vê todo mundo contente. É sofrido pra nós, mas eles ficam muito felizes quando é dia da festa. Eu trabalho muito, dou meu sangue pela Companhia, não gosto que as pessoas vão saindo, mas a gente não pode fazer nada né? (Informação verbal⁶⁷).

Com base nestas afirmações, fica evidente a a dinâmica e importância da representação cultural da Folia de Reis e do Encontro de Bandeiras em São José dos Quatro Marcos, considerando as premissas teóricas de que o espaço é o lugar vivido, onde há vida, não apenas no sentido físico e biológico, mas social e cultural formativo do indivíduo. Além disso, há também o elo cultural de identidade entre os foliões e as representações festivas em suas mais variadas linguagens de expressão.

O espaço vivido pelas práticas culturais constitui-se de um lugar como extensão da existência humana que o transforma, com traços materiais e imateriais. Quanto a isso, pode-se dizer que os lugares personificados e cristalizados nos grupos de Folia que se apresentam nas Festas de Reis, em São José dos Quatro Marcos, fazem parte de um todo mais amplo, como parte constituinte da identidade cultural dessa região institucionalizada.

⁶² Entrevista realizada com o Mestre de Folia de Reis Arnaldo de Aguiar no mês de janeiro de 2020.

⁶³ Entrevista realizada com o Palhaço de Folia de Reis Wilton no mês de janeiro de 2020.

⁶⁴ Entrevista realizada com o Folião Sebastião Oliveira no mês de janeiro de 2020.

⁶⁵ Entrevista realizada com o Folião Valdeci no mês de janeiro de 2020.

⁶⁶ Entrevista realizada com o Folião João Batista no mês de janeiro de 2020.

⁶⁷ Entrevista realizada com o Foliã D. Lena no mês de janeiro de 2020.

Sobre este ponto, alguns foliões afirmam positivamente esta visibilidade do lugar pelo poder público e sociedade. De modo geral, ao serem questionados sobre a valorização da cultura no município:

Em Quatro Marcos está sendo muito bem recebida, Araputanga também né? Por onde nós trabalha né? Em Mirassol não é tanto né? O apoio do poder público é bom e muito importante (Informação verbal⁶⁸).

Eu creio que tá. Em Araputanga tá bem organizada também. Eu nasci lá e tem mais 20 anos que faço parte aqui, venho e faço parte aqui também. (Informação verbal⁶⁹).

Eu acho que o povo gosta, porque todo mundo gosta de ver a Folia de Reis na Festa (Informação verbal⁷⁰).

Eu acho que a população aqui fica muito feliz né? Porque elas vem e se divertem o dia todo, vem várias Companhias da região pra representar. Então, o pessoal gosta muito (Informação verbal⁷¹).

Sim. Eu acho que o povo gosta, não só daqui, mas de todos municípios da região (Informação verbal⁷²).

Por conseguinte, nota-se que a identidade cultural do lugar perpassa pelas vivências dos foliões, suas experiências durante as práticas religiosas e consubstancia-se com a interação do povo circundante no ambiente do Encontro de Bandeiras. Ou seja, dos indivíduos simpatizantes que possibilitam a realização dos giros anualmente, bem como dos seus antepassados que lutaram para a formação deste espaço vivido. Hoje, isso ainda persiste como resistência cultural em um mundo polarizado por culturas elitizadas e excludentes.

As culturas populares, em sua grande maioria, são inclusivas e abertas ao povo de modo geral, com exceção da Dança do Congo e em alguns grupos de Folia de Reis que seguem algumas regras sobre a organização de seus grupos quanto à presença exclusivamente masculina. Conforme citado por Dias (2018), são costumes e paradigmas que se reestruturaram em uma escala espaço-temporal de forma sistematizada, a fim de manter uma boa convivência entre o grupo e delinear suas próprias representações identitárias. Em entrevistas com os foliões sobre possíveis restrições nos participantes do grupo, obtiveram-se as seguintes afirmações:

Não tem nenhum impedimento de lado nenhum. Tem Companhia que ainda usa aquela ignorância de achar que a mulher não pode participar, eu já vi. Aqui nós não temos esse problema (Informação verbal⁷³).

⁶⁸ Entrevista realizada com o Mestre de Folia de Reis Arnaldo de Aguiar no mês de janeiro de 2020.

⁶⁹ Entrevista realizada com o Folião Valdeci no mês de janeiro de 2020.

⁷⁰ Entrevista realizada com o Mestre de Folia de Reis Arnaldo de Aguiar no mês de janeiro de 2020.

⁷¹ Entrevista realizada com o Palhaço de Folia de Reis Wilton no mês de janeiro de 2020.

⁷² Entrevista realizada com o Folião Sebastião Oliveira no mês de janeiro de 2020.

⁷³ Entrevista realizada com o Mestre de Folia de Reis Arnaldo de Aguiar no mês de janeiro de 2020.

A Folia de Reis é para o povo. Se chegou e gostar, se sentir confortável com aquilo, se tiver o dom é Deus que faz parte. O restante é só com Deus (Informação verbal⁷⁴).

Depende do gosto da pessoa, a fé e o interesse, porque se a pessoa tiver fé e interesse e dizer “vou ser um folião”, que ele seja! (Informação verbal⁷⁵).

Eu acho que qualquer pessoa, desde que tenha vontade (Informação verbal⁷⁶). Pra mim é qualquer pessoa, desde as crianças porque é o futuro, são eles quem mais deveria frequentar (Informação verbal⁷⁷).

Sobre esta organização, é cognoscível a representação da Folia de Reis em sua forma ampla e inclusiva. Isso não faz das outras culturas uma prática impolida ou intransigente ao adotar meios mais obstruídos para o egresso de novos participantes, pois, são paradigmas diferentes que podem ser usados para a preservação da identidade cultural em sua essência. São pontos polêmicos e sempre contraditórios.

Assim posto, cabe salientar ainda, que o lugar como palco de práticas religiosas tradicionais como a Folia de Reis é sempre alvo de interpretações leigas, errôneas e, por vezes, preconceituosas, como intolerância religiosa. No que se refere às atitudes preconceituosas, os foliões assim se expressaram:

Pessoas que falam que isso não vira. Não vai pra frente. Mas cada um tem seu jeito de ser e esse é o meu (Informação verbal⁷⁸).

Preconceito sempre existe alguns. Eu já fui em outras religião. Então, sempre tem umas coisas que a gente não acha muito de acordo, mas a gente faz para o povo. Então, se o povo está feliz, a gente está feliz também (Informação verbal⁷⁹).

O preconceito é com qualquer coisa que a gente faz, sempre sai uma conversinha. Mas a gente tem que seguir a ideia da gente (Informação verbal⁸⁰).

Muito poucas pessoas. Eles falam que é um meio de vida, os próprios católicos. Mas isso é gente que não tem o que falar, porque eles falam que é contra, mas no dia da festa estão aqui participando (Informação verbal⁸¹).

Até agora não. E o dia que eu sentir eu não venho mais (Informação verbal⁸²).

⁷⁴ Entrevista realizada com o Palhaço de Folia de Reis Wilton no mês de janeiro de 2020.

⁷⁵ Entrevista realizada com o Folião Valdeci no mês de janeiro de 2020.

⁷⁶ Entrevista realizada com o Folião João Batista no mês de janeiro de 2020.

⁷⁷ Entrevista realizada com o Foliã D. Lena no mês de janeiro de 2020.

⁷⁸ Entrevista realizada com o Mestre de Folia de Reis Arnaldo de Aguiar no mês de janeiro de 2020.

⁷⁹ Entrevista realizada com o Palhaço de Folia de Reis Wilton no mês de janeiro de 2020.

⁸⁰ Entrevista realizada com o Folião Valdeci no mês de janeiro de 2020.

⁸¹ Entrevista realizada com o Folião Sebastião Oliveira no mês de janeiro de 2020.

⁸² Entrevista realizada com o Foliã D. Lena no mês de janeiro de 2020.

Um ponto importante a ressaltar nas entrevistas supracitadas está na informação verbal número 81, onde o folião em questão afirma não ter sofrido nenhum preconceito até a presente data, porém, se sofresse, não frequentaria mais a Folia de Reis. Isso nos remete ao racismo epistemológico descrito por Cruz (2012).

Apesar desta definição e discussão teórica ter uma ótica voltada mais para o racismo advindo do subjugo europeu sobre o povo africano, Cruz (2012) afirma que essa hierarquia e superioridade cultural, resultado do eurocentrismo, colonizou o mundo. Desde então, o racismo e preconceito puderam se ramificar nas mais múltiplas formas de coerção, repressão, coibição, limitação, por vezes, praticada no modo transmissor de ignorâncias e falta de conhecimento da própria formação histórica, social, política, econômica e cultural.

É evidente a necessidade de sempre resistir com as práticas culturais populares e tradicionais, pois atitudes preconceituosas e desprovidas de conhecimento podem ter consequências drásticas na dinâmica e organização de um grupo, como no caso da Folia de Reis. O que significa serem os tempos difíceis de lutas e (re) existências que nos levam a sempre (re)pensar atitudes e posicionamentos, frente ao mundo e ao lugar que ocupamos, vivenciamos e transformamos em espaço vivido.

Vale ressaltar ainda que um indivíduo ao ser retirado do lugar, seja espontâneo ou coibido, sente-se deslocado e desorientado. O retorno ao lugar, portanto, pode significar um retorno a vida, tendo em vista que o lugar é delimitado com a própria identidade cultural construída ao longo do tempo, partilhada e experienciada pelos sujeitos.

No que se refere à importância cultural das práticas religiosas tradicionais e, conseqüentemente, da Folia de Reis, Chauí (1993) afirma veementemente que essa manifestação popular de religiosidade é entendida como forma de resistência das comunidades envolvidas, que encontram um sentido para a vida e o lugar a partir das vivências, experiências, consciências, intencionalidades, subjetividades do fenômeno em suspensão.

Assim feito, reitera-se que a espacialidade e a dinâmica das práticas religiosas da Folia de Reis se apresentam de forma simbólica conectando espaços culturais, vivências e experiências através da subjetividade. Logo, se perfaz uma identidade cultural coletiva à medida que as práticas são modeladas em uma escala espaço-temporal, com a inserção e/ou renovação de paradigmas científicos e populares. Tem-se, então, a compreensão do espaço vivido e lugar como dimensões para além do material, ponderando as práticas dimensões simbólicas nele imbuídos como forma de representação e dinâmica na valorização do sujeito.

Dialeticamente, pode-se entender os lugares como um sistema complexo de ações, estruturas, códigos, paisagens. Além de partilhar da ideia de Santos (2006), afirmando que as

práticas culturais do lugar estão intrinsecamente relacionadas à herança condicionada para a posteridade, do mesmo modo que depende muito do legado de ancestralidade advindo de seus progenitores.

Esta formação relacionada aos códigos estruturados e ações se faz muito intrínseca com as práticas culturais dos lugares, sendo a base formativa de identidades culturais coletivas. Cabe ressaltar que os lugares foram abordados sobre contextos históricos e sociais distintos, logo, possuem formações distintas. A especificidade mostra de forma clara a importância de se entender a história do lugar e da região para, conseqüentemente, compreender as distintas formações socioculturais presentes no mesmo.

Cruz (2012) aborda também que as práticas religiosas são como partes constituintes da cultura através das realizações imateriais e simbólicas, fato que também é reforçado por Claval (2001), ao alegar que os mitos e crenças dentro da abordagem cultural estão nas toponímias que configuram as dimensões de determinado lugar, conforme as simbologias e vivências dos indivíduos neles inseridos. Claval (2001) afirma ainda que, na atualidade, a Geografia se debruça sobre estudos étnico-culturais de formação mítica cultural, favorecendo o enraizamento de identidades coletivas, sobretudo para buscar a gênese da formação e organização espacial.

Corroborando para esta discussão sobre as práticas religiosas, Valla (2001) afirma que a religião constitui um elemento básico constituinte da cultura, sendo a base para os fundamentos da vida e estrutura social de um povo. Por isso, a experiência religiosa proporcionada por determinada tradição popular tem suas formas simbólicas exposta no mundo nas mais várias formas de expressão, independentemente de religiões institucionalizadas.

Esta pesquisa estuda as práticas religiosas relacionadas à religiosidade, sendo de grande importância ressaltar que o catolicismo teve sua difusão no Brasil ainda colônia. Segundo Silva (2005), teve aspirações a influências indígenas, africanas e europeias, formando o sincretismo religioso com diálogo e adaptações, conforme as necessidades e vivências dos povos numa escala espaço-temporal.

As práticas culturais de caráter religioso, com origem entre o povo das comunidades, agem como um instrumento de libertação das amarras da vida, tornando a experiência como um momento de comunhão e familiaridade, por vezes, com préstimo de costumes considerados folclóricos e místicos em representações ecléticas de costumes e tradição popular. Todavia, as práticas religiosas relacionadas à religiosidade popular nem sempre são bem vistas quando analisada de forma leiga, seja por falta de um aprofundamento no saber teórico ou religioso, o que pode desencadear os preconceitos de forma errônea.

Ferreti (2007) e Vieira (2001), no que se referem às inquietações hierárquicas mencionadas, abordam uma das mudanças ocorridas nas práticas culturais populares em São José dos Quatro Marcos nos últimos anos. A fala de um folião ao ser questionado sobre o que mudou na manifestação cultural nos tempos atuais da Folia de Reis mostra a realidade: “hoje não está legal, por causa da Missa que o Padre não vem rezar. A diferença está aí, porque quando o Padre vinha ficava diferente né? Todo mundo vinha e assistia. Mas hoje ele não vem mais, não sei porque o motivo” (Informação Verbal⁸³).

Tal resistência por parte das autoridades eclesiásticas no município de São José dos Quatro Marcos está explícita pela ausência do padre nas realizações das festas populares, em louvor a Santos Reis e ao círculo natalino. Além da recusa por parte do padre, quando procurado para a realização da entrevista ou rodas de conversas sobre o referido estudo.

Esta situação acarreta uma visão displicente e indiferente em relação ao número de fiéis praticantes da religiosidade oficial, mas que são devotos irredutíveis da cultura popular da qual a Folia de Reis se vincula, o que causa um certo desconforto entre os adeptos e simpatizantes. É de extrema importância ressaltar, para fins de esclarecimento, que a mesma realidade sobre desarrimo por parte da autoridade religiosa em São José dos Quatro Marcos se aplica quando nos referimos à Secretaria de Cultura, pois uma vez procurada para a realização da entrevista, deixou essas lacunas indefinidas e inibidas.

Porém, independentemente do apoio das religiões institucionalizadas e autoridades eclesiásticas ou públicas, as festas populares sempre aconteceram e continuarão a ocorrer, porque a cultura popular vem do povo, sendo assim insubordinada a tais posicionamentos de indiferença.

Em contrapartida, no município de Vila Bela da Santíssima Trindade, a situação foi contrária, conforme explícito a seguir sobre a entrevista cedida pelo padre local:

Ela é uma manifestação da fé, através daquilo que acontece dentro da Dança do Congo, da disputa dos reinados africanos, ali vai mostrar a fé daquele povo em São Benedito, vai demonstrar a fé daquele povo no Santo Negro, para que eles pudessem vencer a batalha [...]. Nós não podemos dizer que é uma representação legítima religiosa, mas podemos dizer que é uma manifestação da fé do nosso povo através de São Benedito. Então, é uma manifestação da fé do povo e não uma instituição religiosa da fé em si, mas é a fé que brota do coração do povo mediante as dificuldades que estavam passando, as tribulações da guerra que o povo negro passava [...]. Então, a união dessas duas coisas é algo muito importante para a Igreja porque a cultura do povo é celebrada dentro da sua fé, dentro do conhecimento e da crença que o povo traz no seu coração (Informação Verbal)⁸⁴.

⁸³ Entrevista realizada com o Mestre de Folia de Reis Arnaldo de Aguiar no mês de janeiro de 2020.

⁸⁴ Entrevista realizada com o padre de Vila Bela da Santíssima Trindade no mês de setembro de 2020.

Esta análise nos remete a uma visão Humanista, tendo como base a valorização das experiências, sentimentos, intersubjetividade e a compreensão das pessoas em relação aos lugares que convivem, transformando-o em espaço vivido de acordo com suas práticas, costumes ou crenças (ROCHA, 2007).

A liturgia dentro da celebração da Santa Missa é a mesma, mas o que nós fazemos são alguns acréscimos durante o período de Festa, por exemplo, os hinos em homenagem aos Santos, que são cantados dentro da celebração da Eucaristia; a procissão com São Benedito na Missa de São Benedito, onde já é uma tradição acontecer todos os anos, onde toda a irmandade faz o passeio dentro da celebração para veneração; o ofertório com as comidas típicas da nossa cidade e apresentado diante do altar do Senhor. Então, algumas particularidades da Festança que nós acrescentamos dentro da celebração eucarística, não mudando a estrutura, forma ou rito (Informação Verbal)⁸⁵.

Nesse viés, os princípios de Droogers e Siebers (1991) embasam esta realidade ao afirmar que a religiosidade popular é alvo das influências culturais, sendo que o sincretismo religioso se faz sempre presente, culminando em interpretações na construção de identidades culturais. Em consonância, Freire (2001) traz a mesma reflexão afirmando que as práticas religiosas da religiosidade popular absorvem elementos da religiosidade oficial e vice-versa.

A gente nunca pode esquecer, nem perder de vista, e eu como padre da paróquia da Santíssima Trindade aqui em Vila Bela, que quando tomei posse aqui, nós trabalhamos isso com o nosso povo, a Festança é uma festa religiosa e cultural. O centro da coisa mais importante é sua religiosidade, o ponto ápice da Festança são as celebrações eucarísticas, é a Santa Missa [...] (Informação Verbal)⁸⁶.

Dentro de uma visão ideológica e da estrutura social vigente, temos uma realidade que, segundo Almeida (2018), pode ser considerada uma estrutura conectada a individualidade que molda o inconsciente. Por isso, a ação do indivíduo, ainda que consciente, nos aparenta como uma moldura social historicamente construída e inconsciente. Já no que se refere à estruturação, diante do vivido em trabalhos de campo, há ressalvas de que tal afirmação engendra-se no contexto histórico da formação histórica religiosa do Brasil como um todo.

Contudo, em Vila Bela da Santíssima Trindade tem-se uma confluência entre o povo e a Igreja institucionalizada, segundo relato dos próprios sujeitos que vivenciam essa realidade por parte das religiões protestantes. A afirmação, de Almeida (2018), pode legitimar algumas interpretações correlacionadas ao eurocentrismo, presente nas formas litúrgicas como ápice das representações religiosas.

⁸⁵ Entrevista realizada com o padre de Vila Bela da Santíssima Trindade no mês de setembro de 2020.

⁸⁶ Entrevista realizada com o padre de Vila Bela da Santíssima Trindade no mês de setembro de 2020.

O que fazemos no período, no período da Festança é acrescentar algumas situações da realidade a qual nós vivemos aqui. Então dentro da fé do nosso povo, acrescentamos algumas coisas em homenagem ao Santo que se celebra, devido a participação das tradicionais irmandades, que colocam o seu “algo a mais” dentro das celebrações específicas, com os seus festeiros, homenageando a cada Santo, com as danças, do Congo e dentro das celebrações de São Benedito. Então isso é acrescentado dentro da celebração mais como um anexo, como algo a mais na celebração, não atingindo a liturgia da Missa em si (Informação Verbal)⁸⁷.

Munhoz; Rosseti (2017) corroboram com princípios teóricos sobre esta análise ao afirmar que as práticas religiosas se vinculam aos grupos sociais, neste caso, os grupos de comunidades tradicionais relacionados a Dança do Congo em Vila Bela da Santíssima Trindade. O sincretismo simbólico, portanto, culmina em uma interpretação dos ensinamentos eclesiásticos espelhados nas manifestações e religiosidade popular.

Quando falamos da Dança do Congo, sabemos que o nosso povo de Vila Bela traz em si a cultura afrodescendente muito forte dentro deles. Então muitas situações que acontecem dentro das celebrações festivas, principalmente dentro da Dança do Congo, são manifestações afrodescendentes, e que ali o povo trouxe a sua fé e religiosidade. Então, nós não podemos afirmar que ali há a união do profano com o sagrado, mas diante daquilo que houve no passado, o que sobressaiu foi a fé, a intercessão de São Benedito para que vencessem (Informação Verbal)⁸⁸.

Mediante esta colocação, há uma citação de Cruz (2012) afirmando que a identidade partilhada pelos negros, aqui em específico os vilabelenses, nasce do improviso, diante do uso das experiências e vivências ancestrais pelo homem negro, mestiço, indígena, branco e pobre. Tal concepção se faz através do cotidiano e disponibilidade de elementos contemporâneos, isto é, dá-se a construção de um sentido e existência temporal.

A partir disso as vivências são explícitas nas culturas e práticas tradicionais, especificamente em Vila Bela da Santíssima Trindade, tendo em vista o histórico social, político, cultural e econômico do lugar durante séculos até a contemporaneidade.

A Dança do Congo, ela gera no povo três coisas: a comunhão, a união e a fraternidade. O Congo, durante a Festança, ela tem esse caráter de unir. Às vezes, alguém pergunta o porquê esse povo fica andando o dia inteiro, por que esse povo fica rodando o dia inteiro nesse sol quente com essas roupas? Mas vocês podem ver que o Congo durante a Festança ele nunca tá sozinho, ele tem sempre uma multidão atrás dele, então ele agrega, ele faz comunhão, ele faz fraternidade. Ali estão parentes, amigos, família, que estão caminhando atrás do Congo, celebrando a alegria, a fé, a religiosidade, a fartura, a presença de Deus no meio do povo (Informação Verbal)⁸⁹.

⁸⁷ Entrevista realizada com o padre de Vila Bela da Santíssima Trindade no mês de setembro de 2020.

⁸⁸ Entrevista realizada com o padre de Vila Bela da Santíssima Trindade no mês de setembro de 2020.

⁸⁹ Entrevista realizada com o padre de Vila Bela da Santíssima Trindade no mês de setembro de 2020.

Eu sempre costumo dizer que o período da Festança pra nossa paróquia e pra nossa cidade é o momento de renovar a nossa fé, de renovar a nossa força, porque ali nós vemos a renovação da fé no nosso povo. Nós vemos a manifestação de fé que eles trazem diante das promessas, diante da piedade, da religiosidade popular de cada um, a união das famílias, as famílias que vem de longe pra participar desse momento. Então, isso pra Igreja é algo muito importante, porque é um momento onde a família se reúne para celebrar a fé, pois a Festança é o momento em que todos param e se encontram em Vila Bela para celebrar a fé. Talvez passam anos distantes de Igreja, de movimento, mas a Festança une, faz celebrar a fé, faz reavivar dentro do coração, de fazer a experiência com o Divino Espírito Santo, então, isso é muito importante e bonito de nós vermos. Esse ano foi um ano atípico, com ano de pandemia em 2020, que nós não tivemos a Festança presencialmente, mas quantas manifestações de pessoas que puderam se unir a nós pelas simples lives que fizemos nas rezas cantadas, manifestando assim a sua fé, o seu acreditar, o seu crer (Informação Verbal)⁹⁰.

[...] A Festança e, de modo especial, a Festa do Congo têm uma particularidade muito grande, que só vai entender a manifestação de fé que tudo isso representa, aquele que vê. Se nós dissermos para as pessoas sobre a Dança do Congo, elas não vão ter a mesma experiência do que nós temos quando nós vemos, quando vemos a apresentação, o passeio deles pelas ruas da cidade. Se falarmos isso para uma pessoa que nunca viu, ela não vai ter a dimensão total do que aquilo representa, porque quando vemos pessoalmente, conseguimos enxergar ali, essa religiosidade, essa fé, essa crença do nosso povo. Por isso, ao ouvir sobre a Festa do Congo, algumas pessoas fazem até julgamentos com relação à Dança do Congo e com a fé que ali se manifesta, porque não conhece [...] (Informação Verbal)⁹¹.

Mas a minha opinião como padre, a importância da manifestação de fé da Dança do Congo é algo muito importante, porque leva o nosso povo a ter um amor e devoção maior aos Santos, de forma especial, a São Benedito, que eles trazem como gente da gente, como um homem negro que também sofreu, mas que permaneceu em Deus. E o nosso povo vilabelense é esse povo, que mesmo nas tribulações permaneceram firmes na fé. Então, é de uma importância muito grande as práticas culturais e religiosas que manifestam a fé do nosso povo. (Informação Verbal)⁹².

Cruz (2012) afirma teoricamente esta realidade ao arguir sobre as práticas religiosas como constituinte da cultura, tanto por realização simbólicas, materiais quanto imateriais. Em consonância, Claval (2001) alega que as crenças dentro de determinada abordagem cultural também são conclusivas na configuração e dimensões do lugar, de acordo com cada vivência e experiência dos grupos neles inseridos.

Assim exposto, faz-se uma analogia sobre o espaço vivido de acordo com suas práticas, levando em consideração que o espaço além de estar materializado no lugar há anos, também tem a noção social e cultural, que agrega, juntamente a si, variadas formas de simbolismo,

⁹⁰ Entrevista realizada com o padre de Vila Bela da Santíssima Trindade no mês de setembro de 2020.

⁹¹ Entrevista realizada com o padre de Vila Bela da Santíssima Trindade no mês de setembro de 2020.

⁹² Entrevista realizada com o padre de Vila Bela da Santíssima Trindade no mês de setembro de 2020.

pertencimento, representações e vivências. Tais formas ou representações, neste caso, se manifestam nas mais variadas expressões culturais do município de Vila Bela da Santíssima Trindade, multiplicidades que, se exploradas teoricamente e vivenciadas, são plenamente dinâmicas e possíveis de um novo objeto de estudo, tendo em vista a complexidade de representações nelas imbuídas.

Dentre estas práticas religiosas locais, é indiscutível a consubstanciação entre as religiosidades, pois podemos dizer que nas práticas religiosas populares do Congo houve uma representação mais simplificada e acessível da religiosidade popular a partir da abrangência e da capacidade de unir o povo durante a época da festa em torno de uma mesma divindade.

É possível afirmar que esta realidade também se aplica a Festa de Reis em São José dos Quatro Marcos, apesar da objeção por parte das autoridades religiosas em participar da pesquisa. Os fatos supracitados e relacionados às representações consubstanciadas entre as religiosidades são visíveis em ambas as práticas culturais, mesmo diante do desarrimo por parte da Igreja. Logo, quando o padre comenta “ao primeiro olhar não vai entender nada, como eu também não compreendi quando cheguei aqui a primeira vez, e às vezes fiz até esse prejulgamento, tipo nossa, mas parece que isso não tem nada a ver com a fé”, vem à tona o conceito de Cruz (2012), que por vezes pode acontecer veladamente, ou não.

Trata-se de múltiplas formas de repressão e ignorância por falta de conhecimento histórico, social, político ou cultural, porém, a vivência faz com que esta visão mude. O exemplo disso está no que o próprio padre alega “mas quando nós que já temos a experiência da fé para o povo do Congo, não vamos ver aquilo que é essência, que a Dança do Congo quer nos mostrar, que é a fé do povo negro em São Benedito.”

Tal realidade se aplica indiscutivelmente à Folia de Reis, tendo em vista a quantidade de comentários infamados aleatórios que se ouve sobre essa manifestação cultural, demonstrando a falta de conhecimento e necessidade de divulgação da cultura popular local, de modo que iniba ou esclareça tais pontos obscuros sobre as manifestações e práticas formadoras do lugar. Atemo-nos ao trecho a seguir:

O Congo durante a Festança, ela tem esse caráter de unir⁹³. Às vezes alguém pergunta o porquê esse povo fica andando o dia inteiro, por que esse povo fica rodando o dia inteiro nesse sol quente com essas roupas? Mas vocês podem ver que o Congo durante a Festança ele nunca tá sozinho, ele tem sempre uma multidão atrás dele, então ele agrega, ele faz comunhão, ele faz fraternidade. Ali estão parentes, amigos, família, que estão caminhando atrás do Congo,

⁹³ Oliveira (2019), como aporte teórico, define esse momento como delineador de memórias coletivas, onde as estruturas do lugar, o espaço vivido, os detalhes das representações, em sua grande maioria só são tangíveis para os sujeitos do lugar, por se tratar de cargas imateriais subjetivas de significados, experiências, vivências e intencionalidades, que perpassaram por gerações na sociedade.

celebrando a alegria, a fé, a religiosidade, a fartura, a presença de Deus no meio do povo (Informação Verbal)⁹⁴.

Repetidamente, a analogia se aplica à Folia de Reis ao considerar a capacidade cultural das representações em produzir uma unicidade identitária entre os povos, com características predominantes de cada grupo, mas sempre inter-relacionado, enquanto identidades aqui analisadas na perspectiva de unicidade em pluralidade. A título de conclusão sobre a entrevista supracitada e as aplicações analíticas sobre a Folia de Reis, ressalta-se esta importante colocação:

Essa tradição tem que ser transmitida aos mais novos pra que não possa acontecer essa possibilidade de um dia a Festança se extinguir de nossa cidade. Pode ser extinguida? Pode! Porque se nós não passarmos e não transmitirmos isso aos mais novos, corre o risco de isso um dia se perder com o tempo. (Informação Verbal)⁹⁵.

Ambas as práticas culturais, assim como todas as outras existentes, precisam ser incentivadas entre as novas gerações, de modo que propicie uma continuação das práticas e representações na posteridade.

Corroborando teoricamente com a contextualização das práticas religiosas pertinentes às culturas tradicionais, Menezes (2009) reitera que cada religião possui um arcabouço de sistemas, crenças e valores que inspiram normas e motivam algumas práticas. Essas práticas visam dar uma explicação genérica ao fenômeno religioso, indo além da dimensão institucionalizada e hierarquizada. Sendo assim, nos remetem novamente à Folia de Reis e à Dança do Congo, tendo em vista que ambas trazem a religiosidade para uma dimensão mais popularizada, mas não menos desprovida de sua essência fundante, o oficial e os dogmas cristãos. Por isso, são logicamente ligadas à imagem da Igreja e ao Padre, mas, nem sempre com o respaldo esperado.

As manifestações nos mostram experiências religiosas vinculadas ao espaço vivido a partir da essência católica, em consonância com a experiência e intencionalidade das práticas religiosas delas advindas. Munhoz e Rosseti (2017) corroboram com essa argumentação, pois afirmam que a cultura é natural do ser humano e se constitui em uma forma de ver e compreender o mundo. Taylor (1871) consubstancia esta teoria, argumentando que a origem remota do termo cultura servia para designar aspectos espirituais e imateriais de um povo, incluindo os conhecimentos, crenças, hábitos, arte, e vivência em sociedade, passados de geração em geração por meio da tradição.

⁹⁴ Entrevista realizada com o padre de Vila Bela da Santíssima Trindade no mês de setembro de 2020.

⁹⁵ Entrevista realizada com o padre de Vila Bela da Santíssima Trindade no mês de setembro de 2020.

Então, esta realidade se aplica à Dança do Congo, tendo em vista a oralidade e a transmissão dos saberes de geração em geração. De tal modo, as práticas, crenças e rituais religiosos constituem culturas regionais tradicionais, com hábitos adquiridos na experiência do lugar e do espaço vivido, ou seja, que foram absorvidos por gerações antepassadas e continuam sendo perpetuadas como um legado de experiência de vida, do lugar e do espaço vivido durante todos os anos.

Em consonância, Freire (2001), Munhoz e Rosseti (2017) alegam que:

Práticas religiosas entrelaçadas ao catolicismo popular ⁹⁶ se vinculam a grupos sociais que emanam locais próprios e simbólicos como formas de interpretação peculiar dos ensinamentos eclesiais da Igreja Católica Romana. Religiosidade popular é o conjunto de representações e práticas religiosas dos católicos que não dependem da intervenção da autoridade eclesial para serem adotados pelos fiéis. Essas práticas se alimentam dos usos oficiais sendo recriadas (MUNHOZ; ROSSETI, 2017. p. 74).

Podemos nos ater a Munhoz e Rosseti (2017) para entender a realidade da Folia de Reis em São José dos Quatro Marcos/MT, reafirmando que a religiosidade popular se constitui em práticas do povo e independe do apoio ou aprovação de autoridade eclesial para ser posta em prática, ou mesmo aceita pela comunidade. São realidades que extrapolam o nível das religiões institucionalizadas e vão de encontro com o sentimentalismo popular, o pertencimento, a subjetividade e a representatividade, numa junção de fatores que culminam na construção de uma identidade cultural concreta e independente.

Nesta vertente, religiosidade popular e cultura popular são conceitos conexos, porém, de acordo com Ferreti (2007), a ideia de religiosidade popular não é sempre bem aceita dentre as instituições religiosas hierarquizadas, causando possíveis tensões, como é o caso da Folia de Reis em São José dos Quatro Marcos/MT. Todavia, uma importante característica é a de persistência e determinação na perpetuação das representações que dão caráter à religiosidade popular do povo e do lugar.

Para uma melhor compreensão do conceito de cultura popular, apropriemo-nos de Ferreti (2007), que assim a apresenta:

A expressão cultura popular pode ser entendida como uma forma mais moderna de designar o folclore. A palavra folclore é muito desgastada e tem conotações pejorativas. A expressão cultura popular é também discutível. Segundo Ortiz (1980: 46), Gramsci inclui o folclore e a religião dos subordinados no conceito de cultura popular, como concepção do mundo e como forma de conhecimento que se contrapõe à cultura hegemônica (FERRETI, 2007, p. 4).

⁹⁶ O catolicismo popular é caracterizado por práticas desvinculadas da religião oficial, com uma forma própria de ver o sagrado, também chamada de religiosidade popular (MUNHOZ; ROSSETI, 2017. p. 74).

Desse modo, nota-se que ao tratar de cultura popular relacionada à religiosidade, por exemplo, o folclore, há a possibilidade de adquirir conotações desfavoráveis. Contudo, esses termos consubstanciados concedem ao fenômeno uma forma única de contraposição à cultura de massa hegemônica que se sobrepõe na contemporaneidade, tendo um papel de resistência cultural e social.

Partindo dos princípios de Munhos e Rosseti (2017), e Ferreti (2007), essa expressão de cultura popular e práticas religiosas, como forma de interpretação independente de intervenção eclesiástica para serem adotadas pelos fiéis, pode ser facilmente notada na Folia de Reis. Apesar de obter pouco apoio eclesiástico, em alguns anos passados, resistem frente às intempéries, mesmo com dificuldades, inclusive, para se manter como uma prática cultural religiosa popular e tradicional na região.

Mediante esta realidade, salienta-se a força e a magnitude sociocultural do Reisado e da Festa de Encontro das Bandeiras de Folias de Reis⁹⁷, que permanece em meio à massificação cultural e a falta de apoio eclesiástico. O intuito é sustentar o sentimento de identidade coletiva de diversas comunidades no município de São José dos Quatro Marcos/MT, bem como em locais circunvizinhos, com o apoio da Secretaria Municipal de Cultura.

Por conseguinte, pode-se fazer um paralelo entre cultura popular e folclore, visto que para o autor, na prática, essas representações se aproximam e se confundem, apesar de refletirem o sincretismo religioso. Contudo, conforme Ferreti (2007), a religiosidade popular ultrapassa o folclore através das cerimônias litúrgicas. Para corroborar com essa arguição epistemológica, Grando (2005) afirma que a inserção da dança como expressão cultural de práticas religiosas no espaço vivido constitui uma maneira tênue de vencer a vida e preservar a experiência numa tradição passada de geração em geração. Portanto, constituem-se em formas de resguardar o saber coletivo e manter vivo conhecimento da própria história, assegurando assim um futuro consistente.

A vivência em escala espaço-temporal como forma de preservação de práticas e saberes coletivos é visível nas afirmações dos entrevistados, quando indagados sobre a importância da cultura em suas vidas e o legado que essa experiência lhe traz ao longo do tempo, com suas devidas intencionalidades. Então, a devoção e tradição:

Pra mim é uma religião, simplesmente isso. Vejo como um futuro que nós temos em todo lugar do Brasil. O apoio do poder público é bom e muito importante (Informação Verbal)⁹⁸.

⁹⁷ Festividade religiosa realizada no município de São José dos Quatro Marcos/MT anualmente, com encontro de grupos de Folia de Reis de vários municípios da região, até de outros Estados.

⁹⁸ Entrevista realizada com o Mestre de Folia de Reis Arnaldo de Aguiar no mês de janeiro de 2020.

Eu acho que eu me encontrei na Folia. Eu comecei vir quando meu pai me trouxe, eu gostei. Perdi um pouco a vergonha, fiz novas amizades (Informação Verbal)⁹⁹.

A Folia de Reis pra mim representa muita coisa, muito milagres. Se a pessoa tem fé e participar, fazer uma promessa, o milagre é recebido. É muito milagre, eu já recebi. É por isso que eu frequento também né? (Informação Verbal)¹⁰⁰.

Uma tradição muito importante pra minha vida, muitas coisas e muitos milagres já aconteceram. Acho que cada vez vai melhorando mais. Os costumes são os mesmos (Informação Verbal)¹⁰¹.

Megale (2001), ainda neste sentido de festejos populares, afirma que os mesmos têm a importante característica de persistência, com a transferência dos saberes de forma verbal entre os descendentes da cultura, ou seja, “o folclore traduz ao vivo a alma de uma raça, pois é específico e genuíno no seio de cada povo, distinguindo-o das outras coletividades”. (MEGALE, 2001, p. 12.). A partir disso, retomamos novamente a Ferreti (2007) e Ortiz (1980), para dar ao fenômeno supracitado um caráter único de contraposição à cultura de massa hegemônica, quando relacionado ao folclore. Vale ressaltar que as festas além de vistas como devoções religiosas, apresentam características de caráter folclórico, representadas nas danças e vestimentas.

Para entender tais fenômenos religiosos, suas práticas e relações, Ferreti (2007) aponta a busca para além do visível, considerando os aspectos subjetivos e subentendidos na experiência religiosa dotada de intencionalidades. Tais premissas remetem à Fenomenologia, já citada anteriormente, como método de análise dos fenômenos pautados nas bases gerais de análise: experiência, consciência e intencionalidades.

Menezes (2009. p. 16) acredita que o fato de adotar as práticas religiosas como performativas culturais, “nos permitirá tomar a vida de nosso objeto-sujeito na condição indissociável e concomitante de práticas como representações e das representações como práticas.” Logo, o trabalho de campo pressupõe a evidente relação entre o pesquisador e os pesquisados, assim como o grau de subjetividade envolvido na análise das relações estabelecidas no grupo investigado. Em outras palavras, antes do trabalho de campo, fez-se necessário uma contextualização histórica sobre os fenômenos e/ou práticas religiosas que são objeto de estudo do presente trabalho, ou seja, a busca pela gênese e organização espacial da Folia de Reis (Reisado) e da Dança do Congo, também conhecida como Congada.

⁹⁹ Entrevista realizada com o Palhaço de Folia de Reis Wilton no mês de janeiro de 2020.

¹⁰⁰ Entrevista realizada com o Folião Valdeci no mês de janeiro de 2020.

¹⁰¹ Entrevista realizada com o Folião Sebastião Oliveira no mês de janeiro de 2020.

Neste sentido, as práticas são consideradas festas religiosas e importantes manifestações da cultura tradicional popular brasileira e constituem-se como mediadoras na formação de identidade cultural coletiva, estabelecendo interfaces entre povos de diferentes culturas, comunidades e Estados, em uma relação com a religião católica (LOUREIRO, 2006). Por conseguinte, em Mato Grosso as festas são consideradas importantes manifestações religiosas da cultura popular regional. Para Loureiro (2006), as festas tradicionais no Mato Grosso estão sempre relacionadas com a homenagem a um Santo, sendo admiráveis por sua mediação instrumental e síntese cultural do sagrado na representação da religiosidade popular.

A partir das leituras, podemos fazer um diálogo epistemológico com Mendes (2006), ao afirmar que as práticas religiosas populares, correlacionadas às religiosidades populares, sempre se constituíram em um problema a ser controlado pela Igreja Católica instituinte. Esse problema permanece até a atualidade com uma visão estrutural eurocêntrica forjada em momentos históricos, que perpetuam em preconceitos difundidos entre a população brasileira.

Ainda segundo Moraes (2002), entre 1878 e 1921, houve várias tentativas de controle e redirecionamento destas condutas sociais, com portarias, editais e pastorais organizados pela Arquidiocese de Cuiabá/MT. Todavia, as iniciativas continham o objetivo de remodelar as práticas e representações populares e assim coibir algumas práticas do universo popular. Vale ressaltar que nessa época era a região sul do Estado de Mato Grosso, mas que hoje compreende o Mato Grosso do Sul. Nesse contexto, a Arquidiocese supracitada tinha poderes sobre as decisões religiosas em todo território da área de estudo, tendo em vista que a Arquidiocese de Cáceres só veio a ser fundada em 1910.

Para Mendes (2006), tal proposta não obteve sucesso, porque, se proibissem as práticas religiosas e saberes populares, ocorreria uma grande instabilidade dentro da própria Igreja constituinte, além da perda no número de adeptos e fieis. Até hoje ainda é visível comportamento relacionado a estas tentativas controladoras, citadas por Mendes, por parte de algumas autoridades eclesiais em algumas comunidades tradicionais.

Esta realidade pode ser observada de forma explícita e, ao mesmo tempo, na Folia de Reis em São José dos Quatro Marcos, tanto pela recusa em participar da pesquisa quanto pela passividade e imobilismo durante a realização das festividades. Porém, do mesmo modo que tais propostas de cerceamento por parte da religião oficial, em detrimento da religiosidade e cultura popular, não obtiveram êxito nos séculos passados, na atualidade, também encontram relutâncias ao projetar seu antagonismo frente às comunidades que compõem grande parte dos fiéis.

Portanto, vale ressaltar que para alguns adeptos das culturas tradicionais, o contato com as representações e simbologias, como no caso da Folia de Reis e Dança do Congo em Louvor a São Benedito, constituem-se na única forma de acesso ao sagrado, pelos motivos mais variados e subjetivos inenarráveis. Precede-se, assim, para as romarias, peregrinações e procissões, além de todos os átimos que lembrem teofanias e memórias sagradas.

CAPÍTULO 5 – TEMPOS DE PANDEMIA: DESAFIOS DA PESQUISA E DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS

Lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós.

Maurice Halbwachs.

Este capítulo é uma construção à parte do projeto inicial de dissertação, tendo em vista que quando se iniciou o trabalho em 2019, as condições sanitárias globais eram consideradas normais. Logo, a realização de vários trabalhos de campo seria possivelmente ampla e conclusa, de acordo com o planejamento inicial. Contudo, desde que foi decretada mundialmente a pandemia da Covid-19, no início do ano de 2020, as restrições sanitárias foram rígidas e necessárias quanto aos contatos e as aglomerações devido ao alto risco de dispersão do vírus, por se tratar de uma doença respiratória altamente contagiosa e, em casos mais graves, mortal.

Diante desta situação, houve uma reorganização das normas sociais vigentes por meio de decretos municipais, estaduais e federais, visando à saúde coletiva. Aconteceu concomitantemente a esta realidade algumas adaptações ao mundo religioso e cultural, como as missas, cultos, seções mediúnicas, e outras formas e expressões de rezas, transmitidas por canais de internet.

Por isso, o presente capítulo traz como finalidade compreender sinteticamente algumas mudanças nos lugares estudados durante a realização da pesquisa, no atual contexto de pandemia global da Covid-19. Desse modo, expõem-se relatos dos sujeitos das práticas culturais da Folia de Reis e da Dança do Congo. Além disso, por ocasião do isolamento social e medidas sanitárias, as entrevistas foram realizadas por gravações de voz via WhatsApp¹⁰². A escolha do aceite e do contato foi optativo para todos os entrevistados, assim como as demais entrevistas, já citadas anteriormente.

Como já fora exposto nos capítulos anteriores toda a dinâmica, representações e especificidades da Folia de Reis e da Dança do Congo, optou-se por trazer algumas falas dos sujeitos, intercaladas com arguições teóricas que respaldam o entendimento. Iniciante parte-se do pressuposto que, com a atual situação pandêmica, as representações culturais foram

¹⁰² Aplicativo de mensagens instantâneas e comunicação em áudio, imagem e vídeo pela internet.

remodeladas quanto à sua prática costumeira. Sendo assim, as memórias, o sentimento de pertença e identidade coletiva, prevaleceram neste período de forma intrínseca, dado o caráter.

5.1 A MEMÓRIA COMO MANUTENÇÃO E RESSIGNIFICAÇÃO DAS FESTAS EM TEMPOS DE PANDEMIA

Para Halbwachs (1990) o indivíduo que lembra e apresenta memória está sempre inserido e habitado pelos seus grupos de referência, onde já mantiveram relações de contato e estabeleceram comunidade de pensamentos. Esse grupo está presente no indivíduo, independente da presença física, mas pela própria capacidade do sujeito em agir, pensar e se comportar de acordo com as predeterminações do grupo.

Nesse viés, a característica permanece como uma ressignificação nas práticas culturais da Folia de Reis e da Dança do Congo desde o início de 2020, tendo em vista que as festas que ocorriam nos lugares há anos seguidos foram interrompidas subitamente. Permanece, então, a relutância da memória e lembrança como constituintes do abstrato e subjetivo, objetivando a formação de uma lembrança viva, sempre com os grupos de referência.

O conceito de memória individual discutido por Halbwachs (1990) é bastante pertinente nesta realidade, pois, nesse contexto pandêmico e de cancelamento das festas religiosas, os sujeitos praticantes da Folia de Reis e da Dança do Congo tem em sua memória individual um ponto de convergência das influências, formando um mosaico de lembranças e nostalgias compartilhadas, que segundo o autor é um fator constituinte da memória coletiva.

Com a memória coletiva formada, tem-se a capacidade de harmonizar imagens, práticas culturais, rezas, cantos, danças, socializações e toda a universalidade simbólica da Folia de Reis e da Dança do Congo, conforme as necessidades do presente. Isso foi muito mencionado pelos sujeitos quando questionados sobre como se sentiram durante o período da realização das Festas, que não puderam ocorrer e a lembrança das suas respectivas práticas.

Dentro dessa ótica, o passado está em constante ressignificação, quando questionados sobre a ruptura das apresentações culturais no contexto da pandemia da Covid-19:

Temos que respeitar e cuidar primeiramente da saúde de nossos foliões, congadeiros e toda comunidade. Foi muito difícil, muito complicado. É uma tradição que tenho desde dos 4 anos e ficar sem fazer foi uma enorme tristeza. Hoje não podemos prever nada, só podemos pedir a Deus que ilumine esses cientistas para ter a cura o mais rápido possível (Informação verbal)¹⁰³.

¹⁰³ Entrevista realizada com o Embaixador de folia de Reis e capitão de congado Wellington Borges em março de 2021.

Foi com sentimento de tristeza, mas também de compreensão a não apresentação da Dança de Congo em 2020, pois atravessamos uma Pandemia que nos obrigou a evitar aglomerações (Informação verbal)¹⁰⁴.

Ano passado não realizamos por causa dessa pandemia, mas é uma situação muito difícil e a gente não podia deixar de fazer isso. Foi muito preocupante, então, resolvemos não fazer. Mas espero que passe isso e voltemos a apresentar a nossa Dança do Congo, porque já vai ser dois anos que se passaram e ainda está aumentando a pandemia. Então, é muito triste e dificultoso [...]. Pra mim não teve nenhuma situação emocional ou físico, foi tudo tranquilo, agora em questão de financeiro, a gente teve um gasto, porque passamos por várias situações, com médico e exames, mas nada além disso (Informação verbal)¹⁰⁵.

Foi para um bem maior, nos recuamos para proteger os nossos foliões e pessoas queridas, mesmo contra vontade. Não tivemos prejuízo financeiro, mas emocional foi muito grande. Muitos anos estamos nesta batalha, nesta carreira e nunca aconteceu isso, e esse final de ano passamos por tudo isso aí. Então, o nosso emocional ficou bastante abalado, a tristeza foi grande. A gente continua sentido na pele né? Tudo o que está acontecendo, mas como a gente é cristão e religioso, e temos fé, a gente acredita também que isso tem um propósito maior do que tudo que a gente imagina (Informação verbal)¹⁰⁶.

Para o Presidente da Associação da Dança do Congo, Cleoney Geraldês de Paula:

Foi uma perda muito grande para a população, uma dança dessa que já vem há séculos sendo apresentada, sendo manifestada culturalmente, e por questão da Covid-19 não pôde ser feita em 2020, e talvez posteriormente, nem em 2021. Então, foi uma perda muito grande pra cultura mato-grossense [...] Prejuízo financeiro? Eu creio que sim para algumas pessoas né? Na área de logística, que chega essa época da Festança a cidade recebe muito turista, tem uma movimentação muito grande, então, os turistas vêm, vem conhecer a cidade, e isso a economia também aumenta. Então, temos muitos lojistas, donos de bares e restaurantes com prejuízos sim. O emocional, sem dúvidas né? Principalmente pra nós que temos uma crença, uma tradição muito forte, então, isso deu um impacto na vida de todos nós (Informação verbal)¹⁰⁷.

Quanto aos prejuízos, outro dançante fala em consonância com o Presidente da Associação da Dança do Congo:

Na questão financeira, muitas pessoas deslocam até o município de Vila Bela para prestigiar a Dança do Congo e com isso movimenta-se o turismo e o comércio local, por este motivo entendo que houve sim prejuízo financeiro. Já na questão emocional, a apresentação envolve religião, tradição e manifestação cultural, do nosso povo. Sendo assim, o fato de não poder apresentar Dança do Congo, juntamente com a pandemia ocasionou prejuízo emocional as pessoas que apreciam a manifestação cultural no município. (Informação Verbal)¹⁰⁸.

¹⁰⁴ Entrevista realizada com o Dançante Daniel Geraldês no mês de março de 2021.

¹⁰⁵ Entrevista realizada com o Dançante Jean Carlos no mês de março de 2021.

¹⁰⁶ Entrevista realizada com o Folião Embaixador de folia de Reis Silvano de Freitas no mês de março de 2021.

¹⁰⁷ Entrevista realizada com Dançante Cleoney Geraldês (Presidente da Associação da Dança do Congo) no mês de março de 2021.

¹⁰⁸ Entrevista cedida com o Dançante Daniel Geraldês no mês de março de 2021.

Para o Embaixador de Folia de Reis, Arnaldo de Aguiar:

Não tivemos prejuízo, vamos levar da melhor maneira possível, o único prejuízo foi ficar longe dos meus amigos né? Pra mim foi a pior coisa que teve, mas um dia vamos nos encontrar. Eu acho que tudo tem uma hora certa, uma hora Deus abençoa e nossa cultura vai continuar da mesma maneira. (Informação verbal)¹⁰⁹.

Ainda segundo o Embaixador: “O importante é que estamos todos com saúde, feliz, e mesmo não encontrando os meus companheiros, eu ligo pra eles e eles falam que tá tudo bem, e a cultura não vai acabar né? Se Deus quiser a gente vai continuar” (Informação verbal)¹¹⁰.

Nas duas últimas falas fica explícito a formação de uma lembrança individual, baseada na formação de uma comunidade afetiva, citada por Halbwachs (2013), ao afirmar que para haver uma lembrança, é primordial a existência de um convívio social, onde os indivíduos estabelecem relações sociais com outras pessoas ou outros grupos. Desse modo, a lembrança individual sentida pelo sujeito nesta realidade, faz parte de um todo maior, isto é, a constituição da memória coletiva do grupo onde outrora fora inserido e influenciado por eles.

Temos aqui a memória individual e a coletiva, sendo a coletiva formada pelas vivências durante as práticas culturais e se fragmenta em memórias individuais, com nostalgias, pertença e rememoração.

Para nós foliões, coordenadores de grupos de folias e organizadores de festas de folias, a ausência de nossa festividade é algo similar aquele almoço familiar que toda a vida você realiza, que você muda todos os compromissos para estar nesse evento, e por uma "fatalidade" você não consegue ir. Por um ano, é aceitável, mas por dois anos como vai ocorrer nesse ano, é algo que foge da realidade. Para nós que contamos as horas para estar em "giro" atrás de uma bandeira, em comunhão com os devotos, amigos e familiares. É o sentimento de que perdeu algo muito importante, e que não será reparado, será diferente daqui pra frente [...] prejuízo emocional, eu tenho visto em especial nos mais velhos, pois tem uma história vivida nelas, milagres recebidos e testemunhados. A fé independe da existência da folia, mas a propagação da fé ali, vivenciado, é um "esteio" e esperança em dias melhores¹¹¹.

Na descrição do Folião, ao comparar a prática cultural com um evento familiar tradicional e ocorrer a ruptura desse acontecimento, tem-se uma “fatalidade”. Halbwachs (2013) destaca, quanto a formação da memória coletiva e individual, que esse tipo de memória se apresenta de forma muito mais vinculada ao espaço vivido que a uma mera leitura do que seria esta realidade.

¹⁰⁹ Entrevista realizada com o Folião Embaixador de folia de Reis Arnaldo de Aguiar no mês de março de 2021.

¹¹⁰ Entrevista realizada com o Folião Embaixador de folia de Reis Arnaldo de Aguiar no mês de março de 2021.

¹¹¹ Entrevista realizada com o Folião Fernando no mês de março de 2021.

Dessa forma, segundo Halbwachs (2013), o indivíduo isolado do seu grupo social não é capaz de construir experiências e, se não há a formação de experiências, consequentemente, não há uma formação de memórias. As lembranças dos últimos anos são, então, para os sujeitos da Dança do Congo e da Folia de Reis um artifício de reconstrução dos fatos passados, conforme as necessidades do momento. Sabemos que essas necessidades são de ressignificação, impondo uma relação entre passado e presente, pois segundo relato do próprio folião Fernando, “a fé independe da existência da folia, mas a propagação da fé ali, vivenciado, é um “esteio”.

Ainda sobre esta situação, relata o Secretário de Guerra, a Dança do Congo na nova realidade:

Foi uma grande surpresa para nós vilabelenses de não ter acontecido a Dança do Congo em 2020, uma dança centenária, que vem desde 1835, e nunca deixou de acontecer. Foi uma tristeza muito grande pra nós vilabelenses, pra nós participantes, e até mesmo para os participantes que, num contexto geral, ficou se alimentando de lembranças devido a não realização da Dança, devido à pandemia [...] Não tivemos prejuízo financeiro porque a nossa festa é realizada com projetos pelos órgãos públicos custeados pelo governo do Estado, mas houve um prejuízo emocional em todos nós, até porque nunca deixou de acontecer, e agora aconteceu isso [...] sempre quando chega o mês de julho quando é realizada a festa, já tem aquela expectativa de Vila Bela, enche de visitantes para nos prestigiar [...]. Hoje eu me sinto clamando, pedindo a Deus que essa pandemia se acabe, fica em oração, na expectativa que essa vacina saia e que venha logo e que todos nós fique imunizados. E em relação a não realizar a Festança devido à aglomeração, eu acho viável isso, estou de acordo, porque a nossa vida está em primeiro lugar, e pra nós ter a apresentação do Congo não tem como não aglomerar, porque somos 24 soldados e mais Rei, Secretário, Príncipe e Embaixador tornando 28 pessoas. Então só a gente já dá um grupo muito grande. Então ficamos na expectativa que acabe a pandemia e que o Congo e nossa Festança volte a apresentar. (Informação verbal)¹¹².

O que se nota nas realidades vividas diante do ano de 2020 e início de 2021 é uma ressignificação das práticas que mantém a sua essência, porém, readequando-se ao conceito de lugar como uma forma inconsciente, coletiva e imaginária. Retornemos ao conceito de Pereira e Teixeira (2015), ao aderirem algumas terminologias para se referir ao lugar, entre elas, o “lugar ideal-indireto”. Essa concepção de lugar ideal-indireto está em consonância com a realidade pandêmica, não só das festas religiosas, mas de muitas outras realidades sociais. Porém, aqui nos atemos ao “lugar ideal-indireto” quando os foliões e dançantes utilizam de suas memórias e lembranças para idealizar uma realidade virtual em suas consciências.

Ao criar as realidades virtuais, seja ela por idealização, conversas à distância, ligações ou mensagens via telefone e outras redes sociais, nos deparamos com outra terminologia de

¹¹² Entrevista realizada com o Secretário de Guerra Odair Ramos no mês de março de 2021.

Pereira e Teixeira (2015), o “lugar visual-virtual”, em que essa forma de visualizar o lugar concede aos sujeitos um sentimento de pertença, mesmo sem o contato físico ou as relações sociais. Logicamente, as duas terminologias de lugar estão embasadas pelo “lugar íntimo-afetivo”, que se constitui na perpetuação das afeições, nostalgias e sentimentos entre os sujeitos do grupo da Folia de Reis e da Dança do Congo, agindo como forma de reconhecimento por toda a trajetória já vivida pelos mesmos.

A memória, como operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e reforçar sentimentos de pertencimento, além de fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes (POLLAK,1989).

Diante desta situação, os entrevistados afirmaram que:

Eu acredito que muita coisa mudou e muita coisa vai mudar, devido à pandemia que é um fato que nunca aconteceu pra nós, de parar uma Folia de Reis, não sair, não fazer uma festa, é uma novidade pra gente. Então, temos que criar uma expectativa diferente para o nosso futuro, vamos ter que fazer algum tipo de estratégia pra ver se adapta a esse novo mundo que tá vindo aí, totalmente diferente do que a gente tava acostumado. E a gente como é de fé, tem esperança de um mundo melhor, continuar devoto, na expectativa de fazer nossas festas, não sabemos como vai ser ainda, mas temos no fundo da alma que estas festas ainda vão acontecer e a gente não vai desistir nunca. (Informação verbal)¹¹³.

Diante dessa situação, pra mim está muito bom não ter por causa da pandemia, porque está muito agravante e isso pode levar a muita situação triste para a população vilabelense. Então, o que falo é pro pessoal esperar, ficar em casa né? evitar de ficar se aglomerando [...]. A minha expectativa, eu tô muito ansioso porque já faço parte. Então, quero o mais rápido possível, mas por causa dessa pandemia estamos tendo essa dificuldade, mas espero que volte logo, mas provavelmente por essa situação que estamos passando vai ser mais um ano que vai se passar sem as apresentações culturais, devido a pandemia. (Informação verbal)¹¹⁴.

Apesar da situação, acredito que ainda temos uma expectativa muito boa em Quatro Marcos, pois o prefeito (se referindo ao poder público) apoia muito. Então, vamos conseguir superar isso sim (Informação verbal)¹¹⁵.

A gente tem que seguir tudo as normas né? Isolamento e distanciamento, esses impactos a gente vai sentir, já sentiu desde o começo da pandemia. E a cultura mato-grossense e de Vila Bela também não vai ficar sem sentir né? É uma coisa que deixa o ser humano impotente aí, sem poder agir, sem poder fazer muita coisa. Tenho esperança em Deus que isso acaba pra voltar tudo ao normal [...] A minha expectativa é que tudo acabe e que a gente possa manter os nossos componentes da dança, dos nossos familiares, e num futuro mais

¹¹³ Entrevista realizada com o Folião Embaixador de folia de Reis Silvano de Freitas no mês de março de 2021.

¹¹⁴ Entrevista realizada com o Dançante Jean Carlos no mês de março de 2021.

¹¹⁵ Entrevista realizada com o Folião Embaixador de folia de Reis Arnaldo de Aguiar no mês de março de 2021.

próximo a gente possa estar se reunindo e comemorando a nossa Festança e a nossa cultura mato-grossense (Informação verbal)¹¹⁶.

Além do que estamos vivendo, hoje encontramos dificuldade de se manter viva essa cultura e devoção. Já enfrentávamos alguma dificuldade até mesmo onde não há incentivos culturais nas escolas ou projetos para dar sequência nessa cultura tão concretizada na vida do "sertanejo". A folia ainda hoje mexe muito com o imaginário das pessoas, a figura dos bastiões, as cantorias ritmadas, bem versadas, mas eu acredito que se nada for feito, se nenhum projeto vier a manter vivo nossas culturas, a sobrevivência dela pode acabar com a próxima geração (Informação verbal)¹¹⁷.

A realidade é que a humanidade está atravessando um momento crítico, onde uma doença infecciosa causada por um coronavírus recém-descoberto vem mudando o cotidiano, o estilo de vida das pessoas e com as representações culturais tiveram que dar uma pausa para evitar aglomeração e, assim, diminuir a velocidade de infecção [...] A minha expectativa é que num futuro breve o mundo consiga vencer essa batalha imunizando as pessoas contra o coronavírus, pois, somente dessa forma poderemos voltar a nossa vida normal e, conseqüentemente, a apresentar da Dança do Congo (Informação verbal)¹¹⁸.

Nós vilabelenses, participantes da maior cultura do Estado de Mato Grosso que é a Festança de Vila Bela, onde na qual tem a apresentação da Dança do Congo, a gente fica com uma expectativa muito grande que quando voltar a apresentação, que não abale o carisma de cada integrante, que continue apresentando essa dança como muito amor, carinho e orgulho de ser vilabelense, e a gente fica pensando nos dias melhores que podem vir pela frente. Nós vínhamos com o propósito de fazer uma apresentação virtual, mas não foi aprovada porque não tem como fazer uma apresentação virtual sem a nossa aglomeração (Informação verbal)¹¹⁹.

Ao citar a apresentação virtual como uma alternativa para as práticas culturais do Congo, o Secretário de Guerra admite a impossibilidade devido à aglomeração do próprio grupo que já é numeroso por si só, fato que se agravaria com as demais pessoas necessárias para a filmagem de um grupo numeroso. Porém, pode ocorrer alguns questionamentos sobre o porquê de não realizar as práticas culturais apenas com parte do grupo.

Todavia, esta estratégia daria certo somente com o grupo de Folia de Reis, tendo em vista que se pode fazer uma apresentação um tanto satisfatória, sem perder a essência, com apenas três ou quatro pessoas que durante os giros fazem o papel de revezamento para evitar o cansaço excessivo apenas sobre alguns. Com a Dança do Congo não é possível porque cada soldado dançante do grupo tem papel primordial e, por vezes, insubstituível na hora da

¹¹⁶ Entrevista realizada com Dançante Cleoney Geraldles (Presidente da Associação da Dança do Congo), no mês de março de 2021.

¹¹⁷ Entrevista realizada com o Folião Fernando, em março de 2021.

¹¹⁸ Entrevista cedida com o Dançante Daniel Geraldles, em março de 2021.

¹¹⁹ Entrevista realizada com o Secretário de Guerra Odair Ramos em março de 2021.

apresentação e encenação da luta dos reinados, conforme já mencionado em capítulos anteriores e retratado na Figura 03.

Figura 27– Representação dos soldados dançantes do Congo durante a encenação na porta da Igreja.



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2020).

Diante do exposto, nota-se uma ruptura no modo de vida dos sujeitos, principalmente nos dias em que se realizavam as festas. A nova realidade imposta a todos de forma global incluiu também as práticas culturais, o que trouxe algumas consequências, como o reavivamento das memórias, onde as lembranças ganham vida.

Em nossa sociedade globalizada e, por vezes, robotizada em nossas ações, as festas vinculadas às práticas culturais agem no lugar e nos sujeitos como fator de dupla função para primeiro salvaguardar a ancestralidade e, posteriormente, o processo formativo de sua história. Além disso, articula uma convivência, em que o dia a dia costumeiro é suprimido e um novo dia é construído, onde o tempo é inventado, o imaterial e o incomensurável estão presentes, e as emoções mais profundas são expostas.

Entretanto, essa apropriação dos lugares, seja ele o lugar da festa (de Reis e do Congo) ou o lugar mais amplo, quando nos referimos aos municípios que a Folia de Reis percorre em

seus giros, não atinge mais a mesma espacialidade de outrora, pois toma uma dinâmica mais subjetiva e reclusa às memórias dos sujeitos praticantes, dos devotos, ou dos simpatizantes.

Por isso, no que se refere às mudanças e ressignificações nas práticas culturais da Folia de Reis e da Dança do Congo, percebe-se a predominância da memória individual e coletiva como mecanismo de recordação e processo de rememoração. Contudo, quando se trata de perspectivas em meio ao caos aparente na nova realidade imposta pelas condições atuais, torna-se laborioso projetar com nitidez, estratégias e planos futuros. Diante dessas incertezas, Calabre (2020) argumenta que:

O Brasil tem recebido fortes críticas de organismos nacionais e internacionais pela falta de planejamento e baixo grau de administração da crise da pandemia em todos os setores. Logo, com a cultura não seria diferente. Há um completo (e propositado?) imobilismo no governo federal! Passados mais de sessenta dias de quarentena, não haviam sido pensados ou direcionados recursos para ações emergenciais na cultura. Isso não significa necessariamente dizer que não há recursos, eles existem na pasta da cultura, são de diversas naturezas e poderiam ser acionados para uma ação emergencial (CALABRE. 2020. p. 12-13).

O contexto que se apresenta no início de 2021 permanece com a mesma realidade apresentada por Calabre (2020), dado que a humanidade já vive um período superior a 15 meses de quarentena sanitária. As ações políticas governamentais ainda permanecem de baixo grau administrativo e de visível carência de planejamento para enfrentar o momento de crise pandêmica. Pode notar-se que a atualidade brasileira, quando se trata de arte, cultura e/ou educação, vem enfrentando desafios sistemáticos de âmbito para além do cunho cultural, religioso e comunitário dos lugares.

Trata-se de lutas constantes (ainda que invisíveis), contra o obscurantismo e conservadorismo instalado no campo político nos últimos anos. Não obstante, essa dificuldade é consequência da estruturação política e econômica de nosso país, onde uma visão etnocêntrica e elitista foi predominantemente exaltada durante séculos de dominação colonizadora, deixando preconceitos e paradigmas infiltrados na formação social de cidadãos brasileiros, fazendo apologias à superioridade étnico-cultural de outrora.

Logo, pode-se afirmar que a pandemia do Coronavírus e suas subseqüentes medidas sanitárias trouxeram ressignificações nas práticas sociais e culturais de todas as pessoas, pois quando nos referimos de modo específico às práticas culturais deste presente estudo, notou-se uma constante nostalgia, resgate de memórias em uma forma constante e emotiva.

A título de finalização, as memórias individuais e coletivas, como fruto do processo de interação social dos sujeitos, foram e continuam sendo parâmetros essenciais neste contexto

pandêmico, agindo como instrumento de mediação entre o mundo caótico imposto pelas perdas físicas e emocionais. Nesse sentido, as práticas culturais relacionadas à religiosidade, como é o caso da Dança do Congo e a Folia de Reis, podem ser empregadas como base e sustentáculo nos dias difíceis, conforme já mencionado pelos sujeitos entrevistados neste capítulo.

Diante de tudo que foi exposto até aqui, observamos que as festas de Folia de Reis e da Dança do Congo são práticas culturais com uma dinâmica de reorganização do espaço entorno de uma divindade, no qual a reorganização movimenta não somente o setor cultural e simbólico, mas o turismo e, conseqüentemente, a economia local nos dias festivos, principalmente os hotéis, bares e restaurantes. Dessa forma, ressaltamos a importância da valorização dessas práticas como constituinte de identidades culturais, pois além de fontes condicionantes de fé, pode ser utilizada como ferramenta de movimentação monetária para comerciantes e trabalhadores autônomos que se utilizam destes espaços para ofertarem seus produtos aos participantes do evento. Além disso, delas também advém a tenacidade para perseverar por tempos sinuosos.

NOTA DE PESAR

In memoriam de todos Foliões e Congadeiros que perdemos durante a pandemia da Covid-19 em nosso território brasileiro. Em especial, a Fernando do Judô, o eternizado palhaço Faísca (Trindade/GO), D. Lindaura e Sr. Jessy (São José dos Quatro Marcos/MT); Embaixadores de Folia Baiana, João Batista (Dom Aquino/MT), Sr. Joaquim e Sr. Silvio (Barra do Garças/MT); Ex-Dançante de Congo, Sr. Abel (Vila Bela da Santíssima Trindade/MT) e tantos(as) outros(as) que não conhecemos, mas que fizeram parte da história de Estados e municípios brasileiros, quanto à sua formação sociocultural.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo deste trabalho foi compreender e comprovar que existem as práticas culturais da Folia de Reis e da Dança do Congo. Sendo assim, foi possível também mostrar como elas influenciam a formação das identidades culturais em São José dos Quatro Marcos e em Vila Bela da Santíssima Trindade/MT, respectivamente. Através desta pesquisa, que envolveu a descrição a partir da visão dos sujeitos em consonância com o aporte teórico e a análise dos relatos de alguns deles, pode-se ter uma compreensão mais aprofundada sobre tais práticas, correlacionadas à religiosidade.

Quanto aos objetivos específicos da pesquisa, foi elaborado um arcabouço teórico sobre os principais temas abordados no decorrer da pesquisa, principalmente sobre metodologia, lugar, espaço vivido e a influência dos mesmos na formação da identidade cultural dos lugares. Cada qual com sua especificidade, em consonância com as respectivas práticas culturais, para compreender os impactos causados pela pandemia da Covid-19 nas práticas culturais estudadas.

A Dança do Congo e a Folia de Reis estudadas possuem práticas, vivências e relações que influenciam na formação territorial e sociocultural dos municípios e do Estado de Mato Grosso a partir das crenças, costumes, religiosidade e outras práticas dos sujeitos nos lugares, constituindo, assim, o espaço vivido, refletido na organização do espaço local.

No que tange ao levantamento teórico, a construção permeia o texto descritivo sobre as realidades estudadas. Por isso, optou-se pela intercalação entre a discussão teórica e os dados de campo, visando uma maior integração entre teoria-prática no decorrer do trabalho.

Já a pesquisa participativa proporcionou a construção de vínculos indissociáveis e enriquecimento intelectual que contribuiu para a divulgação de práticas culturais tão importantes em nosso Estado e, conseqüentemente, no país. A metodologia de observação participativa teve grande importância no processo de percepção e assimilação das vivências dos sujeitos, permitindo a compreensão das práticas culturais e religiosas da Folia de Reis e da Dança do Congo, bem como a percepção de costumes e ritos que são passíveis de entendimento somente com a convivência entre os sujeitos a partir da imersão.

No decorrer desta pesquisa, perceberam-se vários aspectos relacionados a estas práticas culturais e a sua formação de identidades culturais, por exemplo, a relação do sujeito com o lugar, a interação social e o vínculo entre os sujeitos, assim como a resistência em preservar as práticas tradicionais frente à homogeneização da cultura.

Por fim, realizaram-se algumas entrevistas durante o período de pandemia da Covid-19, onde, apesar do constante isolamento social imposto pela Organização Mundial de Saúde (OMS), foram contatados alguns integrantes das práticas culturais da Folia de Reis e da Dança do Congo em nossa região, de forma remota. Diante desta nova realidade, há a constante rememoração entre os sujeitos, em que a lembrança é viva na mente de todos e persiste como esteio para superação destes dias tão difíceis para a humanidade.

Foram descritas também as práticas culturais religiosas da Folia de Reis e da Dança do Congo, tendo como princípio norteador a vivência dos sujeitos e da pesquisadora, em observação participante. O que tornou possível perceber as especificidades dos lugares, conforme a sua formação histórica, social, política e cultural.

É difícil precisar a origem exata das dinâmicas e espacialidades dos festejos culturais que fazem parte deste trabalho, tendo em vista a multiplicidade de significâncias e contextos que dão vida a tais manifestações, sobretudo da Folia de Reis, em que suas manifestações e rituais extrapolam os limites do município. Porém, ao se tratar de práticas e saberes como princípio partilhado na construção de identidades coletivas, torna-se mais palpável o entendimento dos costumes e tradições dos lugares e espaços vividos, em consonância com a subjetividade das coisas e dos sujeitos.

Diante disso, destacamos a unicidade dos lugares, deixando explícito as singularidades na formação dos municípios em questão. Então, o contexto colonial de formação de Vila Bela da Santíssima Trindade/MT, advém todo o processo formativo de resistência e ressignificações de um povo e sua origem. Esse transcurso culmina em uma característica ímpar quando se trata do Congo, pois o lugar preserva a sua africanidade em essência e valor.

Quanto ao município de São José dos Quatro Marcos/MT, as práticas culturais do lugar advêm de um espaço vivido, formado em uma escala de tempo um tanto menor, porque remonta ao período histórico concomitante à Marcha para o Oeste. Apesar de grande parte dos municípios circunvizinhos terem seu início formativo nesse período, a Folia de Reis em São José dos Quatro Marcos só se fortalece após influências paulistas.

A formação da identidade cultural relacionada à Folia de Reis em São José dos Quatro Marcos perpassa pela hibridização de práticas já existentes em outros Estados do nosso país. Todavia, com o passar dos anos, o lugar foi adquirindo seu estilo próprio e único nas representações, sendo uma das referências quando se trata da Festa de Reis na região. Tais informações são facilmente observadas em rodas de conversa com os foliões mais antigos de São José dos Quatro Marcos/MT, quando se referem a sua vinda para este lugar ou à chegada de seus antepassados mais próximos. Essas influências advêm também de algumas viagens dos próprios munícipes da época que simpatizaram com tais práticas e outros sujeitos que chegaram a este pedaço de chão como migrantes, trazendo consigo a sua bagagem cultural, como é o caso do próprio Embaixador da Companhia do Barreirão, natural do Estado da Bahia.

Ainda sobre os objetivos desta pesquisa, devido ao contexto atual da pandemia da Covid-19, fez-se uma breve contextualização sobre as vivências de alguns sujeitos adeptos dessas práticas culturais realizadas através de entrevistas sobre a situação dos sujeitos frente à ruptura de suas manifestações culturais. Notou-se a presente rememoração das vivências e ressignificação das representações, através da memória cultural.

A metodologia de observação participativa teve grande importância no processo de percepção e assimilação das vivências dos sujeitos, sendo que na Folia de Reis, a observação participante ocorreu durante dois anos (2019-2020), com destaque para o período festivo (novembro a janeiro). A partir de 2020, teve-se uma ruptura nessa metodologia participativa devido ao contexto da pandemia que assolou o mundo, mas continuamos pelo acesso remoto via grupos de WhatsApp, chamadas por telefone e outras redes sociais.

Esta ressignificação no próprio método de pesquisa também refreou a sequência de realização dos campos para imersão e observação participante, tendo em vista que essa metodologia se constitui em um elemento primordial para entender as vivências dos sujeitos em comunidades tradicionais como a Folia de Reis e a Dança do Congo. O tempo maior de imersão e contato com essas realidades culminariam em uma percepção mais ampla e meticulosa acerca das práticas e manifestações culturais, em um tempo curto antes do isolamento social pandêmico.

Já na Dança do Congo, a observação participativa sempre foi mais restrita desde o início da pesquisa, em 2019, devido às próprias regras do grupo em questão. Porém, com a atual situação da pandemia, houve uma ruptura da única forma de acesso participativo possível à pesquisadora, isto é, estar presente na festa, na dança, nos ensaios e socializações pertinentes a esse período. Assim, o que foi desenvolvido de 2020 até a presente data desta publicação foram alguns contatos remotos via WhatsApp, chamadas por telefones e outras redes sociais.

Pela problemática da pesquisa que foi assinalada com o papel da cultura na unificação de espaços, a presença dos costumes e identidade cultural coletiva oriundos dos mais distintos lugares, instituíram-se identidades coletivas e uma singularidade no lugar e nas suas representações, comprovada pela exposição de relatos dos sujeitos a respeito das práticas culturais da Folia de Reis e da Dança do Congo.

As práticas e percepções contribuíram para a reflexão e, por vezes, a problematização da realidade permeada de contexto histórico, influências políticas e formação dos lugares, em consonância com o território e a construção de identidades coletivas. Como exemplo, tem-se a Marcha para o Oeste em São José dos Quatro Marcos/MT e outras influências de movimentos migratórios interestaduais, em contraposição com o processo colonizador e escravagista de Vila Bela da Santíssima Trindade/MT.

Sendo assim, o processo de formação de Vila Bela da Santíssima Trindade nos leva a uma realidade única incomparável dentro da cronologia histórica de formação do território, porque as práticas culturais presentes nesse lugar são advindas de grandes lutas e resistência do povo negro e indígena que persistiram por gerações, quanto à perpetuação dos costumes, crenças, hábitos e regras.

Neste sentido, o processo formativo dos lugares não pode ser compreendido de forma dissociada do mundo dos valores, da vida social e influências políticas. Por exemplo, quando se trata de lugar e espaço vivido em Vila Bela da Santíssima Trindade/MT, temos destaque para uma característica primordial que é constituinte desse pedaço de chão, pois, de acordo com os sujeitos, faz-se presente uma africanidade inaugural, desde as gerações antepassadas. Essa africanidade está representada na Dança do Congo, assim como em várias outras práticas culturais do lugar, representadas nos estilos únicos de vestir, falar, andar, dançar, cantar e toda forma de expressão que delas advir.

O lugar, quando relacionado às práticas culturais da Folia de Reis em São José dos Quatro Marcos/MT, adquire uma dimensão de socialização das práticas culturais, porque o município tem caráter aglutinador quando se trata de Encontro de Folia de Reis. Assim falamos, posto que as práticas culturais do Reisado fazem do lugar-município uma das múltiplas

identidades locais, mas, além disso, agrega valores, práticas, saberes e influências dos municípios circunvizinhos. Os valores são agregados em uma dimensão espacial de lugar mais abrangente e são perceptíveis na presença de outros grupos de Folia da região no Encontro de Folia anual em São José dos Quatro/MT, bem como nos giros intermunicipais realizados por eles.

Constatamos também que nestas duas práticas culturais, como na maior parte das culturas brasileiras, tem em seu quadro inicial influências e elementos portugueses, africanos e indígenas, com variantes, conforme as localizações, modo de colonização e ocupação dos lugares. Isso também determina até a atualidade, os modos e meneios presentes nas representações e simbologias.

Outro ponto relevante e semelhante entre as duas festas culturais é o sincretismo religioso, ou seja, a junção das práticas populares na Folia de Reis com a religiosidade popular e com os dogmas da religião, enquanto institucionalizada pela Igreja. O mesmo se observa na Dança do Congo. Nessa analogia, pode-se dizer que a formação do arco de unidade e identidade da Folia de Reis está em constante aprofundamento, sempre em consonância com o espaço e experiências vividas dos sujeitos, pois, o município de São José dos Quatro Marcos/MT, assim como tudo o que ele envolve, é relativamente jovem se comparado à Vila Bela da Santíssima Trindade/MT. Nesse viés, a diversidade religiosa, apesar de ainda inibida ao considerar a população total dos municípios, constituiu-se em uma prática fundante e essencial para organização dos modos de vida de um povo.

No tocante à pandemia da Covid-19, notou-se uma ressignificação das práticas culturais da Folia de Reis e da Dança do Congo, ficando visível o resgate de memórias individuais e coletivas do ser social enquanto participante do grupo cultural. É perceptível a constante rememoração de atos e espaços vividos como forma de reviver o passado, ainda que de forma abstrata e imaginária, (re)construindo o lugar neste tempo incerto para a humanidade.

É imprescindível ressaltar que a Dança do Congo, como prática cultural constituída em Vila Bela da Santíssima Trindade, teve em seu contexto histórico um trajeto marcado por resistência frente ao processo de colonização, em que os povos tiveram suas culturas marginalizadas, destruídas e ignoradas. A diversidade linguística existente entre os negros trazidos para esse lugar, em condição escrava, também foi um fator de resistência cultural frente à cultura macro que se apresentava, correlacionadas à elite europeia.

A característica de resistência permanece até hoje com um forte laço temporal e ancestralidade presente no lugar, mas havia a tentativa de ofuscar o brilhantismo dessa prática cultural devido ao ideal de vida europeu e ao norte-americano, bem como suas respectivas

culturas. Assim, por muito tempo obtive a convivência de instituições sociais para apoiar essa situação de imposição cultural, inclusive por parte da Igreja institucionalizada.

Reitera-se que a nova realidade presente nestas manifestações culturais está em constante ressignificação, o que significa que a lembrança, a memória e a formação de uma lembrança cada vez mais viva em relação aos seus grupos de referência, é o que permanece, resiste e persiste. Por conseguinte, a rememoração constituiu-se em uma forma de idealizar uma realidade virtual de suas consciências, que propende a visualizar subjetivamente os seus lugares enquanto base para as relações socioculturais. Agindo dessa forma, a predominância é a vivência dos sujeitos, sua trajetória como memória partilhada em coletividade.

O conhecimento observado durante a realização do trabalho advém de uma ancestralidade, com suas práticas e manifestações culturais marginalizadas, em que os sujeitos foram retirados da sua terra, catequizados, explorados e escravizados, silenciados e esquecidos. Contudo, hoje têm nas suas práticas culturais uma resistência que pode ser considerada um ato político.

Ser negro, dançante do Congo, constituiu-se em uma forma de resistência em memória à ancestralidade, fazer política através de suas escolhas sociais e narrativas. Estas oralidades presentes nos palavreados africanizados, que outrora eram utilizados como forma de denunciar e não morrer, continham e ainda contém uma linguagem própria, significâncias únicas, porém, convivem com culturas diferentes.

Por outro lado, ser folião, neste caso, nota-se uma ligação contínua com a religiosidade cristã católica. O sentimento de pertencimento à Folia de Reis é peculiar e abrangente, pois se trata de um trabalho versado na solidariedade, respeito e cooperação mútua entre os mais diversos grupos e Companhias de Reis. Logo, o partilhamento de ideias e valores contribui para a grandiosidade imaterial desta prática cultural, dado que os mais diversos grupos de Folia estão sempre em busca de hibridizar seus conhecimentos, saberes e práticas.

Assim, a Folia de Reis em São José dos Quatro Marcos, representada pela Companhia de Reis do Barreirão, é exemplo vivo e orgânico de uma multiplicidade cultural, feita de mitos e crenças compartilhadas. Através disso, apresenta uma identidade que é conservada de forma dinâmica e reconstruída conforme as mudanças que as próprias relações sociais dos seus sujeitos produzem.

À guisa de conclusão, as diferentes identidades culturais formadas nos lugares, em consonância com o contexto histórico de cada um, nos trazem uma possibilidade de aprofundamento sobre suas especificidades e/ou profundezas míticas, sociais, políticas e

econômicas. Por isso, deixamos como legado deste trabalho a divulgação de povos tradicionais e suas respectivas culturas e contextos.

REFERÊNCIAS

- ALLES BELLO, A. **Introdução à Fenomenologia**. Baurú-SP. Editora Edusc, 2006 (Coleção Filosofia e Política).
- ALMEIDA, M. G. de. Fundamentações teóricas e perspectivas na Geografia Cultural. “Novos rumos para os estudos geográficos”. Anais... IX Semana de Geografia da UENP- Cornélio Procopio-PR, 02 ago. 2013.
- ALMEIDA, M. G. ROCHA, L. B. R. Cultura, mundo-vivido e território. Anais... Simpósio Nacional de Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente da UEL – Londrina-PR, 2005.
- ALMEIDA, S. L. de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte/MG. Letramento, 2018.
- ARAÚJO, A. M. Cultura Popular Brasileira. Melhoramentos. In: BORGES, M. C.; OLIVEIRA, V.W.N. de. **Cultura, trabalho e memória: faces da pesquisa em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande/MS: Ed. UFMS, 2006.
- BANDEIRA, M.L. **Território negro em espaço branco**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1988.
- BARBOSA, L. S. **As relações entre poder e religião na vida e na história do futuro do padre Antonio Vieira**. São Paulo: ANPUH, 2008.
- BEZZI, M. L. NETO, H. B. **A região cultural como categoria de análise da materialização da cultura no espaço gaúcho**. Curitiba/PR, Editora UF, 2009.
- BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Diretoria de Pesquisas, Coordenação de População, Aspectos Físicos e Indicadores Sociais**. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/>. Acessado em 03 jun. 2018.
- BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Diretoria de Pesquisas, IBGE Cidades, Censo 2010**. Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/>. Acessado em 27 dez. 2020.
- BRASIL, Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer (SECEL). **Mapas MT/Mapas culturais**. Disponível em <http://www.cultura.mt.gov.br/>. Acessado em 17 jan. 2019.
- BONFIM, R. M. de S. Memória, História e Cultura: trabalhando ressignificação dos conceitos históricos, a partir da experiência, cotidiano e cultura popular dos alunos da EJA do Cornélio Procopio – uma relação entre teoria e prática. In: **Versão On-line Cadernos PDE: Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE**. Cornélio Procopio/PR, 2013.
- BORDIN, L. C. **A cultura dos Quatro-marquenses**. 1ª edição. Editora Gráfica Potencial. São José dos Quatro Marcos/MT, 2020.

BORDIN, L. C. Brasil. **Lei nº 1.397, de 13 de out. de 2011.** Projeto Folia de Reis - Encontro das Bandeiras em São José dos Quatro Marcos. São José dos Quatro Marcos, MT. 2011. Disponível em Biblioteca Municipal de São José dos Quatro Marcos/MT.

BORDIN, L.C. **História e Memórias de São José dos Quatro Marcos.** São Paulo/SP. All Print, 2018.

BORGES, M. C. OLIVEIRA, V. W. N. de. **Cultura, trabalho e memória:** faces da pesquisa em Mato Grosso do Sul. Campo Grande/MS. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande/MS, 2006.

BRANDÃO, C. R. **A memória do sagrado:** Estudos de religião e ritual. São Paulo, Edições Paulinas, 1985.

BOSI, E. **Memória e sociedade** – Lembranças de velhos. 3ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BUTTIMER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Org.). **Perspectivas da Geografia.** São Paulo: Editora Difel, 1982, p. 165-193.

CAETANO, J. N. BEZZI, M. L. Reflexões na Geografia Cultural: A materialidade e a imaterialidade da cultura. **Revista Sociedade & Natureza.** Ano 23 n. 3, p. 453-466, 2011.

CALABRE, L. A arte e a cultura em tempos de pandemia: os vários vírus que nos assolam. **Revista Extraprensa.** v. 13 n. 2, p.7-21.2020.

CÂMARA CASCUDO, Luis da. **Dicionário do Folclore Brasileiro.** Belo Horizonte: Editora Italiana, 1984.

CANEDO, D. “Cultura é o quê?” – reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos. **Anais...Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura.** Faculdade de Comunicação/UFBA. Salvador/BA, 2009.

CASTELLS, M. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – O poder da Identidade.** Vol. 2. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisas em ciências humanas e sociais.** 2. ed. São Paulo, Editora Cortez, 1995.

CHAUÍ, M. Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas. In: BORGES; OLIVEIRA (2006) **Cultura, trabalho e memória:** faces da pesquisa em Mato Grosso do Sul. Campo Grande: Ed. UFMS, 2006.

CLAVAL, P. **A geografia cultural.** Florianópolis/SC, Editora da Universidade Federal de Santa Catarina 2001.

CORREA, R.L. ROSENDAHL, Z. **Introdução a Geografia Cultural.** 2. ed. Rio de Janeiro/RJ, Bertrand Brasil, 2007.

CORREIA, R. L. **Região e organização espacial.** São Paulo: Ática, 2001.

CORTELLA, M. S. **A sorte segue a coragem**. 1. São Paulo/SP, Ed. Planeta 2018.

CRUZ, P. D. R. da. **As negras raízes da Cultura Popular Mato-grossense**. São Paulo/SP, Plêiade. 2012.

DIAS, L. M. **O Reisado no município de São José dos Quatro Marcos/MT: uma contribuição à Geografia Cultural**. 2018, 76 f. Monografia (Graduação em Geografia). Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres/MT, 2018.

ESCUADERO, C. **Reflexos do conceito de identidade cultural na imprensa imigrante**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0973-2.pdf>. Consultado em abr. de 2021.

FAVA, B. M. de. **Valores sociais na mesa: comida cotidiana e festiva em Vila Bela da Santíssima Trindade/MT**. 2015, 118 f. Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá/MT, 2015.

FERREIRA, L. F. Iluminando o Lugar: três abordagens (Relph, Buttimer e Harvey) in: **Boletim Goiano de Geografia**. Goiânia, jan/julho de 2002. v. 22, n.01. p. 43-72. Goiânia/GO, 2002. Disponível em: Acesso em: Acessado em jan. 2019.

FERREIRA, L. F. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano 5, nº 9, pp. 65-83, jul./dez., 2000.

FERRETI, S. F. Religião e festas populares. Culturas Populares. **Anais...** na XIV Jornadas sobre Alternativas Religiosas em América Latina. Buenos Aires-Argentina, 2007.

FRAZÃO, N. de A. **Folclore de Vila Bela. Dança do Congo**. Vila Bela, s/d, mimeografado.

FREIRE, S. N. R. **O coro dos penitentes: uma outra abordagem para o ensino da arte**. 2001, 54 f. Monografia (Graduação em História) Universidade Regional do Cariri – URCA. Crato/CE, 2001.

GONZAGA, A. D. **Milagre e Castigo: mito e memória nas folias de reis de Itaguari-GO**. 306 f. Tese (Doutorado em História) Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História (FH) Goiânia/GO 2017.

GRANDO, B. S. **Cultura e Dança em Mato Grosso**. Central de Texto: Cáceres/MT, Editora Unemat, 2005.

GRANDO, B. S. **Corpo, educação e cultura: tradições e saberes da cultura mato-grossense**. Cáceres/MT: Editora Unemat, 2007.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Rio de Janeiro, Vertice, 1990.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

HOLZER, W. **A Geografia Humanista: sua trajetória de 1950 a 1990**. 1992, 392 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Departamento de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro/RJ, 1992.

HOLZER, W. O lugar na Geografia Humanista. **Revista Território**. Rio de Janeiro, ano IV, nº 7, p. 67-78. jul.dez 1999,

LIMA, R. T. de. **Folguedos Populares do Brasil**. São Paulo/SP: Editora Ricordi., 1962.

LOUREIRO, R. **Cultura Mato-Grossense: festas de Santos e outras tradições**. Cuiabá/MT: Editora Entrelinhas, 2006.

MACHADO, M. F. R. **Diversidade Sociocultural em Mato Grosso**. Cuiabá/MT,; Editora Entrelinhas, 2008.

MARTINS, J. BOEMER, M.R. FERRAZ, C. A. A fenomenologia como alternativa metodológica para pesquisa: algumas considerações. **Rev. Esc. Enf.** Universidade de São Paulo. 24(1): p. 139-147, abr. 1990.

MEGALE, N. B. **Folclore Brasileiro** – 3 Ed. – Petrópolis. Editora Vozes, 2001.

MENDES, L. A. S. de. Entre o sagrado e o profano: a Festa de Reis em Três Lagoas/MS. In: BORGES, M. C.; OLIVEIRA, V. W. N. de. **Cultura, trabalho e memória: faces da pesquisa em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2006.

MENEZES, C. V. B. de. **Religiões e práticas religiosas na região do Contestado (SC): os herdeiros de um Mundo Reencantado**. 2009. 123 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, São Paulo/SP, 2009.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. 4. Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MOTTA, M. F. **Espaço vivido/espço pensado: o lugar e o caminho**. 2003. 161 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre/RS, 2003.

MOURA, L. G. B. **Vozes da resistência: tradição, inovação e participação da juventude no Congado de Estrela do Indaiá - Minas Gerais**. 2012. 225f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Viçosa. Viçosa-MG, 2012.

MOURA, M. da C. R de. **Construções culturais nas práticas alimentares da Festa em Vila Bela da Santíssima Trindade-Mato Grosso**. 2005, 297 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá/MT, 2005.

MORAES, S. de. Quem da esmola aos festeiros empresta ao diabo. **Anais...** VI Encontro de História do Mato Grosso do Sul: história, memória e identidades. Campo Grande: UCDB, 2002.

MORAIS, V. A. de. **Educação escolar quilombola: saberes e fazeres docentes no contexto da escola Verena Leite de Brito, Vila Bela-MT**. 2018. 165f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá/MT, 2018.

MUNHOZ, M. M. ROSSETI, R. Religião e cultura popular: exposição midiática da comunidade dos Penitentes de da Irmandade da Cruz na região do Sertão do Cariri no Estado do Ceará, Brasil. Estudos sobre las Culturas Contemporâneas. **Revista Época III**. Vol. XXIII. Número Especial III, p. 74-89. Colima. 2017.

NOGUEIRA, A. R. B. Uma interpretação fenomenológica na geografia.. In: SILVA, A.D.; GALENO, A. **Geografia: ciência do complexus**. Porto Alegre: Sulinas, 2017.

OLIVEIRA, H. C. M. Espaço e religião, sagrado e profano: uma contribuição para a geografia da religião do movimento petencostal. **Caderno Prudentino de Geografia**, n. 34 v.2 p.135-151. Presidente Prudente-SP, 2012.

OLIVEIRA, L. de. Percepção do meio ambiente e Geografia. In: **OLAN - Ciência & Tecnologia** [arquivo de dados legíveis por máquina]. v.1, n. 2 nov. 2001.

OLIVEIRA, J. H. D. de. Viva o Glorioso São Benedito! In: ROMANCINI, S. R. **Cultura e representação: Diferentes imagens e linguagens na Festa de Vila Bela da Santíssima Trindade**. Cuiabá/MT, Editora e Gráfica Print, 2019. p. 163-177.

PÁDUA, L. C. T. **A Geografia de Yi-Fu Tuan: Essências e Persistências**. 2013. 208 f. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade de São Paulo/Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo/SP, 2013.

PERGO, Vera Lúcia. **Os Rituais Na Folia de Reis: Uma das Festas Populares Brasileiras**. Junho, s.l., Editora FAPI, 2017.

PEREIRA, A.R.; TEIXEIRA, M.F. Lugar, casa, bairro: olhares geográficos sobre o Jardim Emília – Minaçu-Goiás-Brasil. In: **Élisée, Rev. Geo.** Anápolis, UEG, v.4, n.1, p.189-212, Jan./jun., 2015.

PICKLES, J. **Phenomenology, Science, and Geography: Soatality and the Human Sciences**. Cambridge University Press. Cambridge- Reino Unido, 1985.

POLLACK, M. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 2, nº 3, pp. 3-15, 1989

RABAÇAL, A. F. **As congadas no Brasil**. Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia. Conselho Estadual de Cultura. São Paulo/SP, 1976.

RELPH, Zech C. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**, n. 4, v. 7, p. 1-25, 1979. Disponível em:
<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/14763>

RELPH, 1971. 'An inquiry into the relations between phenomenology and geography, **Canadian Geographer**, 14: 193-201.

RELPH, 2012. Relph, E. (2009). 'A pragmatic sense of place', **Environmental and Architectural Phenomenology** 20 (3): 24- 31.

RELPH, E. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**. Rio Claro, v. 4, n. 7, p. 1-25, abr. 1979. Place and placelessness. London: Pion Limited, 1980.

ROMANCINI, S. R. (Org) **Cultura e representação. Diferentes imagens e linguagens na Festa de Vila Bela da Santíssima Trindade**. 1ª edição. Cuiabá/MT. Editora e Gráfica Print, 2019.

RONSINI, V. M. ROSSATO, A. Juventude, mídia e movimentos sociais camponeses: encontros e desencontros. **Anais ...** Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação- Anais...Brasília; Intercom. São Paulo, 2006.

ROCHA, S. M. **Geografia Humanista: história, conceitos e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo**. R. RAÍGA. Curitiba/PR: Editora da Universidade Federal do Paraná n. 13, , 2007. p. 19-27.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo. Razão emoção. 4 Ed. São Paulo/SP: Editora Hucitec. 2006.

SEABRA, G.de F. **Fundamentos e perspectivas da Geografia**. João Pessoa: Editora Universitária da Paraíba-UEPB, 1999.

SILVA, T. R. da. A geograficidade e os saberes tradicionais dos pescadores do lago Guaíba: subsídios para a cogestão das águas do manancial. **Anais...** Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente. Anais...Londrina 2005.

SOUZA, ET. AL. **Os conceitos de cultura, identidade e diferença nos estudos de gênero, sexualidade e educação**. Disponível em:
<http://www.rededesaberes.org/3seminario/anais/textos/ARTIGOS%20PDF/Artigo%20GT%207B-02%20%20Simone%20Teixeira%20de%20Souza,%20Ruth%20Pavan%20e%20Jos%20Lic%20Dnio.pdf> .Consultado em març. 2021.

SOUZA, M. de M e. **Reis negros no Brasil escravista**. História da festa de coroação de Rei Congo. Belo Horizonte/MG: Editora da Universidade Federal de Minas Gerais., 2006.

SCHMIDT, R. T. Refutações ao feminismo: (des)compassos da cultura letrada brasileira. **Revista Estudos Feministas**, v. 14, n. 3, 2006.

TEIXEIRA, S. K. **Das imagens às linguagens do geográfico**: Curitiba, a “capital ecológica”. 310 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

TOMAZI, N. D. ROSSI, M. A. **Sociologia para o ensino médio**: volume único. São Paulo/SP: Editora Saraiva, 2016.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difiel, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Human Goodness**. Madison: The University of Wisconsin Press, 2008.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo/SP: Editora DIFEL, 1983. 250 p.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo/SP: Editora EDUEL – Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2013.

VIEIRA, M. D. P. C. “**Os penitentes do rosário da mãe de Deus**: Conformismo ou resistência”. (Graduação em História) URCA - Universidade Regional do Cariri, Crato-CE, 2001.

VIEIRA, A. **Sermões de Padre Antônio Vieira**. Erechim, EDELBRA, 1998.

WARF, B. Humanistic Geography. In: WARF, B. (ed.). **Encyclopedia of Human Geography**. Thousand Oaks/ London/ New Delhi: SAGE Publications, 2006.

ANEXOS



ESTADO DE MATO GROSSO

Prefeitura Municipal de São José dos Quatro Marcos



LEI Nº 1.397 de 13 de Outubro de 2011.

Dispõe sobre a criação do Projeto FOLIA DE SANTO REIS - Encontro das Bandeiras em São José dos Quatro Marcos.

JOÃO ROBERTO FERLIN, PREFEITO MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ DOS QUATRO MARCOS, ESTADO DE MATO GROSSO, NO USO DE SUAS ATRIBUIÇÕES LEGAIS, FAZ SABER que a Câmara Municipal aprovou e ele sanciona a seguinte lei:

Art. 1º - Fica criado o Projeto FOLIA DE SANTO REIS - Encontro das Bandeiras em São José dos Quatro Marcos, a ser realizado na última semana do mês de Janeiro de cada ano.

Art. 2º - As despesas para realização e organização deste Projeto serão de dotação própria do Município ou de possíveis convênios.

Art. 3º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

São José dos Quatro Marcos/MT, 13 de Outubro de 2011.



2º REGISTRO NOTARIAL
S. J. Quatro Marcos - MT
AUTENTICAÇÃO

Certifico e dou Fé que a presente cópia confere com o original a mim apresentado

S. J. Quatro Marcos - MT, 17 NOV 2011

Maria Eli de Lima Pereira
Notária

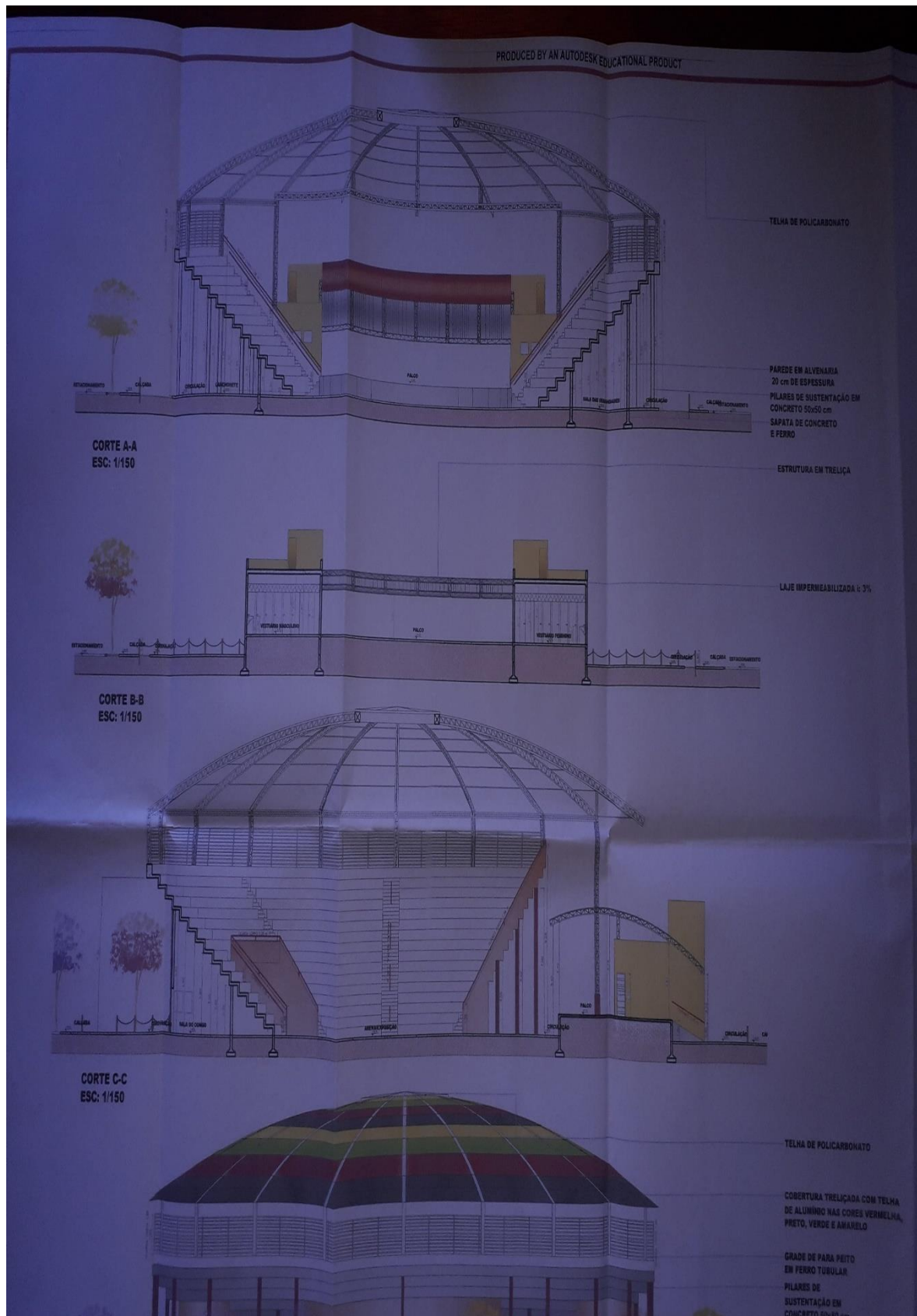


JOÃO ROBERTO FERLIN
Prefeito Municipal

E-mail: prefeitura@saosjosedosquatromarcos.mt.gov.br

Av. Dr. Guilherme Pinto Cardoso, 539 - Centro - CEP 78.285-000 - FONE: (65) 3251-1138

Parte do projeto do Congódromo de Vila Bela da Santíssima Trindade/MT.



Fonte: Anne Caroline Brito Berlandi.

Organizado por: Dias, Letícia de Matos (2020).

DECLARAÇÃO

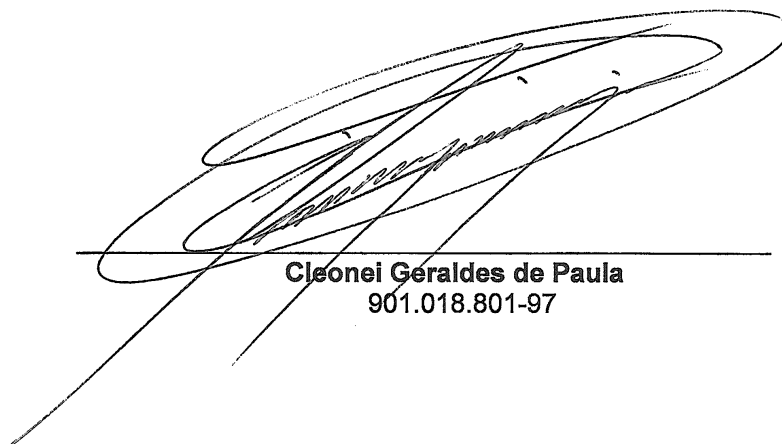
Ao: Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

A Associação da Dança Cultural do Congo, situada na Rua Travessa do Palácio, nº 2043, Centro, Vila Bela da Santíssima Trindade-MT, *neste ato representado por Cleonei Geraldês de Paula*, brasileiro, Vigilante, solteiro, portador do RG nº 1191613-3, CPF nº 901.018.801-97, residente na Rua Travessa do Palácio, nº 2043, Centro, no município de Vila Bela da Santíssima Trindade/MT, CEP 78.245-000.

Por meio do presente, declara estar ciente que o Grupo da Dança Cultural do Congo, foi convidado para participar, como voluntário, em uma pesquisa proposta por **Letícia de Matos Dias**, Acadêmica do Curso de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO) - UNEMAT, brasileira, professora, divorciada, portadora do RG nº 1648343-0, CPF nº 035.903.221-44, residente na Avenida Quatro Marcos, nº 932, Jardim Bela Vista, município de São José dos Quatro Marcos/MT, CEP: 78285-000. Sendo assim, declaro para os devidos fins, que o Grupo de Dança Cultural do Congo aceita fazer parte do estudo.

Termos em que, Peço deferimento.

Vila Bela da Santíssima Trindade/MT, aos 06/02/2020.



Cleonei Geraldês de Paula
901.018.801-97

DECLARAÇÃO

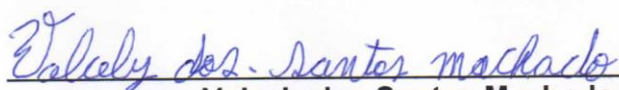
Ao: Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

A Associação da Companhia de Reis do Barreirão, situada na Rua Olegário de Campos, S/N na Praça Central da Igreja de Santos Reis, Jardim Bela Vista, São José dos Quatro Marcos-MT, *neste ato representado* **Valcely dos Santos Machado**, brasileira, secretária do lar, solteira, portadora do RG nº 1188497-5, CPF nº 870.400.181-87, residente no Assentamento São João da Figueirinha, Lote Nossa Senhora da Aparecida, nº 14, município de São José dos Quatro Marcos/MT, CEP 78.285-000.

Por meio do presente, declara estar ciente que a Companhia de Reis do Barreirão foi convidada para participar, como voluntária, em uma pesquisa proposta por **Letícia de Matos Dias**, Acadêmica do Curso de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO) - UNEMAT, brasileira, professora, divorciada, portadora do RG nº 1648343-0, CPF nº 035.903.221-44, residente na Avenida Quatro Marcos, nº 932, Jardim Bela Vista, município de São José dos Quatro Marcos/MT, CEP: 78285-000. Sendo assim, declaro para os devidos fins, que a Companhia de Reis do Barreirão aceita fazer parte do estudo.

Termos em que, Peço deferimento.

São José dos Quatro Marcos/MT, aos 06/02/2020.



Valcely dos Santos Machado
870.400.181-87

DECLARAÇÃO DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

Profissional de Letras

Eu, Andreza Marcião dos Santos, brasileira, solteira, Professora de Língua Portuguesa, portadora da carteira de identidade nº 2495919-7, inscrita no CPF sob o nº 014.460.462-06, graduada em Letras e Mestra em Ensino de Ciências e Humanidades pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Doutoranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), residente em Avenida Novara, 80, Belo Horizonte, MG, CEP: 31340-422, declaro, para os devidos fins, que, no intuito de obter clareza, coesão e coerência, realizei a avaliação de Língua Portuguesa (aspectos linguísticos, gramaticais e ortográficos) e o Resumo (Abstract) em Língua Inglesa, em obediência ao padrão da norma culta, do trabalho intitulado “**PRÁTICAS CULTURAIS E IDENTIDADES COLETIVAS DA FOLIA DE REIS E DA DANÇA DO CONGO EM SÃO JOSÉ DOS QUATRO MARCOS E VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE / MT**”, elaborado por Letícia de Matos Dias.

Por ser verdade, firmo a presente declaração.

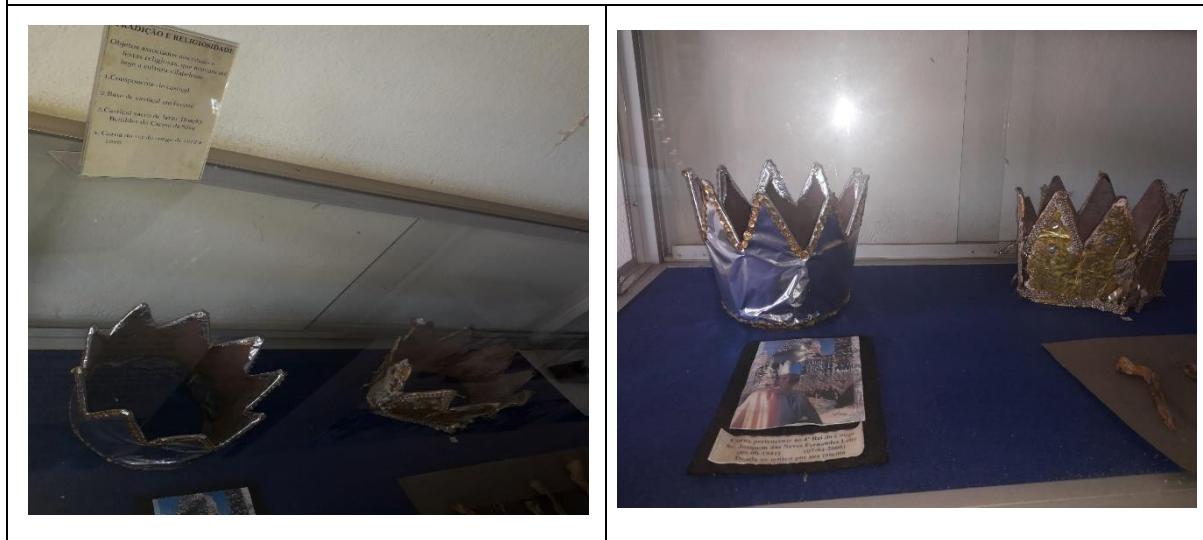
Belo Horizonte-MG, 28 de julho de 2021.



Andreza Marcião dos Santos

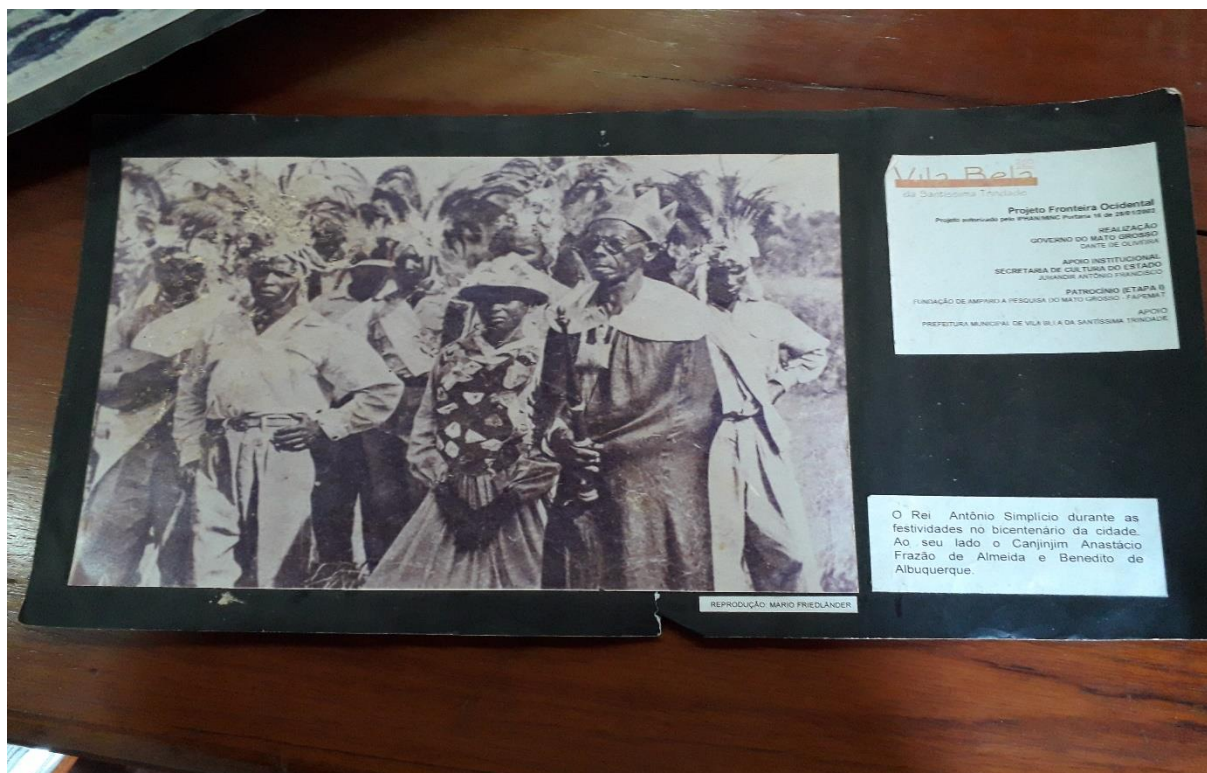
7. APÊNDICES

Objetos utilizados por dançantes do Congo (in memorian) disponíveis no Museu Joaquim Marcelo Profeta da Cruz, de Vila Bela da Santíssima Trindade /MT



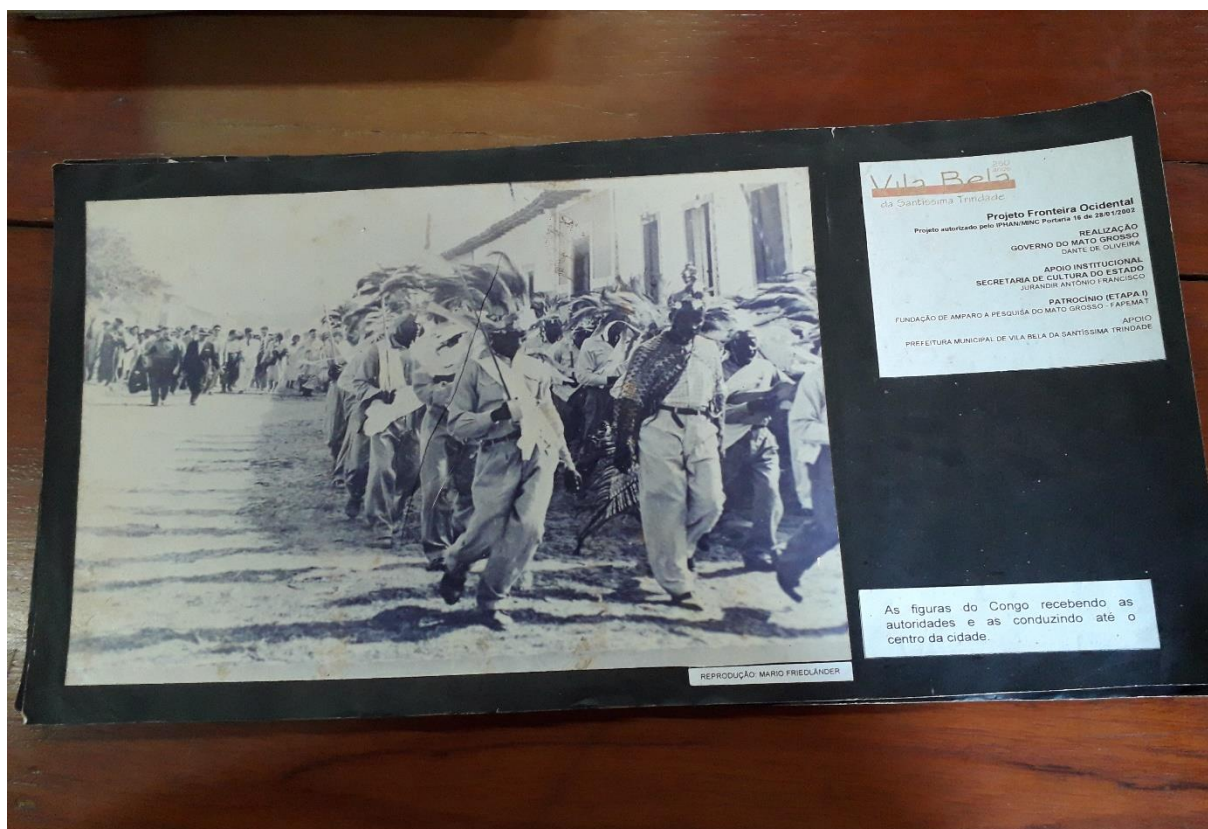
Fonte: Dias, Letícia de Matos (2019).

Fotos antigas da Dança do Congo disponíveis na Biblioteca Municipal de Vila Bela da Santíssima Trindade/MT



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2019).

Fotos antigas da Dança do Congo disponíveis na Biblioteca Municipal de Vila Bela da Santíssima Trindade/MT.



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2019).

Mulheres do Chorado, em Vila Bela da Santíssima Trindade/MT.



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2019).

Os ramalhetes da Dança do Congo. Cargo inicial que uma mulher pode ocupar.



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2019).

Padre durante a realização da Missa em Louvor a São Benedito.



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2019).

Festeiros de São Benedito em cerimônia de passagem do cargo.



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2019).



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2019).

Padre, festeiros e comunidade adeptos da irmandade de São Benedito na última Festa antes da pandemia em 2019.



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2019).

Integrantes da Companhia de Reis do Barreirão na 1ª Conferência Municipal de Cultura.



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2019).

Foliões chegando em uma residência no sítio.



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2019).

Realização da Meia-Lua.



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2019).

Ato devocional com a bandeira.



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2019).

O passar embaixo da bandeira como ato simbólico.



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2019).

O cantar para abençoar o almoço.



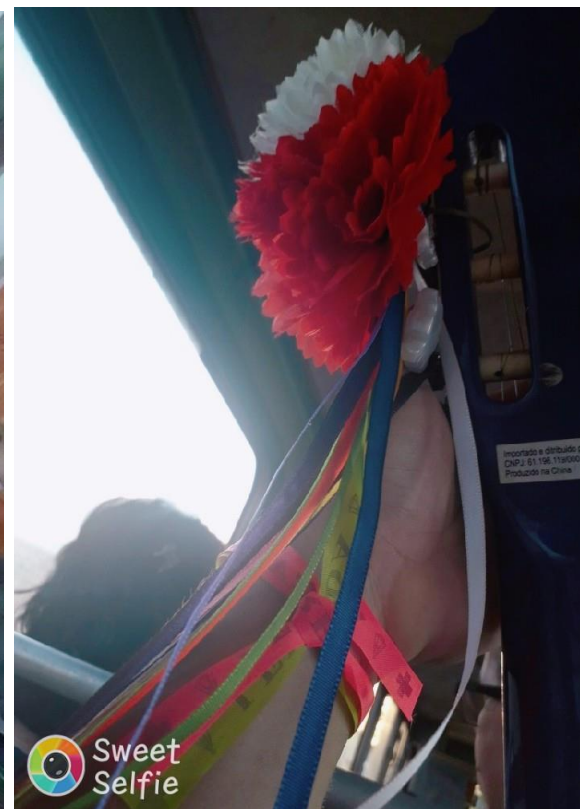
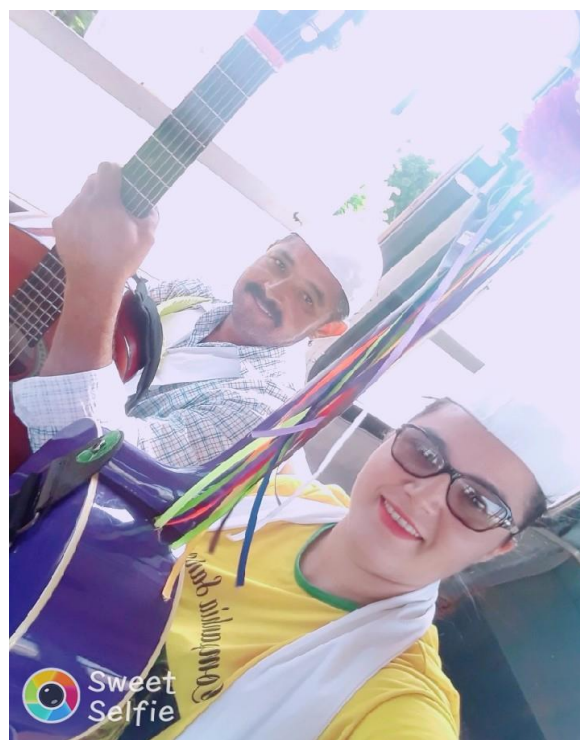
Fonte: Dias, Letícia de Matos (2019).

Participação na festa de 2018 e 2019, antes da pandemia.



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2019).

Pesquisadora na aplicação do método participativo.



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2019).

Devota colocando enfeite na bandeira.



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2019).

O passar pela bandeira antes do giro.



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2019).

Foto da Companhia do Barreirão (data não definida).



Fonte: Arquivo da Companhia de Reis do Barreirão

Preparação do local da celebração da Missa a São Benedito.



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2019).

O Congo em suas apresentações pelas ruas de Vila Bela da Santíssima Trindade/MT.



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2019)

Juiz e Juíza da Festa de São Benedito em 2019 (festeiros).



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2019)

A – Juiz e Juíza (festeiros) de São Benedito.



B - Retrato com o dançante Bachmam Leite Ribeiro.



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2019)

Mulher dançante do Chorado durante a apresentação ao público em 2019.



Fonte: Dias, Letícia de Matos (2019).



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CÁCERES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - PPGGEO



FORMULÁRIOS E ROTEIRO DE ENTREVISTAS¹²⁰

Dissertação de Mestrado: Práticas culturais e identidades coletivas da Folia de Reis e da Dança do Congo em São José dos Quatro Marcos e Vila Bela da Santíssima Trindade/MT.

Identificação (optativo)

Dimensões da Dança do Congo

1. Como conheceu a Dança do Congo? Quanto tempo?
2. Desde quando tem esta festa em Vila Bela? Como era a Dança do Congo antigamente?
3. Houve alguma mudança na festa nos últimos anos? Se sim, o que?
4. Na sua opinião, a Dança do Congo se assemelha a outra manifestação religiosa popular? Se sim, qual?
5. O que representa a Dança do Congo pra você? Qual o motivo de estar nela?
6. A Dança do Congo é importante para Vila Bela da Santíssima Trindade? Por que?
7. Como é Vila Bela antes, durante e depois da festança? Explique.
8. Como você acha que a Dança do Congo é vista pelos moradores vilabelenses?
9. Quais os principais símbolos da Dança do Congo? Por que?
10. Como é feita a transmissão do conhecimento da Dança do Congo?
11. Quem pode participar da Dança do Congo? Por que?
12. Na sua opinião, há possibilidades da Dança do Congo deixar de existir em Vila Bela da Santíssima Trindade? Por que?
13. Estudando outros grupos de Congo, em outros lugares, eles usam vários termos para definir a mesma cultura, como Dança do Congo, Festa do Congo e Congada. Na sua opinião é certo todos estes termos? Por que?
14. Você sabe a diferença entre Congada e Moçambique?
15. Em Vila Bela existe preconceito por causa desta prática religiosa? Se sim, quais? Como? Já sentiu preconceito sobre esta cultura, fora de Vila Bela?
16. Você sente que a cultura da Dança do Congo está sendo valorizada em Vila Bela da Santíssima Trindade?
17. Qual o maior ensinamento que esta cultura lhe trouxe?
18. A festividade local conta com apoio e incentivo do poder público? Como? É suficiente?
19. Qual sua relação com o lugar e as pessoas do Congo? Como isso determina seu modo de organizar o espaço e a vida no lugar?
20. Como você avalia a interação, o comportamento e a dinâmica do grupo? Houve alguma mudança? Se sim, qual?

¹²⁰ Os mesmos formulários foram aplicados em São José dos Quatro Marcos, apenas com a alteração do nome da cidade e das práticas culturais do Congo para a Folia de Reis.

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Identificação

1. Quantidade de pessoas adeptas e/ou simpatizantes

Aspectos/organização/vida social/atividades

1. Aspectos e sentimentos do lugar: Vila Bela da Santíssima Trindade/MT
2. Aspectos sociais e infraestrutura da cidade
3. Elementos identitários da Dança do Congo no lugar
4. Características da vivência/experiência coletiva
5. Elementos simbólicos do cotidiano
6. Sociabilidade/solidariedade
7. Relações dos modos de vida com o lugar
8. Mudanças nos hábitos de vida através da modernidade.

ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA O PODER PÚBLICO MUNICIPAL SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

1. Como avalia a estrutura da Festa do Congo?
2. Como avalia a estrutura da cidade para o acolhimento dos visitantes durante a festança?
3. Qual é o principal atrativo turístico da Festa do Congo?
4. O que a Festa do Congo representa para a administração municipal?
5. A festividade local conta com apoio e incentivo do poder público? Como? É suficiente?
6. Como é Vila Bela antes, durante e depois da festança? Explique.
7. Na sua opinião, há possibilidades da Festança se extinguir algum dia? Por que?
8. Houve alguma mudança na festa nos últimos anos? Se sim, o que?
9. Na sua opinião, a Festança é importante para o município? Por que?

ROTEIRO DE ENTREVISTAS PARA LIDERANÇAS RELIGIOSAS MUNICIPAL IGREJA CATÓLICA

1. O que a Festa do Congo representa para a Igreja Católica como instituinte da fé?
2. Na sua opinião, a Dança do Congo é uma representação religiosa legítima? Por que?
3. A Igreja tem apoiado a Festança local? Sempre foi assim? Mudou alguma coisa com o tempo?
4. Na sua opinião, a Festança é importante para a Igreja? Por que?
5. Houve alguma mudança nas práticas e liturgias religiosas nos últimos anos?
6. Na sua opinião, há alguma possibilidade da Festa se extinguir em Vila Bela da Santíssima Trindade? Por que?
7. Há alguma diferença nas práticas religiosas e liturgias da Igreja durante esse período festivo?
8. O que as práticas culturais e religiosas do Congo representam pra você enquanto padre?
9. Na sua opinião, a Dança do Congo tem caráter religioso e profano? Por que?
10. Qual sua visão sobre o papel da Dança do Congo na Festança de Vila Bela e como isso interfere na fé do povo.

ROTEIRO DE ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS SOBRE A PANDEMIA E SEUS IMPACTOS NAS REPRESENTAÇÕES CULTURAIS

1. O que você achou de não ter realizado a Dança do Congo em 2020?
2. Teve algum prejuízo financeiro ou emocional?
3. Como você sente a realidade agora, diante desta situação, em não poder fazer as representações culturais devido a aglomeração?
4. Quais suas expectativas para o futuro da cultura local?